



Contos **vol.1**



CONCURSO LITERÁRIO

OSÓRIO

ALVES DE CASTRO



UFOB

Contos
vol.1



CONCURSO LITERÁRIO
OSÓRIO
ALVES DE CASTRO

Contos *vol.1*



UFOP

Copyright © 2022 Universidade Federal do Oeste da Bahia

EDIÇÃO

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

CAPA

Plínio Rodrigues

DIAGRAMAÇÃO

Cícero Félix

REVISÃO

Natacha Stefanini Canesso

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Oeste da Bahia
Biblioteca Universitária

U58 Universidade Federal do Oeste da Bahia.

Contos. / Universidade Federal do Oeste da Bahia. – 1.ed. – Barreiras/Ba: [s.n],
2022.

218 p. – (Concurso Literário Osório Alves de Castro; v.1)
ISBN: 978-85-60065-02-8

1. Contos 2. Literatura 3. Cultura I. Título. II. Série

CDD – B869.3

Bibliotecária: Alizete Neves Silva : CRB5/1658



UFOP

Universidade Federal do Oeste da Bahia

Rua Professor José Seabra de Lemos, 316.

Recanto dos Pássaros, Barreiras (BA).

www.ufob.edu.br

Sumário

Um Oeste literário, 8
Prefácio, 12
Elisa, um grito de dor, 16
O sumiço da mãe d'água, 30
Um bar: dois destinos, 38
Mãe Véa, 48
Memórias de uma infância abençoada, 58
Encantos do São Francisco, 66
Perpétua, 74
O peixe que fui!, 82
O caçador de corpos, 94
O carnaval em que dancei, 102
O Heresiarca de Mubringia, 114
A família, 124
Ressurreição, 138
Fim do Mundo, 148
Remetido sangue, 158
Sexta-feira, 164
O cordeiro do sacrifício, 174
Verão em Cordisburgo, 188
O episódio do papel bíblia, 196
Passarinhos, 206

Um Oeste literário

*Cícero Félix**

Este livro em formato digital é resultado do 1º Concurso Literário Osório Alves de Castro, promovido pela Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), em 2016. Nele estão 20 contos: dez produzidos pela comunidade ufobiana e dez pelo público externo. Essas informações dizem objetivamente o que é este livro, mas não traduz o que de fato ele significa.

Nós, brasileiros, lemos pouco. Apesar de um ligeiro aumento do número de leitores nos últimos 10 anos, estamos em 57º lugar entre 79 países pesquisados. Somos 30% de analfabetos funcionais entre 15 e 64 anos. Os dados são da pesquisa de 2018 e foram publicados pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

A falta de hábito de leitura tem a ver com a alfabetização? Tem, mas não é só isso. É mais complexo. A alfabetização é uma estrada. Não se pode ignorar as questões políticas, sociais, econômicas e culturais. Tampouco a velocidade das transformações tecnológicas ocorridas a partir da última década do século passado, que impactaram diretamente na forma e no conteúdo da comunicação contemporânea - coisa de trinta anos. Portanto, estarmos tão abaixo da média de leitores dos países pesquisados pelo PISA é reflexo de um conjunto de situações e exige um enfrentamento amplo e em longo prazo.

Apesar desse panorama desafiador, esses contos que seguem nas próximas páginas são um tonificante. Representam uma reserva de produção literária que alumia a esperança de cativarmos novos leitores e escritores. O que seria o mundo sem as artes literárias? O que seria do imaginário dessa região são-franciscana sem as narrativas de Osório Alves de Castro, Deocleciano Martins de Oliveira e Guimarães Rosa? Sem José Evangelista de Souza, Joana Camandaroba e Luiz Pamplona? Que região seríamos sem os poetas que andam a semear versos pelas barrancas, vales e Gerais?

Deste modo, nossa literatura fica mais rica com os vinte autores que fazem este livro. São contos que passeiam pela sensibilidade, tocam na alma, despertam o sentir, perceber, ouvir, escutar, olhar, observar, chorar, rir, gargalhar, marejar os olhos, refletir; expressões comuns de muitos cotidianos que, de tão naturalizados, sequer reparamos neles. É preciso, pois, os olhos desses contos para percebermos que estamos em movimento, em um organismo vivo, cheio de acontecimentos, sentimentos, emoções, discussões e contradições. Os olhos desses contos nos oferecem humanidade através da arte literária.

Lê-los nos faz refletir sobre a ancestralidade e a cultura do povo invisibilizada pela cultura do agronegócio. Lê-los nos faz lembrar que temos dentro de nós uma criança que um dia fomos. As sabedorias dos mais velhos estão em nosso corpo, em nossos gestos. Tudo isso podemos encontrar nesses contos que constituem efetivamente um presente para a literatura desta Bahia singular, na sua pluralidade cultural.

Nessa perspectiva, o Concurso Literário Osório Alves de Castro, que está indo para sua segunda edição, contribui para o estímulo à leitura e a produção literária de toda região atendida pela UFOB. O escritor santa-mariense que dá nome ao concurso, em si, já é uma inspiração. Osório (1901-1978) venceu em 1962 o prêmio Jabuti de Literatura, com o romance “Porto Calendário”. Publicou também “Maria fecha a porta prau boi não te pegar” (1978) e “Bahiano Tietê” (1990, obra póstuma). Os três livros compõem

a trilogia da integração do sertão são-franciscano a São Paulo. Em carta a Herculano Pires, de 1957, assim ele definiu a região: “O São Francisco não é somente um reservatório de riquezas materiais. Em três séculos de isolamento, criou também grandes reservas humanas”. Aqui, neste livro, temos alguns exemplos.

**Coordenador de Arte e Cultura da Universidade Federal do Oeste da Bahia.*

Prefácio

*Paulo Roberto Baqueiro Brandão**

Quando as vastas terras do vale são-fraciscano ainda eram conhecidas nos centros da *intelligentsia* baiana e nacional – de forma absolutamente desdenhosa – como “Além São Francisco”, Osório Alves de Castro rascunhou rostos, nomes, vidas e deu voz aos miseráveis e esquecidos que habitavam essas paragens. Naqueles tempos idos, quando a região ensejava pouco ou nenhum interesse nos círculos acadêmicos, mas também junto aos gestores públicos ou mesmo entre os representantes dos setores produtivos do país, as obras literárias realizadas por esse filho de Santa Maria da Vitória refletiam a realidade cruel dos subalternos, convertendo esses escritos novelescos, também, em preciosos relatos históricos (MARTINS, 2018).

O espírito inquieto de militante defensor de um projeto popular de sociedade, baseado na justiça, autonomia e solidariedade, conduziu Osório ao desenvolvimento de uma escrita extremamente engajada na denúncia das assimetrias que opunham uma pequena elite de possuidores e uma massa de despossuídos, estes “materializados” – por assim dizer – nos personagens mais dramáticos de suas obras, como, por exemplo, Aninha e seu pai, Pedro Voluntário da Pátria, Clotilde, Orindo Brotas, Joviniano, entre outros, que, mesmo sem nomes, são citados como agregados, remeiros, místicos, retirantes...

Homem que costurou paletós e narrativas como poucos, Osório colheu, ainda em vida, os louros por seus refinados saberes de alfaiate e escritor. Contudo, viveu algumas das perseguições que eram reservadas aos dissidentes dos tempos sombrios da ditadura militar, tendo sofrido um quase banimento das suas obras.

Nesse sentido, a iniciativa da Universidade Federal do Oeste da Bahia de homenagear Osório como patrono do primeiro concurso cultural realizado pela instituição, em 2016, visou contribuir para um resgate do escritor santa-mariense e da sua obra, que se constitui como parte fundamental de uma memória coletiva do vale do Rio São Francisco (PASTANA 2004), mas que ainda segue sob sério risco de esquecimento.

Este livro, produzido pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) a partir da conformação de uma coletânea dos contos mais qualificados do 1º Concurso Literário Osório Alves de Castro, celebra a vida e a obra desse grande homem das letras e faz jus ao seu legado, uma vez que abriga textos que bem representam uma literatura regionalmente assentada, exatamente como almejou o mestre Osório.

Importa mencionar que tanto a realização do já mencionado concurso cultural quanto a semente para a produção deste livro que o leitor tem a possibilidade de apreciar não seriam possíveis se não houvesse um esforço conjugado de toda a equipe da PROEC, das demais Pró-Reitorias direta e indiretamente envolvidas, da antiga assessoria de comunicação e da reitoria da UFOB, em nome da reitora professora Iracema Veloso (gestão *pró-tempore* de 2013 a 2019) e do professor Sérgio Coelho, seu então assessor para Arte e Cultura, grandes incentivadores das ações culturais na nossa universidade.

Além disso, é indispensável reconhecer o mérito do professor Cícero Félix de Sousa e da professora Daniéla Calado, respectivamente, coordenador de Arte e Cultura e pró-reitora da PROEC, bem como do reitor, professor Jacques Miranda, pelo empenho em tornar realidade esta singela publicação que, de algum modo, fecha

o primeiro ciclo de ações ufobianas em favor do acesso amplo e irrestrito da sociedade ao fazer artístico e cultural nestes vastos cerrados baianos.

**Professor Associado (Centro das Humanidades) da Universidade Federal do Oeste da Bahia.*

Referências

MARTINS, F. Osório Alves de Castro, intérprete da história da racia-
lização do Rio São Francisco. Revista Coletivo Seconba, v. 2, 2018,
p. 30-50.

PASTANA, E. Osório Alves de Castro (1901-1978): biografia e fortu-
na crítica. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em
Letras). Assis: Universidade Estadual Paulista, 2004.

Elisa, um grito de dor

Silvano Messias dos Santos

Era sexta-feira, meados de julho. Após atravessar a ponte de madeira que dava acesso à margem direita do rio São Francisco, avistei o casarão ao longe, através da esparsa vegetação típica da zona de transição cerrado-caatinga. Parei o veículo, uma Perua DKW-Vemag 1958 azul ardósia escura, diante do grande portão de pedra encimado por uma marquise de aroeira e alvenaria. Nas extremidades da entrada, trepadeiras de folhagens grandes e triangulares desciam até o chão, formando uma elegante primavera. Do portão até a sacada da mansão seguia um trajeto de pedregulho sinuoso, rodeado por árvores frutíferas cuidadosamente podadas e um elegante jardim com flores ornamentais de estilos variados.

Desci do carro e abri o porta-malas para tirar as bagagens, conduzindo-as até a cobertura da porta principal. Parei em frente à espaçosa varanda, fadigada, após subir com dificuldades quase duas dúzias de degraus. Tratava-se de uma casa antiga estilo barroco, construída por mãos escravas no final do século XIX e restaurada pela atual proprietária, a requintada Tereza Azevedo, minha mãe. De dois andares, além de espaçosos sótãos, a casa-grande possuía salas de visita e jantar, cozinha, despensas, suítes e varandas, espaço para leitura e jogos. Suas grandes janelas de vidro, concebidas com muito bom gosto, davam à residência ar sofisticado e enigmático.

Ao chegar à cobertura da varanda, tentando sustentar o peso das malas, olhei pelas vidraçarias escuras das janelas e consegui visualizar com dificuldade o interior da sala. Um silêncio horripilante se fazia no local. Ouvia-se apenas os sussurros do vento e o cantar sorumbático dos pássaros, parecendo se despedir daquele fim de tarde. Por um breve instante, tive a sensação de ouvir um barulho vindo de dentro da casa e então me manifestei, sentindo que estava sendo observada:

– Tem alguém aí? – gritei, tentando girar a maçaneta da porta, que estava trancada. – Sou eu! Elisa! Alguém me ouve?

Não obtive resposta.

Porém, ao me aproximar de uma das janelas, tive a impressão de ver o vulto de uma pessoa no fundo da sala. Encostei ainda mais na vidraça, vagarosamente, fixando o olhar na direção do vulto, mas desta vez nada detectei. Com as cortinas semifechadas, a claridade do sol não penetrava o ambiente, dificultando a visualização do seu interior e deixando-o com aspecto sombrio.

Esfreguei os olhos, tentando me convencer de que nada vi. Comecei, então, a circular a casa, torcendo para encontrar algum empregado, mas, assim que deixei a sacada, ouvi o ringir da porta principal, abrindo lentamente. Ao retornar apressada, percebi que agora ela estava entreaberta. Empurrei-a devagar e entrei na sala com as malas, verificando o espaço com cuidado. Estava certa de que a porta estava fechada e que, portanto, não abriu sozinha. Ou seja, alguém teve que abri-la para mim. “*Mas quem? Por que não se revela?*”, pensei.

Os móveis eram os mesmos da época em que morava ali. Eram móveis antigos, mas elegantes e sofisticados. No centro da sala, uma mesa retangular feita de pedra e madeira rústica sustentava um enorme arranjo de flores silvestres. Num canto, meu antigo piano, coberto por uma toalha de cetim, próximo aos sofás de modelo medieval, posicionados no vértice de um tapete veludo escuro que se estendia até a escadaria, do outro lado da sala. No alto, três ilustres de cristais davam um ar imponente à decoração.

Subi as escadas devagar, prestando atenção nos movimentos silenciosos da casa. Instantes depois, me deparei com o corredor, meio turvo, no fim do qual situava meu antigo quarto. Abri a porta apreensiva, me trancando imediatamente no dormitório, que estava cuidadosamente asseado. Desprendi as janelas e por elas passou um vento seco e quente, fazendo as longas cortinas acinzentadas levitarem, num movimento de vaivém parecido ao das ondas do rio São Francisco espalhando espuma bege no barro encardido do sertão.

A passos lentos, aproximei da penteadeira, sobre a qual estava um retrato de duas moças abraçadas: eu e Paola, minha irmã do coração. Em lágrimas, lembrei do dia em que aquela imagem foi registrada: estávamos no casamento de mainha com Quinca, meu padrasto. Com as mãos trêmulas e a respiração ofegante, levei o retrato ao peito, esfregando-o contra os seios, como se estivesse consolando o coração, enquanto meus olhos derramavam lágrimas profundas e sinceras.

– Por que você se foi, Paola? Por quê? – indagava, possuída pela dor.

Recordei com precisão do dia em que conheci Paola. Eu tinha 17 anos e ela, 21. Viúva de painho, o popular Coronel Gonçalo, minha mãe decidiu se casar com Quinca, o pai de Paola. Foram nove anos de convivência e agora três sem Paola.

O primeiro ano foi o mais difícil. Frustrada, cheguei a tentar o suicídio duas vezes, razão pela qual mamãe resolveu me trancafiar numa clínica psiquiátrica, onde fiquei durante cinco meses. Há cerca de dois anos e meio decidi abandonar a fazenda e ir morar na cidade com Antônia, uma amiga de infância, para me distanciar das lembranças tristes que aquele lugar trazia.

E, subitamente, inerte em meus pensamentos, mais uma vez aquela ideia de despedir-se da vida parecia-me romântica e solúvel. *“Só a morte pode ser a saída para essa dor e vazio sem fim”*, refleti. Fragmentos de minha vida ao lado de Paola começaram aflorar e desaparecer abruptamente, desestabilizando-me. As brincadeiras, as reuniões de família, os banhos no Velho Chico, as frutas rouba-

das na fazenda vizinha, os passeios a cavalo, as conversas e risadas jogadas ao vento.

Era 16h45 daquela sexta-feira de julho. Fazia calor de quase 40 graus e eu, abraçada ao retrato de Paola, me debatia sobre a cama, afogando nas próprias lágrimas. “*Seria mesmo a morte a solução para os problemas?*”, eis a pergunta que mais tinha feito deste a morte de Paola. E exatamente naquele momento, abraçada ao retrato dela e de volta ao nosso antigo quarto, eu começava a achar outra vez que somente a morte poderia acabar com meu sofrimento, com minha tristeza profunda, meu vazio, minha dor sem remédio.

Talvez a morte seja o remédio!

Aproximei do guarda-roupa, tropeçando nas próprias pernas, e comecei a revirar minhas antigas vestimentas, jogando-as no chão até encontrar o que procurava: um belo vestido de festa, todo branco, feito de tecido fino e elegante, com rendas longas cobertas de pequenos brilhos, parecendo pedrinhas de cristais triangulares. Vesti-me rapidamente e olhei satisfeita no espelho, por meio do qual vi o retrato de Paola em cima da cama.

Paola usava aquele mesmo vestido no dia em que tiramos aquela fotografia! Olhava insistentemente para o retrato e para minha imagem refletida no espelho.

Lágrimas intensas voltaram a escorrer pelo rosto e solucei amargurada:

– Me perdoe, Paola! Mas de que adianta viver? Sem você minha vida não tem sentido. Eu é quem devia ter morrido naquele acidente...

Saltar-se da ponte e da vida, portanto, me parecia ser a única solução. “*E talvez essa seja a única possibilidade de me encontrar com Paola noutra dimensão*”, pensei.

Aos prantos, segurei a fotografia de Paola e a coloquei com carinho na bolsa de mão feita com tecido artesanal. Olhei emocionada para os quatro cantos do quarto, como se estivesse despedindo daquilo tudo para sempre, e suspirei fundo, fechando a porta e saindo apressada, sem olhar para trás, em direção ao rio São Francisco.

Os últimos raios de sol coloriam o céu daquele fim de tarde. Lembranças das vezes que estivera com Paola ali, sobre a ponte, inevitavelmente invadiram a mente. Aquele lugar, definitivamente, parecia perfeito para minha partida.

De repente, uma brisa estranhamente gelada começou a soprar, espatifando meus longos cabelos negros, e a correnteza da água, quase seca lá embaixo, me embaraçava a visão, convidando-me. Porém, quando já me preparava para sentir a gravidade puxando-me para o adeus à vida, uma voz familiar soou atrás de mim. Virei num impulso, extremamente chocada, sem acreditar no que estava acontecendo.

Era a voz de Paola!

Comecei a correr na direção da voz, hesitante, dando de cara com uma tapera, situada às margens do rio São Francisco. Lembrei-me que se tratava da cabana onde eu me refugiava na infância, escondendo-me de papai. Aproximei devagar, receosa, espiando o interior por uma fresta na parede de taipa.

Para minha surpresa, percebi o vulto de uma pessoa nos fundos.

– Quem é? –, a pergunta saiu em tom de sussurro.

Sob o manto ébano da noite que se iniciava, movi para o outro lado da tapera, sem fazer qualquer barulho. Percebi passos no fundo do galpão, como se alguém pisasse em folhas secas, e tentei vencer o medo, indo até lá verificar. Escorreguei rente à parede suja de casas de aranha, até me deparar com a porta escancarada.

Assim que entrei no recinto, alguém, de súbito, me agarrou com força por trás. Com a boca tapada e um braço prendendo-me na cintura, fui virada de frente. Lutei, chutando-lhe as pernas, mas fui erguida do chão, sendo pressionada contra a parede áspera da cabana. Nesse momento, a Lua cheia surgiu por detrás das montanhas repentinamente e um fecho de luz clareou o rosto do homem, revelando sua identidade.

Tratava-se de Solano, um dos antigos peões da fazenda de minha.

Fiquei paralisada ao revê-lo ali, à minha frente, me mantendo suspensa. As batidas do coração dispararam e minha respiração ficou ofegante. Ao perceber de que se tratava do meu ex-noivo, parei de lutar, desconsertada por estar em seus braços, que a essa altura me deixava deslizar pela parede, sem, no entanto, soltar-me os pulsos.

– O que você está procurando aqui? – quebrei o silêncio, com a voz entalada.

Solano nada disse. Num impulso, beijou-me na boca, violentamente.

Nove horas mais tarde acordei assustada, com o celular tocando desesperadamente dentro da gaveta semiaberta do criado-mudo. O vendaval vindo do leste fazia partículas de terra e chuviscos fora de época baterem com força nas janelas de vidro do antigo casarão. Sonolenta, olhei para o relógio na cabeceira da cama: marcava 3h17 da madrugada. “*Droga! Quem será a esta hora?*”, pensei. Somente após levantar-me, constatei que Solano não dormia mais ao meu lado.

– Alô? – disse, visivelmente irritada, sem conferir o visor do celular. Ouvi apenas uma respiração ofegante do outro lado da linha.

– Oi. Aqui é Elisa. Quem deseja? – perguntei, bocejando. A ligação caiu.

Conferi o identificador de chamadas recentes: sete ligações não atendidas.

– Meu Deus! – exclamei, ao me dar conta de que seis telefonemas eram de Solano. Apreensiva, cliquei imediatamente no menu “retornar chamada”.

– Oi, boneca, desculpas por acordá-la a esta hora.

– Solano? Onde você está, amor?

– Então quer dizer que reatou o romance com Solano? Que decepção! Meu coração gelou ao constatar que não se tratava de Solano.

– Poderia se identificar, por favor, e dizer o que quer? Novamente não obtive resposta.

Comecei a andar de um lado para o outro, sentindo um frio na espinha.

– Esse número é de Solano. Onde ele está? – eu começava a ficar histérica. Desligou.

Retornei a ligação, mas desta vez deu fora de área. Afrita, caminhei até a janela e puxei vagarosamente parte da cortina para espiar o jardim mal iluminado. Estava quase voltando ao centro do quarto quando, lá embaixo, algo chamou a atenção: havia uma pessoa parada sob a sombra de uma mangueira projetada pela luz fraca de uma das luminárias instaladas no jardim da fazenda. Não podia ver seus olhos, mas tinha absoluta certeza que olhava para mim.

Fiquei imóvel, sentindo o cheiro de perigo. Lembrei imediatamente do namorado que deixei na cidade, o ciumento Geremias, de quem havia sofrido ameaças de morte cinco dias atrás. “*Será que ele teve a cara de pau de vir atrás de mim?*”, resmunguei, tentando reconhecer o sujeito misterioso encoberto pelas sombras.

O telefone vibrou, sinalizando o recebimento de uma mensagem. Em caixa alta estava escrito: “ESTOU NA TAPERÁ; VENHA PRA CÁ”.

Senti um aperto no peito.

Pela janela de vidro, voltei a olhar o quintal turvo, tentando localizar o sujeito misterioso, mas desta vez não o vi. Respirei fundo, prendi os cabelos num rabo de cavalo e me protegi com um agasalho de couro sintético. Sem fazer barulho, desci as escadas, caminhando em direção às portas do fundo. Puxei a maçaneta devagar, espiando cuidadosamente o quintal. Segundos após, já percorria a propriedade, apressando-me rumo à ribanceira do rio, pelo atalho que dava para a tapera. Conhecia bem aquelas terras, afinal, nasceu e crescera ali, antes de me mudar para a cidade.

Os chuviscos haviam passado e a Lua cheia aparecia tímida por detrás das nuvens, que começavam a se espalhar, impulsionadas pela força do vento. Caminhava assustada, tentando me esquivar das folhagens frias, encharcadas. Não demorou muito para adentrar o cerrado, incógnito na madrugada. A cada passo, o coração batia mais forte e eu sentia um aperto cada vez mais agudo no peito.

De repente, parei de súbito, fadigada. Olhei para a luz a poucos

metros diante de mim, clareando o interior da cabana abandonada. Aproximei devagar, olhando insistentemente para os lados, temerosa. Afinal, “*teria sido realmente Solano quem me enviara aquela mensagem?*”, me perguntava.

Confusa e espantada, parei diante da porta entreaberta. Hesitava entre entrar ou fugir imediatamente dali. Num impulso, optei, finalmente, em adentrar a cabana em ruínas... ficando estarecida com o que vi!

Quis gritar, horrorizada, e levei a mão à boca. Minha voz, entretanto, morreu na garganta. Sem saber o que fazer, fiquei paralisada. O coração, descompassado, quase saía pela boca. Faltava-me ar. Após recuperar as pernas, corri até o corpo estendido no chão, sacudindo-o desesperadamente. Sentia que ia desmaiar. Reagi, respirando fundo, e corri para fora da tapera, saindo imediatamente dali, aos prantos.

O corpo, ensanguentado, estava caído sobre um amontoado de capim seco. Completamente nu, órgãos genitais mutilados e um ferimento no peito, bem na direção do coração, provavelmente provocado pelo disparo certo de uma arma.

Solano estava morto!

Propus-me, então, a correr, pegando a picada deserta de volta para o casarão. Já avistava ao longe as luzes acesas da varanda quando percebi que alguém me seguia. Aterrorizada, peguei uma pedra, disposta a me defender, mas não tive coragem de esperar o perigo. Instintivamente, disparei, notando que os ecos dos passos atrás de mim também soavam cada vez mais velozes e a casa-grande nunca me pareceu tão distante.

Apavorada, lembrei-me do sujeito misterioso que avistei no jardim, pela janela do quarto. “*Seria mesmo Jeremias? Fora ele quem assassinara Solano?*”.

Ao subir avexada os degraus da varanda, em direção a entrada principal, quase fui aos prantos: ao rodar a maçaneta, me dei conta de que a porta estava trancada. Batia desesperada na vidraça, gritando por socorro, mas ninguém respondia. Então, rodeei o ca-

sarão desesperada, em direção à porta dos fundos, que dava para a cozinha. Se conseguisse chegar a tempo, entraria em casa e trancaria a porta na cara do assassino.

Me sentindo quase salva, finalmente dobrei a quina do caseiro, próximo à coze, chocando de frente com um homem alto e encorpado, que vinha apressado da direção oposta. Tão violento foi o choque que me atirou metros para trás e teria ido ao chão se não fosse amparada. Quinca, quem não consegui identificar de imediato, começou a rir, enquanto eu debatia em seus braços, tentando me soltar.

– Padrasto, estou sendo perseguida! Estou sendo perseguida!
– desandei a gritar.

– Me explique com calma, Lisa. De onde você vem nesse desespero?

Um ano depois...

Tereza repousou a xícara vazia sobre a bandeja e se ajeitou na poltrona, mantendo a coluna ereta e as mãos apoiadas sobre os joelhos cruzados, às mostras pela fenda generosa de seu vestido vermelho violeta acinturado, que fazia sua estatura mediana parecer mais esbelta. Desde que entrou no consultório, era a terceira xícara de café que consumia. Com cabelos encaracolados à altura dos ombros e tingidos por um castanho-rubro, era uma mulher fina, de porte majestoso e traços faciais marcantes. De origem portuguesa, parecia bem mais jovem que seus cinquenta e quatro anos.

– Dona Tereza, a senhora já ouviu falar sobre distúrbio de personalidade múltipla? – perguntou Dr. Carvalho, apoiando as mãos entrelaçadas sobre a mesa.

Tereza franziu a testa, meneando a cabeça.

– Já ouvi falar, mas não sei explicar o que é.

Dr. Carvalho se recostou na cadeira macia, sentando-se relaxadamente, seguro de si. Era um homem corpulento, de ombros largos e barriga saliente. Usava um termo bege claro e piscava os olhos insistentemente.

– Veja bem... – começou o psiquiatra, afrouxando o nó da gravata. – O distúrbio de personalidade múltipla, ou transtorno dissociativo de identidade, ou ainda TDI, é uma perturbação, uma condição mental em que um mesmo indivíduo convive, em seu próprio corpo, com duas ou mais personalidades distintas, que se alternam em contextos diferentes. A pessoa que sofre com o distúrbio de personalidade múltipla muitas vezes nem sabe que existem “outras pessoas dentro dela” – ele fez o sinal de aspas com os dedos – e que estas diferentes personalidades ou identidades, também chamadas de alteres, podem assumir o controle do seu comportamento.

Tereza ficou calada, concentrada no que Dr. Carvalho estava dizendo.

– Em geral, o TDI está relacionado a algum trauma de infância. – continuou o psiquiatra. – A vítima cria novas identidades, até dezenas delas, como forma de obstruir o trauma sofrido. Enfim, é um assunto complexo, sobre o qual tenho lido muito ultimamente, sobretudo depois que conheci sua filha, a Elisa.

– Onde quer chegar, doutor? – Tereza levantou-se, caminhando até a janela do consultório. – Está tentando me dizer que Elisa sofre desse distúrbio?

A pergunta delicada o deixou visivelmente desconcertado.

– Nos últimos meses tenho submetido Elisa a sessões de hipnose e metaloterapia, analisando-a com muito cuidado. Constatei que Elisa possui, no mínimo, três alteres diferentes. Ora ela assume a personalidade de Antônia, uma amiga da época de escola; ora incorpora as identidades de Geremias, um rapaz que tenta controlá-la, e de Solano, um peão da fazenda, por quem é apaixonada.

Tereza ouvia em pânico.

– Solano?! Mas esse não é o rapaz que Elisa afirma ter sido assassinado em minhas terras, cujo corpo ninguém encontrou até hoje?

Dr. Carvalho confirmou com a cabeça.

– A verdade, porém, é que Antônia, Geremias e Solano nunca existiram. São diferentes personalidades que habitam a imagina-

ção de Elisa, assumindo rotineiramente o controle de seu comportamento, sem que ela própria se dê conta disso.

Tereza era incapaz de se manifestar. Estava perplexa.

– Como disse, geralmente a causa dessas perturbações mentais está relacionada a traumas. – Prosseguiu o psiquiatra, olhando fixamente nos olhos de Tereza. – A senhora se lembra de algum acontecimento trágico envolvendo sua filha?

– Bem... teve o assassinato de Gonçalo, quando ela tinha onze anos, mas a morte de Paola com certeza mexeu muito mais com ela, a ponto de tentar o suicídio.

– Sei que já lhe perguntei sobre isso antes, em outros encontros que tivemos, mas a senhora poderia contextualizar melhor a relação de Elisa com o pai e com a irmã?

Tereza sentou-se novamente, servindo-se de mais um café.

– O senhor sabe que Paola era minha enteada. Desde que se conheceram, Elisa e ela sempre foram muito próximas. Se tornaram verdadeiras irmãs e com o tempo mais que irmãs. Não sei como dizer... enfim, as duas se envolveram numa reação amorosa, num caso clandestino. Se tornaram amantes. Porém, quando Elisa descobriu que Paola estava grávida, brigou seriamente com ela, acusando-a de traição. – Tereza deu uma pausa, deixando escapar uma lágrima. – Após uma discussão, Elisa tomou o volante das mãos de Paola e saiu em alta velocidade, perdendo o controle da caminhonete, que capotou numa curva e caiu nas ribanceiras do rio São Francisco. Paola, muito ferida, morreu afogada. Elisa, que estava bêbada ao volante, nunca conseguiu se perdoar.

– E sobre o Coronel Gonçalo, como era a relação dele com a filha?

Tereza ficou alguns segundos em silêncio. Sabia onde aquela conversa chegaria.

– Nunca percebeu sintomas de abuso no comportamento de Elisa quando criança? Nunca identificou nenhum sinal em sua filha que a fizesse desconfiar de que ela estivesse sofrendo algum tipo de violência? – Dr. Carvalho perguntou secamente, encarando nos

olhos de Tereza, que agora estava lívida feito uma folha de papel branco.

As perguntas a fez estremecer e recostar bruscamente na poltrona, como se tivesse recebido um soco no estômago.

– Co-como assim? Eu... eu não estou lhe entendendo, doutor.

– Em uma das sessões de hipnose, Elisa revelou algo muito chocante sobre sua infância. – Ele parou por um instante, procurando as palavras certas.

Para Tereza, o que foi dito em seguida era como se palavras estivessem vindo de longe, espalhadas pelo vento do sertão. Com os olhos cheios de lágrimas, que jorravam abundantemente pelo seu rosto agora envelhecido, Tereza lembrou-se de uma menininha indefesa, escondida no sótão da casa-grande, com medo.

– Eu o matei! – interrompeu Tereza, levantando-se subitamente e apressando-se em direção à porta do consultório psiquiátrico.

– Matou quem? – perguntou Dr. Carvalho, confuso.

– Meu primeiro marido, o monstro que destruiu a vida da minha Elisa. – revelou ela, antes de bater a porta e sair cambaleando pelo corredor, dilacerada.

O sumiço da mãe d'água

Ana Carolina Castro Ferreira

Já havia várias noites e o pescador tornava-se mais triste a cada uma. A lua, outrora cheia, já era minguante e parecia também murchar de tristeza. As redes não balançavam mais conforme as pequenas ondas que alegravam a escuridão do percurso, quebrada apenas pela chama da velha lamparina. A tarrafa voltava vazia e a ausência do reluzir dos cabelos dela e do ardor do seu canto deixava as noites frias e solitárias. A mãe d'água desapareceu! O pescador sabia que algo de errado acontecia, a sua amada não o deixaria assim. Não poderia deixar!

Ela tinha uma beleza inigualável – o que não se deveria comparar com nenhuma das moças da comunidade ribeirinha – era, também, iluminada tanto quanto a lua refletida nas águas; e cantava mais bonito que todos os canários-da-terra e cuiubinhas juntos. O seu sumiço deixara triste até o Caboclo d'água, que não era lá um sujeito de muito papo e admiração, mas agora chorava um pranto miúdo e agudo, que cortava o silêncio da correnteza fraca. Como de costume, ele buscava os presentes do pescador para Uiara, mas todos eles repousavam no fundo do rio, sem agradecimento algum.

– Outra noite de peleja, sinhô pescador. Nem o perfume do ipê amarelo mais afeiçoado trouxe a mãe de volta.

– O rio não dormiu à meia-noite, a correnteza continuou e os bichos ficaram agitados. Eu não sei o que pode ter acontecido, si-

nhô Caboclo, mas teremos que pedir a ajuda dele.

– Ele não! Qualquer um, menos aquele cabrunco! – relutou o Caboclo d’água.

– Mas, sinhô Caboclo, ele é a nossa última crença e é o único que conhece todas as profundezas e destruições do fundo do rio. – defendeu-se o pescador.

– Ele é sujeito fulêro e não se mete com pescador.

– Largue de ser abestado, Caboclo! Até o mais abirobado e ariado dessas bandas quer encontrar Uiara!

O Minhocão d’água não era mesmo de muita cortesia e era menos ainda de adulação. Ninguém se metia com ele, a não ser que fosse caboclo muito macho; ou muito desesperado. Não se dava com pescadores e não gostava de comunidades ribeirinhas. Já havia destruído a casa do bisavô do pescador numa de suas derrubadas de barrancos no entorno do Velho Chico. O próprio Caboclo d’água e os outros seres do rio não confiavam nele, devido à amargura que tinha aquele velho surubim sem barbatanas. A Mãe d’água, porém, amava todos os seres do seu reino e, assim, também era amada por todos.

O pescador e o Caboclo, então, rodaram o rio por várias noites e dias e não encontraram o Minhocão. Ninguém mais tinha sequer ouvido falar dele. Depois que Uiara desapareceu, ele não perturbou mais nenhuma criatura e não destruiu mais nada. Os pescadores andavam menos acanhados e as comunidades próximas aos barrancos viviam em maior paz. Teria ele também desaparecido? Teria ele raptado Uiara? Agora, mais do que nunca o pescador queria encontrá-lo.

Assim como as noites, os dias se passaram enquanto a busca do Caboclo e do pescador persistia sem sucesso. Nem mesmo o olho na testa do Caboclo era capaz de enxergar a deusa. Ninguém sabia, ninguém via. Uiara era só uma saudade. Os seres viviam tristes e desamparados, as águas não descansavam mais à meia-noite, quando a mãe costumava subir à superfície para cantar sob a lua cheia. Até as almas dos pescadores afogados, que, nesse instante,

podiam sair e ir às estrelas, estavam presas ao rio, que corria cada vez mais seco e sem vida. Nem mesmo as lavadeiras que ocupavam as pedras à margem do Velho Chico vinham mais, apenas uma, velha e sempre encurvada, era vista todos os dias, no mesmo lugar, entoando suas cantigas tristes e desafinadas.

Certa madrugada, o pescador cochilava de canseira, quando o Caboclo sacudiu a canoa, como fazia quando queria virar as embarcações dos pescadores maus. O sinhô pescador acordou assustado e viu o Caboclo com os olhos mais arregalados ainda e com a cara ainda mais feia.

– O que foi sinhô Caboclo?

– Encontrei a peste! – respondeu a criatura.

O coração do pescador saltou à boca, de alegria e vida, assim como fazem os peixes na piracema, como ele bem conhecia.

– Tome tento, sinhô Caboclo! Não fale assim de mainha!

– Se oriente, sinhô pescador! Encontrei foi o Minhocão!

– Oxe, pois se adiante! Vamos atrás dele! – animou-se o pescador.

– Vixe, homem, tem certeza? O bicho é brabo! – avisou o Caboclo d’água.

– Oxente, mas que pergunta mais besta! É claro, criatura, por Uiara entrego a própria vida! – declarou-se.

O pescador, então, puxou as remas, recolheu a tarrafa e seguiu velozmente o Caboclo rio abaixo. Não queria saber aonde ia, nem o que enfrentaria, apenas seguia o desejo do seu coração de ver a sereia cantando novamente. O Caboclo fez a curva, envergou três quebradas, subiu a correnteza e finalmente os dois avistaram os dois olhos grandes e brilhantes da serpente, que mais pareciam faroles de jangada ou lamparinas de embarcações baixas. Os olhos não piscavam e eram fixos na direção dos visitantes, apenas a cauda do bicho balançava as águas ferozmente. Nessa hora subiu um frio na espinha do homem.

– Se aquiete, sinhô Minhocão. Esse pescador é bom e era querido por Uiara, antes do desaparecimento dela. Não merece seus

castigos e não faz mal a criatura nenhuma! – gritou o Caboclo, sem que os dois se aproximassem muito.

O Minhocão balançou mais uma vez as águas e se afastou um pouco mais do barranco.

– Por favor, sinhô Minhocão! Viemos aqui pra mode poder encontrar a Mãe d’água. Já rodamos esse mundaréu todo d’água, que é o Velho Chico, e nem sinal dela. A natureza toda sente falta da mainha nossa do rio! Tudo está triste, seco, sem vida, sujo. O rio está secando, a nascente não vai adurar muito tempo...

– Ora, não me apoquente homem – o Minhocão interrompeu o pescador – eu, melhor do que ninguém, tenho tento do que está acontecendo aqui. Eu não consigo mais derrubar aldeia nenhuma do barranco, nem aperrear pescador algum, porque o rio morre. Ninguém mais quer ficar por aqui, não há nada que agrade ninguém por aqui. Até eu já pensei em abandonar...

– Não seria má idéia! – interrompeu-o o Caboclo, pensando alto.

O Minhocão sacudiu fortemente as águas, fazendo balançar muito a canoa do pescador, até derrubar o homem. O Caboclo segurou firme na beirada, para não se desajustar também.

– Perdoe o amigo, sinhô Minhocão! Não queremos arenga! – pronunciou-se o pescador apurando-se novamente – Carecemos da ajuda do sinhô pra mode encontrar mainha e salvar o rio!

O Minhocão acalmou o corpo, embora os olhos maus não parassem de encará-los.

– Pois procurem à margem da quebrada depois da curva amanhã a noite. – e afundou seus olhos na água, desaparecendo sob ela.

A próxima noite custou a chegar, mas assim que a lua brilhou, o pescador e o Caboclo aguardavam ansiosos na beira do lugar anunciado. Não muito depois disso, um jovem muito bem arrumado, de terno e chapéu brancos apareceu à margem.

– O que fazem aqui, senhores? Acaso são novos viajantes? Não há lugar na comunidade para mais pescadores. As moças já estão comprometidas e os peixes sumiram. – disse o rapaz.

– Ora seu Boto Rosa, a nós não engana! Diga-nos onde está Uiara? – perguntou o Caboclo.

Ouvindo isso, o rapaz despiu-se o pulou na água. Segundos depois, era mesmo um boto cor-de-rosa que rodeava a canoa.

– Eu também não sei. As moças das aldeias estão felizes, porque os pescadores não idolatram mais a Mãe d’água e, assim, casam-se mais depressa com eles. Eu não tenho mais vez. Mas, infelizmente, Uiara nunca mais vai voltar. Dizem por aí que ela foi vista aqui pela última vez, e durante o dia, por três lavadeiras. As senhoras cantavam suas canções desafinadas e tristes, pela seca do rio, e Uiara veio juntar-se a elas, com seu canto bonito de esperança. Uiara sabia que não podia ser vista durante o dia, mas mesmo assim, dizem que, devido a tanta tristeza, a mãe d’água subiu à superfície para cantar seu canto de esperança. Nesse instante, então, ouviu-se um estrondo maior que tempestade, de dar medo até no Minhocão. Depois disso, todas as lavadeiras sumiram e Uiara também. Dizem que ela nunca mais volta. Isso eu ouvi de uma moça da aldeia. É tudo o que eu sei.

O Boto também não era muito confiável. Então, o pescador e o Caboclo não deram muita importância às suas palavras. Continuaram, então, a sua busca pelo coração do rio, noite após noite, dia após dia. Todo esforço, porém, era em vão e cada vez mais o rio e todas as criaturas definhavam de tristeza. Certa manhã, contudo, depois de uma noite de intensa busca, o pescador e o Caboclo dormiam – um sobre e o outro agarrado à beirada, respectivamente – quando a canoa foi sendo levada pelas ondulações da correnteza fraca e rasa para perto da margem. Ao acordar, o pescador assustou-se ao ver a velha lavadeira que não havia sumido e estava sempre naquele lugar, onde havia, antes, uma desembocadura do rio, depois de uma das nascentes, que havia secado.

– Ei, senhora, o que faz aí? A água está suja, pura lama. A nascente já secou e a terra seca toma conta do lugar. Há de sujar ainda mais as suas roupas. – disse o pescador.

A velha lavadeira não levantava o rosto, que escondia por trás

dos cabelos desalinhados, sem vida e feios, enquanto cantava uma cantiga também feia e triste, sem vigor e bem baixinho, que quase não era possível ouvir. O rio então empurrou a canoa do pescador para mais perto de beirada. Assim, ele pôde, de longe, ver o brilho azul dos olhos dela, que alumia sobre as águas. Rapidamente, o pescador acordou o Caboclo e pulou no rio. Os dois, então, nadaram até a margem, não acreditando no que viam. Sim, não havia no mundo par de olhos tão azuis e reluzentes como os da Mãe d'água, capazes de alumiar as águas, por mais sujas que estivessem.

– Mainha! Mãe d'água! Uiara! Sereia! Deusa do Velho Chico! – o pescador não se continha de tamanha felicidade.

O Caboclo, rapidamente, buscou perfumes, flores e espelhos no fundo do rio para Uiara, presentes dos pescadores para ela. A mãe d'água, porém não reagiu ao entusiasmo dos seus amigos. Continuou o seu canto triste e desafinado, que mais espantava do que atraía. Ela não era mais uma sereia e muito menos uma deusa. Era uma velha senhora, que lavava as mesmas roupas na lama que sobrara da nascente do rio.

O Caboclo, então, jogou perto dela todas as flores que conseguiu dos ipês amarelos e roxos, convocou todos os peixes e pássaros para contemplarem Uiara, que parecia não se alegrar com nada daquilo. Por meio das suas cantigas arruinadas, lamentava o desmatamento e a seca do rio. Lamentava todas as vidas perdidas por causa disso, toda a dor da natureza. Os ribeirinhos que escutavam as cantigas, mais tristes do que nunca, também se aproximaram. Até que uma lágrima, com o azul mais reluzente que o pescador já havia visto, escorreu sobre os olhos dela e caiu no rio. Nesse instante, o rio todo ficou azul como aquela lágrima. E a mãe pereceu de tristeza. Com isso, o rio agitou-se fortemente e depois parou, como se também estivesse morto. Todos os seres ali choraram. Os ribeirinhos comoveram-se, pediram perdão à Uiara e ao rio e prometeram nunca mais sujar as águas, derrubar encostas e desmatar a mata ciliar, bem como proteger as nascentes e comover o mundo inteiro a proteger o Velho Chico e todos os outros rios.

De repente, as águas agitaram-se novamente até encobrir a velha senhora sem vida na beira do rio. Todos acreditavam que era o fim do Velho Chico. Porém, pouco depois, o dia virou noite, a lua cheia voltou a aparecer e uma deusa iluminada, em forma de sereia, de cabelos longos e reluzentes e olhos do mais profundo azul apareceu na superfície das águas, cantando alegremente:

“Ora, não se vá, meu sinhô / Não nos deixe, Velho Chico/ Não abandone seus filhinhos de amor/ Volte a descansar na lua cheia/ Traga vida a tudo que lhe arroteia/ (...)”.

Então, todos os seres e toda a natureza se alegraram com ela e o Velho Chico respondeu, jorrando águas novas por todo seu domínio. Assim, todos perceberam que não era a falta de Uiara que condenara o rio e sim a falta do rio que condenara Uiara e, com ela, toda a vida existente ali. O Velho Chico, então, não era apenas um rio velho e eterno. Era uma benção inconstante que necessitava de zelo, tanto quanto o bem mais precioso da vida.

Um bar: dois destinos

James Wilker Freire Machado

Entro no bar em frente a minha casa determinado a tomar um rumo em minha vida: Iria à procura de Belchior, uma viagem sem destino certo, atravessar fronteiras sul-americanas, mochila nas costas, dois livros de poemas, fones e uma barba por fazer, cabelos ao vento e, é claro, os dedos em V.

Era preciso encontrar clandestinamente Belchior, o maior ídolo da música transfigurado em um fora da lei, um marginal, um maldito. Nem Raul Seixas conseguiu tantas desventuras para explorar ao máximo a simbologia do artista mitológico, do herói dividido, ou do anti-herói, do “farsista”.

Estava compenetrado, obsessionado, ensoberbado, pela busca belchioriana. A divina comédia humana! A travessia trágica da estrada! Eu pularia fora do barco! E precisava beber todas as bebidas e fumar todos os cigarros para não tremer em minha obstinação de fã desesperado. Belchior era minha sina!

No balcão encontro dois amigos de mesa e copo. Estão numa discussão ferrenha sobre as escolhas conjugais de um terceiro elemento ausente:

– Deixar a mulher por uma rapariga daquelas é uma mistura de burrice com pitadas de ignorância financeira, é aceitar o calote no bolso e no coração, ela vai deixá-lo só o lero e o bolero.

Dizia Mauro, naquele tom sereno de quem saiu da universida-

de há uns 10 anos, mas que ainda se sente num auditório discutindo referências. Paulo, um dos gênios desses botecos baratos da vida, retrucava com certa austeridade:

– Mauro, não exagere, não é bem assim que as coisas são, a menina tem futuro, pode se endireitar, tomar prumo no clitóris, e acostumar seus orifícios ao diâmetro fálico dele... Acho que a escolha foi certa, e por uma coisinha fina e gostosa como aquela vale o risco.

Eu olhava para eles, alheio e indiferente, não estava muito afim daquele papo superficial e sexual da vida dos outros, e muito menos da figura em debate, a do Roberto. Aquele idiota, por mim, podia casar com o cão e levar chifre do Diabo que tanto fez como tanto faz. Um cara mesquinho e ordinário como aquele, não merecia um milímetro de saliva humana usada em seu santo nome vil e vão.

Traguei dois goles daquela cerveja gelada como se fossem os últimos que a humanidade boêmia poderia beber. Ah, até agora sinto o prazer incomensurável daquela cevada alcoólica descendo goela abaixo. O prazer só não foi maior, porque ao virar a cabeça e aprofundar o meu olhar nas pessoas sentadas às mesas, vi uma mulher de preto ao canto, conversando com um playboyzinho. Ao reconhecê-la me veio as lembranças do nosso último encontro e de tudo que envolvia a minha vida com a dela: um caso recente mal resolvido entre nós me perturbava.

Olhando aquela cena, mais certo eu ficava de que deveria tomar um rumo em busca do desconhecido, do incerto, da estrada até onde os *hermanos* abrigavam seus corpos e bebiam seus porres. Precisa urgentemente encontrar Belchior e falar sobre bigodes, filosofia barata, o oriente, e de como nossos corações selvagens conseguem sobreviver à civilização e aos amores fúteis.

Aquela mulher de preto era, talvez, o maior motivo desse meu aparente desespero por libertação. Depois da nossa última transa (ou coito não finalizado), eu me senti perdido de tudo! Senti um medo de perder algo que nunca tive! Não suportava a ideia de vê-la com outros, de imaginar como seus amantes lhe agarravam, lhe penetravam, se lambuzavam de suas delícias e ardências. Daquele

tesão louco de ninfeta insaciável! Aquela mulher me enlouquecia de uma forma que jamais outra mulher conseguiu. Talvez o desprezo, talvez a indiferença. A mistura de mistério, sedução e liberdade! Uma mulher-precipício! Uma mulher-abismo! Que me arrastava para a tragédia!

Eu a conhecia de outros carnavais, baladas e cigarros. Ela era nossa Helena Ignez, a musa do nosso cinema novo e encardido. Minha turma de marmanjos e jovens à revelia passou a juventude inteira num desejo frenético de conhecer seus dotes de felina! E, certamente, eu era o mais aprisionado desse desejo! O mais delirante por aquele corpo nu em meus braços! E nossa musa flertava com nossos inimigos, com nossos concorrentes, até com as meninas do *Circuito Anarquista* se entregava sem pudor.

Lembro-me de uma das nossas reuniões em torno de duas garrafas de vinho barato em que o muro das lamentações sobre as frustrações sexuais era maior que o de Berlim. E o nome dela era o mais escrito, em letras garrafais, grandiloquentes, com tinta e sangue, ânsia e delírio. Aqueles iniciantes queriam o perigo, o lance entre o abismo e o prazer fatal que ela inspirava. E tudo fazia crer que ela sabia, em detalhes, daquele transe coletivo por suas nádegas, seios, lábios e umbigo. Por seu perfume, sua pele, sua língua! Ela ria, debochava, sensualizava, jogava, brincava... Fugia... Voltava!

Minha turma enlouquecia, dia após dia, noite após noite. Os melhores jovens daquela cidade perdidos por uma nuvem de sensualismo impalpável. Aquela *femme fatale* estava arruinando a carreira dos melhores gênios do país. Jogamos fora os discos de Chico, Caetano, Tom Zé, para nos furtar totalmente do momento político e se entregar à cafonice dos apaixonados. Uma eterna noite da paixão recolhida! Queríamos Barto, Waldick, Nelson, Odair... O brega era nosso hino semanal, nossa religião! Deus era uma garrafa de uísque roubado...

Até que um dia decidi romper com tudo aquilo antes que se transformasse num pesadelo real de Franz Kafka. Abandonei os amigos, passei a frequentar outros lugares, fui trabalhar numa livraria de seu Germano, pai de um dos nossos maiores inimigos da juventude: o chato, antipático e traiçoeiro Cardoso, irmão do Roberto. Mudei até os trajés e trejeitos rebeldes, e comecei um namoro sem tesão com uma vizinha. Ela era uma moça invisível, daquelas que a beleza não se mostra nem a feiura se destaca. Mas era safada e estudiosa. Usava óculos de grau e o cabelo com rabo de cavalo. E tinha um gemido preso e abafado que ajudava bastante quando trocávamos os livros pela cama!

Foi essa vizinha quem me apresentou os discos de Belchior e tudo que era influência e referência do cantor cearense. E também *Laranja Mecânica*, *Os Sonhadores*, *Crime e Castigo*, Godard, Kubrick, Bergman, Glauber, Sganzerla, Nietzsche, Bach, Frida, Almodóvar, Waly e Sergio Sampaio. Esoterismo, xadrez e chá verde. E dois livros velhos de Bukowski autografados por um professor de Literatura, antigo sedutor de meninas estudiosas.

Tudo parecia perfeito, mas não estava. Naquele tempo eu não tirava aquela mulher de preto da cabeça. Numa noite, dessas confusas e cinzentas, acabei me esbarrando com a galera das antigas. Eles eram os mesmos! Mas tinha algo de estranho em seus olhares que se sobressaltaram ao me ver novamente à mesa bebendo. Após uma timidez inicial, logo eu já estava entregue àquela felicidade clandestina! Estava de volta, rindo feito louco das nossas desventuras! Depois de tanto tempo, eu bebia como um animal preso e fumava como um escritor francês.

Já era alta noite, quando escutei aquele nome, e aquela pergunta que no primeiro momento fingi não entender:

- Consegui esquecê-la? Uma pausa silenciosa.
- Nós também!

Eu não respondi nada, estava imóvel enquanto eles continuavam.

– Sabe, depois daquela loucura na casa do Rafael, o encanto acabou, foi um alívio nos desapegarmos daquela insana. Estávamos acabados quando tu se afastou, mas sabíamos que no fundo, tinhas razão. Aquilo era perdição!

Até hoje não consigo me lembrar de qual deles ouvi essa confissão. Eu só conseguia me concentrar naquela frase: “*loucura na casa do Rafael*”. O que teria acontecido lá? O que rolou entre eles? O que fizeram enquanto eu estava ausente? Uma angústia e um desespero estranho palpitavam no meu coração.

– O quê? É sério? Tu nunca soube? A cidade inteira soube e tu não? Não dá para acreditar.

Eles olhavam-me surpreendidos e eu ainda mais desconfortado!

– E nós achando que você estava nos ignorando por isso. Mauro comentou até que tinha medo do que você poderia fazer, sei lá, num momento de raiva.

– E eu agora tinha virado algo perigoso, foi?

Perguntei com um sorriso trêmulo nos lábios. Alan respondeu temeroso:

– Vai saber, é difícil saber o que se passa na cabeça das pessoas, como elas vão interpretar ao que elas não viram.

– Então, vamos ao caso: aquilo foi uma loucura que jamais algum de nós imaginou que aconteceria – Paulo falou de vez.

Lembro-me perfeitamente quando ele começou com aquele suspense que sempre impregnava numa narrativa:

– Tínhamos marcado uma farrinha de despedida do Rafael com a galera inteira. Cada um levaria algo, o que fosse de bebida e outras *coisitas* mais. Queríamos algo *hard*, precisava ser histórica e inesquecível. Até pensamos em te chamar, mas ficamos receosos.... Bem, a farra ia daquele jeito, no mais insano possível. Até que, já bem tarde, ela aparece com dois caras. Um deles estava com um narguilé! Ela estava estonteante, delirante! Nós já embriagados.

Tudo começou lentamente, estávamos na viagem daquela droga nova, os caras que estavam com ela eram legais e inteligentes. E aí, é que tudo começa....

Paulo deu uma daquelas pausas infinitas e começou a beber lentamente para meu desespero.

– Continua logo, porra – eu supliquei, mesmo sabendo que isso o deleitava.

– Calma, vou terminar – Paulo falou secamente. E continuou:

– Então, começamos uma brincadeira de pagar roupa, e ela não hesitou um segundo, mesmo sozinha no meio de tantos machos, topou na hora. Ela errava tudo de propósito para ir tirando lentamente, peça por peça, os panos que cobria nosso maior desejo. Imagine aí, aquele corpão nu, daquela que mais invadiu nossos sonhos adolescentes.

Paulo ia me matando lentamente:

– Cara, que mulher gostosa, que tesão, todos nós embriagados, alucinados, entregues a ela. E começou a festa, a brincadeira virou uma orgia furiosa, ensandecida. Parecia que ela estava possessa, e nós mais endiabrados ainda. Ela escolhia um por um, e depois chamou todos de uma vez para invadi-la por todos os lugares, e por todos os seus poros, e quando mais a gente metia, batia, com tesão e loucura, mais ela pedia, mais ela gritava, mais ela gozava e de repente, não sei porque, começou a gritar seu nome, a chamá-lo, a dizer que queria ser penetrada por você, que você era o maior desejo dela.... Uma loucura sem tamanho. Um dos caras filmava tudo sem que nos déssemos conta. E do nada, o outro cara, num lance extremo, deu um tapa violento que ela caiu meio desmaiada, meio ensanguentada. Foi um susto, todos ficamos parados, imóveis, e daí começou a confusão maior que já vi, começamos a brigar e espancar os dois caras, uma coisa louca nos acometeu, e fugimos de lá sem rumo certo!

Paulo já não era mais o mesmo, os outros estavam calados mais que nunca. Atônito com tudo aquilo, eu ainda tive a coragem de perguntar o que aconteceu depois.

– E ela, como ficou?

Me doía ver aquela mulher que eu tanto ansiava, nua, caída no chão. Mas no fundo, o que eu queria era perguntar porque ela chamava meu nome? Por um momento, eu começava a achar que aquilo tudo era mentira e que eles estavam zombando de mim.

– Não sei, cara. Juro que não sabemos como ela ficou, o que pensou de nós, deveria estar envergonhada, traumatizada, talvez nos condenando. Sei que os caras têm o vídeo, eles foram embora, mas dizem que qualquer hora eles vão espalhar tudo o que foi filmado. Muita gente tá sabendo, muita gente condenando, a namorada do Alan terminou com ele, disse que ia contar a polícia, mas a poeira já baixou... Só não sei como é que tu nunca soube disso... – A fala de Paulo já estava entrecortada por um sentimento vago.

Passsei vários anos abismado com aquela história toda. Minha mente não conseguia esquecer aquela cena. Não conseguia se libertar das dúvidas, da minha imaginação fértil, da encenação imagética que eu criava e recriava. E porque meu nome, porque ela me chamava, gritava por mim? Eu desejava ter participado daquilo tudo como quem deseja participar de um acidente trágico só para ter a dimensão de loucura, velocidade e medo. O fetiche que eu tinha por ela chegou a extremos, misturado a obsessão e repugnância, paixão e ódio. Eu sentia que iria ficar louco. Estava paranoico com a figura daquela mulher que eu não possuía. Nem sequer mais a via passando pela rua, desfilando sua sensualidade. Segundo boatos, ela teria fugido com um traficante de uma cidade vizinha. Até que um dia, já quase recuperado, encontro-a sozinha numa mesa de restaurante. Ela acena, e me convida para almoçarmos juntos. Ficamos a maior parte do tempo em silêncio como se jamais soubéssemos um do outro. Por fim, confuso e perdido, convido-a para o meu apartamento. Foram três dias de sexo intenso, selvagem;

orgasmos e loucuras que jamais voltaria a viver. Depois ela sumiu sem rastros, me deixando arrasado novamente.

Longos meses depois a minha rotina já se encaminhava à normalidade, quando aquela mulher (essa que hoje eu vejo de preto conversando com outro na mesa do bar) me aparece do nada e me leva para uma casa desconhecida. Eu estava louco de desejo, mesmo morrendo de ódio, sabia que era impossível fugir daquela sedução. Aquela transa seria inesquecível, mas, pelo contrário, foi a pior. Nua em cima de mim, entre beijos e amassos violentos, ela começou a dizer que sempre teve um tesão alucinado por meu corpo desde a época que éramos da mesma turma, que muitas vezes se masturbava chamando meu nome. Não sei porque, fiquei trans-tornado ao ouvir aquilo. Me veio toda aquela orgia novamente, via ela me gritando enquanto aqueles caras a penetravam, e eu não sabia o que fazer, o que dizer, tinha vontade de matá-la, de fugir, de morrer! Olhava-a com nojo, mas com sentimento de culpa e castigo. Completamente desorientado, fui embora sem dizer uma só palavra. Sai me sentindo o mais ridículo de todos os homens, o mais infame dos seres. E, claro, o mais idiota de todos.

No bar em frente a minha casa, as horas se arrastavam enquanto o movimento crescia. Conhecidos e desconhecidos faziam seu desfile de corpos embevecidos pelo álcool. Todos ali eram hedonistas de seu tempo. Todos queriam amargar suas dores em doses e dosar suas crises! Eu só queria um motivo para não me desesperar! E o bar era o senhor dos melhores conselhos. O bar era o patrono das academias, o olimpo dos deuses! O bar me ensinava todos os dias que viver não era preciso, mas que morrer não era necessário!

E lá estava aquela mulher e aquele playboyzinho! Sorriam-se, bebiam-se, comiam-se vorazmente! Eu já estava enjoado da cerveja, e precisava de um efeito etílico mais intenso, um copo de uísque com gelo! Algo mais violento, mais resolutivo! Pedi ao garçom que

me trouxesse um *Broadway* e fui fumar lá fora. A rua movimentava-se de luzes velozes e carros possantes, de barulho e silêncio! Era uma noite como todas as noites! Com aquela sensação de *halls* preto na boca!

Ao longe se ouvia tocar: “meu bem, o mundo inteiro / está naquela estrada ali em frente / toma um refrigerante, coma um cachorro-quente / sim, já é outra viagem, e o meu coração selvagem / tem essa pressa de viver”... Belchior. Maldito Belchior martelando meu juízo! “Tudo mentira. Tudo cinema. Apenas cenas”...

Aquelas canções me lembravam poemas de Baudelaire, Rimbaud, Campos, *road movie* sul-americano, e eu bebia-as como um veneno fatal. “Ah! Eu nasci perdedor. / Pra que mentir de fingidor / das dores tão reais.”

Vi de relance quando ela montou na moto do playboyzinho que estava estacionada bem a minha frente. Com aquele vestido preto, bem curto e colado ao corpo, ela lançou-me um último olhar de ninfa sedutora. A moto roncou como se fosse estourar meus tímpanos e partiu veloz, partindo de palpitação meu coração estraçalhado.

Dei alguns passos sem rumo pela rua, e voltei para o bar. Paguei minha conta e sai sem direção. Aturdido e embriagado, precisava ir a algum lugar antes de enlouquecer de vez.

Depois de vagar pela noite inteira, me encontro batendo violentamente numa porta, chamando por ela. A porta é aberta, e dentro do escuro um vulto de mulher surge assustada. A luz se ascende.

Era a minha vizinha, enrolada numa toalha, languida e sexy. Fazia mais de meses que eu não a via e nem dava retorno às suas ligações. Nosso lance era um caso perdido. Precipitadamente, eu entro pela porta, sem dar ouvidos ao que ela dizia, e dou de cara com o professor de Literatura seminu, fumando um cigarro na sala. Na vitrola, um violão dedilhava uma voz imponente: “Quero gozar no seu céu / poder ser no seu inferno. / Viver a divina comédia humana / onde nada é eterno.”

Mãe Vêa

Marcelo da Silva Souza

Era mais uma tarde comum de quinta-feira, em que os bate-papos de Mãe Maria e seu neto se iniciavam na calorosa saleta da pequena casa na roça. Mãe Véa, assim conhecida por muitos, já estava com idade bem avançada, mas com espírito vigoroso. Teco, o neto a quem Mãe Maria mais amava – com peculiar curiosidade – gostava muito de indagar a avó sobre as histórias que ela viveu desde a infância.

Os dois pareciam adultos que conversavam com igual experiência sobre fatos antigos, e os olhos de Teco eram luzes com brilho intermitente. Mãos no queixo, olhos fixos e atentos a qualquer detalhe que era caracterizado pela avó, pernas bem unidas e agasalhadas, tudo isso parecia que ele queria ser o menos invasivo possível para que as palavras fluíssem de maneira natural tal qual a água corre no Rio Corrente. – Vó, ontem a senhora me falou que iria me contar do dia em que você foi para a Romaria da Lapa – lembrou o garoto, com sorriso no rosto e entusiasmo fora do comum.

– Sim, Teco! Mas primeiro eu queria saber se você dá conta de fazer hoje o que fiz no passado... – lançou Mãe Maria um olhar bem descrente e desafiador sobre o neto e esperou a próxima pergunta como se estivessem num roteiro de cujas partes já se tinha conhecimento.

– Como assim? – quis saber Teco.

– Hoje em dia, as piçarras desse povo novo vai da sala até o quarto e já reclama da vida. Queria era ver se fosse para os jovens de hoje viver numa época difícil de transporte como no meu tempo se eles iam sair do lugar – Mãe Vêa lança novamente um olhar de reprovação sobre Teco como se estivesse refletindo sobre as fragilidades em que os jovens atuais se encontram.

Mas Teco, em gargalhadas, revidou de forma descontraída:

– Queta, vó! – exclamou o moço. – A senhora fica aí tirando onda de fortuna e durona, e não dá conta de se levantar nem pra remexer o esqueleto – provocou-a de forma desafiadora e risonha simultaneamente. – Eu nem vou lhe chamar mais para dançar aquele forrozinho bom, porque sei que a senhora não dá mais conta, não é mesmo? Fica somente aí nesse sofazinho fofo, e eu estou de olho na senhora, dona Maria Conceição Clastes da Silva, viu!? – os dois riram ligeiramente. – Mas quer dizer que as suas viagens rumo à Lapa eram repletas de dificuldades, hein!? Quero saber o que de diferente que tinha nisso tudo que eu não daria conta de fazer – instigou Teco a avó.

– Meu fii, se eu lhe contar sobre minhas andanças para a Lapa, você chora – e, realmente, umedeceram-se os olhos vetustos de Mãe Vêa. – Oh! Mas como era linda aquela gruta do Senhor Bom Jesus. Aquele monte de pé de pau, tudo verdinho em cima daquele munda-rêu de pedra de meu Deus. Eu chego fico aqui querendo chorar só por me lembrar de uma coisa tão linda, tão invisível daquela.

– Ué, vó! – tomou-se de assalto Teco. – Invisível? Invisível, por quê? Se a senhora viu, por que seria invisível? – galhofou o neto. – A senhora queria dizer incrível? – indagou ele como quem já soubesse que era uma adoção de sentido por parte da avó e que ele já sabia que ela não ia entrar no mérito da resposta.

– Ali, vou lhe contar, meu fii, é a mão de Deus na Terra – continuou Mãe Vêa, ensimesmada, demonstrando distância entre o seu pensamento e a pergunta de Teco.

Teco observava a expressão emotiva e a conexão dos pensamentos de sua avó com as lembranças e, como quem não queria estragar a mágica paradoxal daquele silêncio ensurdecedor, apenas respeitou

o desenrolar natural daqueles instantes. Ela fitava em algum ponto da sala e ali seus olhos permaneciam imóveis, congelados, revestidos de uma nebulosa distante e indecifrável. Olhos sérios, mas felizes; de sentinela, compenetrados, misteriosos, oblíquos... e ela como quem tinha ao pé de si um reservatório particular de vivências, de forma a parecer que dali retirava todas as informações de suas histórias para contar ao neto.

Enquanto a avó permanecia mergulhada em seus pensamentos e nas pausas da história, Teco pega, muito rapidamente, uma xícara de café e um beiju, e se põe a se sentar quase em frente à Mãe Maria.

– Eu deveria ter uns dezesseis anos naquela época – a Mãe Vêa regressou rapidamente de seu universo mnemônico. – Não gostava de perder uma romaria sequer. Sempre que Dindinha ia, eu enrabava atrás. Ela já sabia que eu gostava de ir na Lapa ver a romaria e receber a bênção do Senhor Bom Jesus – rapidamente, olha de soslaio para Teco e retoma o ponto fixo dos olhos na parede.

– Quem é Dindinha? A mulher que te criou? – quis preservar o aspecto fático.

– Sim, Dindinha – respondeu, firmemente, mas continuou fixa como se não fosse o ponto em torno do qual seus pensamentos giravam. – Vou lhe contar por que você não conseguiria ver uma vez sequer a gruta do Bom Jesus naquela época.

– Por quê? – quis saber Teco meio ansioso, enquanto bebericava do maravilhoso café feito pela avó.

– Antigamente, nós, devotos do Bom Jesus, saíamos dos confins do Baixão de Açudina... porque foi lá que fui criada, cuidando de engenho, fazendo cachaça, garapa e rapadura, plantando milho – suspirou rapidamente e continuou. – E era só chegar a época de romaria, Dindinha já mandava que eu arrumasse as coisas para seguir viagem. Já andei muito nessa vida. Três dias antes, pegava a estrada e o transporte eram as duas pernas – orgulhou-se disso Mãe Mariinha. E continuou: – Dormíamos na beira das estradas, porque sempre tinha aquelas pessoas conhecidas, que também eram devotas do Bom Jesus, que seguiam caravana como se fosse todo mundo

de uma família só. Eram três dias caminhando, eram três dias com o pé na estrada – enfatiza Mãe Vêa, com um saudoso e quase dolorido suspiro por algo que não tornaria a acontecer.

Antes que Mãe Maria pudesse prosseguir, Teco rapidamente lhe pergunta espantado:

– Então, vó, quer dizer que a senhora não ia a cavalo, não? Como é que vocês caminhavam mais de cento e trinta quilômetros a pé? Meu Deus do céu! – exclamou o neto, que manteve a cara de espanto, embebedado de sua peculiar curiosidade.

– Pois é. E foi a minha vida toda, meu fii. Já andei muito nesta vida e nunca reclamei de nada, graças a Deus. O que é de Santa Maria da Vitória, Lapa... esse mundo véi de Deus já rodei tudo a pé.

– Incrível. Não sei como a senhora deu conta. Mas o bom mesmo é que a senhora gostava de ir à romaria e a mãe da senhora sempre ia, não é?

– Nem sempre foi assim. Às vezes, eu ia com uma amiga de minha mãe quando Dindinha não podia ir. – Mãe Maria deu uma risada bem diferente nesse momento.

– Por que a senhora riu? – correspondendo o riso, Teco atirou-lhe uma pergunta que compunha o instante do desvencilhamento da xícara de café findo, dos seus dedos.

– Foi bem nessa vez em que Dindinha não foi, que um comandante do vapor ficou interessado por mim. – riu novamente Mãe Vêa, depois de ter ajeitado timidamente alguns fiapos prateados de cabelo atrás da orelha com os três dedos que lhe restaram, quando de um acidente de engenho, em uma das mãos. – Eu era muito formosa, e ele, ao me ver buscando água no rio São Francisco, se aproximou de mim e disse que estava apaixonado por mim. “Morena, eu tô é apaixonado por você”. Mas eu estava apaixonada mesmo era por aquela coisa mais linda de se ver dentro daquele rio, ali parada. Foi a primeira vez que eu vi um vapor. Oh, coisa mais linda. Eu ia buscar três vezes água ali no São Francisco, e todas as três vezes eu ficava admirada com uma coisa invisível daquela. É... e todas as três vezes o capitão ficava ali admirando minha formosura. Mas eu não dei corda

para ele.

– Corda? Pra que essa corda? – Teco fez breve risada para fingir que não havia entendido que dar corda é o mesmo que dar ousadia.

– Então quer dizer que a senhora já arrasou corações?! – e os risos evoluíam em som e intensidade, do que resultou uma rápida algazarra na saleta, que se fazia ouvir para adiante até o umbral da casa.

– Mas você gosta, hein, seu danado!? – sugerindo ter encerrado esse evento, ela continuou. – Para ir até a Lapa naquela época, não era fácil, era mesmo na perna e nequinho não podia reclamar. Eu nunca reclamei, graças a Deus. Até os partos que fiz lá nunca cobrei um centavo e assunto que ia a pé, hein!? Deus é quem recompensa.

Teco já dissera que sonhava em ser médico obstetra, porque queria ser igual à Mãe Maria, e em seu rosto descortinava a emoção quando a sua avó lhe falava dos partos.

– Foram mais de mil partos que fiz. Minha vida se dividia entre cuidar de meus nove filhos e cuidar de trazer ao mundo mais uns milhares que não eram meus de sangue, mas que eram meus de coração, respeito e gratidão – diz Mãe Maria com ar de orgulho e de consciência tranquila do dever cumprido. E que dever, que ofício!!!

– Mais de mil? A senhora fez esse tanto de partos e ainda dava para cuidar de minha mãe e meus oito tios? Como a senhora fazia isso? – perscrutou-a.

– Meu amado Teco, eu sempre amei meus filhos, mas eu, como mãe, sabia pelo que uma mãe passa em hora de parto. Eu deixava meus filhos com seu avô, Lino, que Deus o tenha, e ganhava o mundo seja de madrugada, meio-dia, à tardizinha, à noite, fazendo chuva, temporal, sol, calor, frio... Eu não conseguia deixar alguém ali precisando de luz e não me doar. Seu avô brigava certas vezes e os meus filhos mais velhos já conseguiam reclamar da falta que eu fazia para minha família, quando a outra me chamava para lhe acudir o reben-to – Mãe Maria deixava cair em seu semblante nuvens de reflexões, que mudavam a cada minuto, como que fosse tomada de uma onda de sentimentos bons, mas que tiveram seu lado ruim. O sentimento de ter deixado os filhos pequenos em casa para salvar vidas? O preço

que se paga por ser uma heroína dos marginalizados e dos pobres? Preço ou recompensa? Talvez isso, talvez aquilo, talvez nada disso. – Eu também ficaria com ciúmes, vó. Mas por que a senhora não cobrava pelos partos que realizou? – o Teco tentou entender.

– Porque, quando peguei as instruções com as freiras que vieram da capital naquela época em que não se tinha médico que fizesse parto em Santa Maria da Vitória, eu sabia que meu dever era colocar em prática um dom que Deus me deu, meu fii. Nem tudo na vida se paga com dinheiro, nem tudo na vida é o beneficiário que paga pelo o que lhe aconteceu, mas pode ser outra pessoa que nem conhecemos. Deus sempre se encarrega de abençoar a gente de acordo com o que a gente faz. E também com o que mesmo que eles pagariam pelo parto? Tadinhos. Fiz parto de gente pobre e marginalizada. Gente que não sabia se amanhã teria o que comer, que, quando lhe faltava a farinha, dormia para não ter com a agonia da fome. “Dorme que passa”, era o que dizia a mãe – disse com o justo inconformismo social de uma heroína. Os olhos de Mãe Mariinha perderam a fixação e começaram a se esforçar para não deixar a lágrima rolar, o esforço era visível, mas era perceptível que ela queria continuar. – Muitas vezes, eu ainda tirava do pouco que eu tinha para ajudar aquelas que não tinham. Isso escondido de seu avô, é claro – sussurrou, liberando um leve risinho.

Teco, num assalto, fez sua mão encontrar a mão direita da avó, emocionado. Com uma mão aflagava-lhe as madeixas, e, com a outra, percorria os traços daquela mesma mão que eu disse ter dois dedos levados pelo engenho de cana de açúcar. Esperou um momento para que as lágrimas minimizassem, largando as mãos da avó e enxugando os olhos. – A senhora tem um bom coração. Tenho tanta admiração pela senhora – voltou a segurar as mãos da avó, enquanto lhe fazia pergunta. – E a senhora consegue se lembrar, vó, de quantos bebês morreram quando a senhora fazia parto? – perguntou ele sem ter pretensão de esconder a curiosidade.

– Sim. Eu me alembro muito bem. Nenhum menino morreu em minhas mãos. Nenhum menino e nenhuma menina – disse pouco

despretensiosa e continuou: – Naquele tempo éramos só eu, a pinça e Deus. Já fiz uns partos, que eu roguei a Deus para não levar nem a mãe nem o menino, meu fii. Se não fosse Deus, alguns não teriam nem saído da barriga da mãe.

– Como assim? Quer dizer que esses partos em que hoje se corta a barriga das mulheres em hospitais por conta da dificuldade que o bebê tem para nascer, a senhora conseguia fazer só com a ajuda de Deus? Tem o cesárea e tem aquele por que meu irmão caçula passou. – hesitou. – Hum... ah, sim! Parto a fórceps – recobrou. Teco revelou espanto e admiração simultâneos. Em uma época de recursos escassos, nenhum natimorto? Era legítimo ele ficar embasbacado.

– Sim. Vou lhe dizer que fiz alguns partos em que o menino estava trevessado na barriga da mãe. Esses eram os piores, porque a mãe gritava de dor e o menino não achava a passagem. Então eu numa aflição, junto com a prenhã, clamava um “Maria Valei-me”, e lá eu ia virar, na força do homem e na graça de Deus, aquele menino. Ajeitava aqui e ali, empurrava aqui, forçava ali, até que o menino encaixava no lugar certo. Pronto: menino virado na barriga da prenhã. E isso depois de gritos e sofrimentos da mãe. Mas eu também já fiz de tudo quanto é parto: foi menino já nascendo roxo, sufocado com várias voltas do cordão do imbigão no pescoço, bem arrochado mesmo, menino que nasceu de sete meses, parto em que a prenhã tinha que ficar de coc, ... e de todo tipo.

– Cócoras – assimilou o neto e a deixou prosseguir na tessitura das palavras que ficavam mais belas à medida que se embrenhavam pela distância do culto e do formal.

– Agradeço a Deus por nenhuma criança ter morrido em minha mão – lançou um olhar rápido para o céu com as mãos em posição de reza. Muito impressionado Teco ficou, seus olhos ficavam mais fixos nos olhos de Mãe Maria. E a questionou: – Nossa! Parece inacreditável que até parto na posição de cócoras... puxa! Bem, vó, a senhora disse que teve milhares de filhos de coração. Essas pessoas reconhecem o que a senhora fez por eles? – interessou-se.

– Sim. As pessoas que eu peguei quando nasceram me chamam

de Mãe Maria, Mãe Vêa, Mãe Mariinha... consideram-me a segunda mãe deles, tudo isso segundo a orientação de suas sofredoras mães, no parto – disse muito orgulhosa, como se isso fosse o que realmente importasse. – Isto é o pago que tive pelo meu trabalho: respeito e filhos de coração. Na missa aqui nesta Açudina vêa, você mesmo vê como as pessoas param e me pedem a bênção... “benção, Mãe Vêa”, “bênção, Mãe Maria”... “Deus é que te abençoe, meu filho”. Fui parreira por amor, para ajudar ao próximo, os precisados, porque sei que sou ajudada por pessoas e às vezes nem percebo. Isso é o que importa.

– Quando eu crescer quero ser igual à senhora. Decidi que serei médico obstetra. Farei parto. Trarei muitas pessoas ao mundo com meu trabalho – o neto ficou o mais próximo de Mãe Maria e lhe envolveu nos braços calorosamente.

– Deus lhe abençoe em suas escolhas e que você ajude a quem precisa. Faça isso por gostar e já será recompensado, pois sei que seu coração é nobre e bom – disse com firmeza e seriedade, correspondendo em intensidade o calor do abraço que o neto lhe reivindicara.

Ao se afastar delicadamente de Mãe Vêa e já com os olhos cheios de lágrimas, Teco dá um play numa música no aparelho de som bem próximo e delicadamente puxa a avó para uma dança. Em risos, ela hesita: – Vixe, meu fii. Quem estava me chamando de vida boa ainda há pouco? Vou inventar isso não, nem dou conta mais de remexer o esqueleto, como você mesmo disse... Dou conta destas coisas mais não. Será?! – os risos aumentam, preenchendo a saleta de felicidade fácil.

– Oxe! A senhora é mais uma jovem de 86 mais alguns anos. Deixei disso... vamos – puxando-a com carinho e delicadeza.

Mãe Maria hesitou um pouco: – Vou não. Não me puxe, moço. Vou ter um treco nas costas. Estou catrozada – riu. – Quer saber? O que é pouco não se rega, acaba logo que sossega – sugerindo um sim à dança.

– Isso, isso – Teco comemora. Não sei se disse que a coluna de Mãe Maria estava bastante comprometida e que dançar parecia algo

fora de cogitação, para uma senhora de mais de 86 anos e que há muito não fazia outro exercício a não ser andar pelas dependências da casa.

A música de forró começou. Teco incentivava o esforço da avó, sempre com um riso que estava entre um achar engraçado e uma contagiante felicidade de estarem ali. E, paulatinamente, a dança evoluía. Os dois, muito à vontade no passo de dança que não seguia o ritmo e batida da música. Ritmo: isso pouco importava. Depois que a música finalizou, Teco tentou devolver Mãe Maria ao assento. E, para a sua surpresa, sua avó impunha uma força contrária sugerindo que queria ficar em pé. – Agora, me conceda outra dança, meu amado Teco – olhou-o fixamente e maravilhada.

– Claro! Mais duas, três, quatro, quantas a senhora quiser, minha véa-moça! – e começaram a entrar no passo novamente. Assim que a música finalizou, eles arrancaram um abraço caloroso um do outro.

– Mãe Véa, obrigado por tudo o que a senhora é na minha história e na história de muitas pessoas. Pela sabedoria que compartilha com a gente todos os dias. Eu amo tanto a senhora. Eu amo tanto a sua história – e novamente a abraçou mais demoradamente. Ainda no aconchego daquele intenso abraço, Mãe Maria completa:

– Eu também te amo. E quanto à história... faz a tua. Porque melhor do que ouvir história, é fazer a história, é viver a história.

– Eu sei que a senhora sabe bem disso; afinal, a senhora não apenas fez história, mas é a própria história para muitos e de muitos – respondeu Teco, beijando-lhe a testa e se sentindo confortável naquele amigo, verdadeiro e caloroso abraço.

Memórias de uma infância abençoada

Cátia Fernanda de Oliveira Passos

Era uma manhã calma de domingo, estava sentada à beira do rio ouvindo o canto melódico dos passarinhos. A água ligeiramente límpida e calma escorregava por entre meus dedos que levemente se fundia à fina areia de fundo ao tentar tocá-la. O sol das oito horas começava a deixar seus primeiros indícios de ardor em minha pele singelamente bronzada e eu pairava naquele ambiente que a cada momento me fascinava ainda mais, na verdade, sempre me causou fascínio, e como de súbito, em meio aos vinte e poucos anos que a vida me presenteara, eu ainda me encontrara como uma criança de dez anos que buscava refúgio naquele ambiente sagrado. Ouvia através do lapso que ora me ensurdecia por dentro, minha avó gritando: – Juju, vem almoçar menina! E eu de longe, respondia: – Já vou, vizinha. Aquele lugar era o sítio dos meus avós, lugar pelo qual eu poderia viver todas as horas do meu dia e todos os dias da minha vida.

À sombra do manguezal, me lambuzava ao saborear os belos frutos que a natureza nos presenteava e novamente as lembranças da infância me vinham à tona como num nevoeiro desesperado. O saudosismo daquele lugar e dos tempos de criança, me fez perceber o quanto a vida é breve e delicada e o quanto somos tão levianos em negar-lhe cuidado. Ao observar a natureza, percebi a tamanha transformação sofrida ao passar desses anos, o rio já não é mais o mesmo, a cada ano, a estiagem que castiga o meu oeste baiano

e as ações humanas, pune também as águas dessa terra, que sem força e sem alento, ficam indefesas e sem condições de oferecer sobrevivência aos animais que delas dependem e dos ribeirinhos que vivem em suas margens. Nesse instante, lembro-me muito bem quando minha avó contava sobre as orações e promessas realizadas pela comunidade para pedir chuva. Numa caminhada rumo à igreja, várias pessoas peregrinavam com vasos d'água sobre suas cabeças e entoando cantos de lamento e devoção, suplicavam pela intervenção divina.

Eu achava incrível o modo como minha avó contava essas histórias, havia todo um sentimentalismo por trás daquelas palavras e com os olhos mareados, ela tentava ao máximo, prender as lágrimas sofridas que insistiam em cair. Eram lágrimas de fé de um povo devoto em Jesus Cristo que enxergava em Nossa Senhora uma intercessora dos pecadores e nos mais variados e milagrosos santos que atendiam os pedidos e promessas realizadas com amor e piedade. Rapidamente, ela tirava um lenço do bolsinho do avental e olhava para o horizonte admirando maravilhada toda aquela beleza desenhada pelas mãos de Deus.

Debruçada sobre a folhagem seca, despertei-me do sono que me consumia e ecoando de longe, ouvia vozinha chamar: – Juju, vem almoçar, menina! Para os pais e os avós, nós seremos sempre crianças, independentemente da idade que tenhamos. Fui às pressas atender o chamado furioso de minha avó, aquela voz suave havia se perdido no vento ao estranhar que seu ruído não era respondido. Vozinha era doce, extremamente doce, mas não gostava de teimosia, nem de repetir chamado. Cheguei então na varanda de casa, ofegante da carreira e pedi um copo d'água. Ela olhou fixamente para mim e falou: – Onde estava, Julieta? Tá surda agora? Não ouviu meu chamado? Quando minha avó ou qualquer pessoa da minha família me chama de “Julieta” é porque a coisa não está nada bem. Me bateu um friozinho na espinha e respondi que havia cochilado no manguenzal. Minha justificativa foi aceita, mas ainda assim, vozinha continuava brava.

Durante o almoço, fiquei a pensar do quanto me irritava o nome “Julieta”. Com mais ou menos sete anos de idade, indaguei à minha mãe: – Oh mainha, Juju é um apelido tão carinhoso, lembra infância, mas Julieta é nome de velha. Minha mãe naquele instante, sentada na cadeira de balanço concentrada no seu bordado, olhou para mim e liberou um sorriso de canto, mas não professou uma só palavra.

Eu nas minhas reflexões, não aceitava esse nome e novamente indaguei: – Mainha, por que eu não poderia me chamar, Júlia, Juliana ou poderia até ser Jabuticaba? Amo jabuticaba e adoraria ter nome de fruta. Fruta também lembra criança. Minha mãe impaciente, falou: – Julieta, seu nome é lindo, minha filha. Sabia que existe uma personagem mundialmente conhecida de uma tragédia de um poeta inglês chamado William Shakepeare? Fiquei a pensar, com os olhos vidrados no céu. Nas minhas convicções de criança, pouco me interessava levar um nome de uma personagem famosa, eu gostaria mesmo de ter nome de criança ou nome de fruta. Mainha se preocupou com meu profundo silêncio, soltou o bordado e sentou-se do meu lado me explicando sobre Shakespeare e a história de Romeu e Julieta. Com a curiosidade aguçada, perguntei: – Como você conhece essa história, mainha? Aqui pouco se ouve histórias estrangeiras é mais bonito ouvir as lendas do rio que causam medo e desconfiança. Minha mãe sorriu e disse: – Filhinha, uma certa vez, fiz uma viagem à Salvador e comprei esse e outros livros numa feira. Eu admirava muito mainha. Apesar do pouco estudo, ela tinha muitas qualidades, dentre elas uma linda caligrafia, quando seus dedos tocavam na caneta, esta parecia bailar sobre o papel.

Quando criança, amava observá-la ler, pois ela admirava vários tipos de leitura, sabia de muita coisa, era extremamente inteligente, dizia que se tivesse estudado, gostaria de ter se formado professora para ensinar às crianças da roça as maravilhas que a leitura proporciona. A mais incrível qualidade de mainha é que com o passar dos anos ela continua exatamente igual, parece até que seus talentos se

aperfeiçoaram ainda mais, extremamente cuidadosa, faz tudo com amor e dedicação. Voltando à cena inicial, novamente perguntei à mainha sobre o motivo de meu nome chamar-se Julieta. Mainha se exaltou, não tinha mais paciência com minhas inquietações, pôs-se a respirar fundo e disse: – Filha, se você não se chamasse Julieta, certamente se chamaria Joana ou Joaquina, que são os nomes das suas avós. De qualquer forma, teria apelido de criança. Novamente não me contentei e fiquei a pensar: “Bom, eu amo minhas vozinhas, mas não gosto do nome de nenhuma delas, já que não posso ter nome de criança, nem de fruta, acho que tenho que me contentar com nome de personagem desse tal de Shakespeare”.

Minhas lembranças são infinitas e junto delas me vem a fascinante vontade de voltar ao passado e reviver tudo outra vez. Apesar delas reviverem como uma pintura em mente, muita coisa havia mudado. Observo a paisagem do cerrado, devastado por queimadas que ameaçam o bioma. Meus olhos nesse momento, se encontram mergulhados num mar de lágrimas tristes e sem alento. Fico a pensar até quando esse cenário prevalecerá, penso também sobre o nosso papel de seres humanos protetores da natureza. O que podemos fazer para amenizar essa situação? Me encontro totalmente ineficiente diante dessas perguntas. Não dá para sentar, chorar e lamentar. São muitas histórias de vida que precisam ser resgatadas e muitas gerações que ainda virão. Precisamos cuidar de todas elas. Meu coração se inquieta e dói. Nesse momento, me debruço novamente, mas dessa vez, sobre minhas lágrimas desesperadas. As inquietações continuam, mas hoje não sou mais Juju de dez anos que não gostava do próprio nome, sou Julieta, uma mulher feita e que precisa fazer algo por sua terra e seu povo.

A morte vem em meu campo de visão como um acinzentado balé de fumaça, que me ofuscava na tentativa de enxergar algo. Lembro-me quando me deparei com a morte pela primeira vez. Tinha cinco anos e foi com a amada cachorrinha da família, a Baleia. Isso mesmo, se chamava Baleia. Ela viveu por quinze anos, mas a vida de cachorro é multiplicada, por isso, ela tinha uma idade mais

avançada. Baleia nos seus momentos finais de vida, pouco enxergava e por conta de sua limitação, fazia xixi em vários ambientes de casa, precisava da nossa ajuda para ser guiada, inclusive na hora de comer. Me deparar com nosso animalzinho de estimação naquela situação, me causava uma tristeza tamanha e eu na minha pureza de criança, pedia a Deus para curá-la daquela amargura.

Um certo dia, dei-me por sua falta e saí à sua procura. Encontrei Baleia gemendo embaixo do pé de acerola do quintal da vizinha. Sentei-me no chão e coloquei minha mãozinha sobre sua cabeça e comecei a cantarolar uma musiquinha que aprendi na escola. A música perguntava como que um peixe poderia sobreviver fora da água. Segundos depois, Baleia deu seu último suspiro. Nesse momento, fiz uma pausa, ainda não entendia que sua vida teria partido. Continuei a cantar: “Como poderei viver, sem a sua companhia”, pouco percebi, mas minha voz já estava trêmula por conta do choro que em instantes viria a ser flagrado por mainha. Aquela cena para mim, foi chocante, me deparei com uma sensação de impotência, sem nem mesmo saber o que isso significaria. Naquele momento, percebi a grandeza da vida e do valor da saudade, do companheirismo e da amizade. Conheci a morte e algo no meu interior me dizia que aquela cena se repetiria outras vezes.

Baleia era uma parte da nossa família, minha mãe a batizou com esse nome, por conta da sua admiração pela obra, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Mainha comparava a miséria da seca vivida pelos personagens de Graciliano, com as mazelas que encontramos aqui no interior baiano. No período da estiagem, a lamúria representada pela dolorosa cena do sofrimento humano, se alastra pelo ar, juntamente com o ruído sombrio dos ventos desse período. O sertanejo chora com a plantação perdida e com o sofrimento do gado, que sem pasto e sem água, definha seus ossos sobre a aridez do chão rachado. O rosto ríspido do homem do sertão, conota a dor e o sofrimento materializado na pele castigada pelos fortes raios solares e ao mesmo tempo, exprime o mais profundo sentimento de amor e gratidão pela terra que impõe o sustento. Cada plantação

consolida a mais profunda relação humana com o solo que germina e dá frutos, é uma afinidade praticamente sagrada. O homem do sertão é igual ao homem do mar descrito por Jorge Amado, tem suas raízes fincadas nesse solo que lhe deu abrigo à vida inteira, ele está inteiramente ligado a ele, só se separam quando o fim da vida humana vem lhe visitar.

Voltando para a casa de vizinha, comentei sobre as maravilhas do meu oeste que são representadas pelo vale e pelo cerrado e as suas subsequentes plantações de milho, mandioca, feijão, algodão e soja. O presentear que as águas do Rio Grande e do Velho Chico oferecem, ecoam como se fossem cantos pronunciados diretamente da voz de Deus.

– O povo daqui é um povo diferente, vizinha! Expressa um de seus bisnetos. Minha avó repleta de admiração, pergunta: – Por que você acha isso, menino? Pedrinho com um sorriso puro no rosto aspirado pelos seus seis aninhos, solta uma gargalhada e completa:

– Porque fala com animal, sente junto com o animal e até advinha o que o animal quer. Pedrinho está certo ao fazer essas observações, é um menino esperto e consegue enxergar, assim como eu nos meus tempos de infância, os encantos desse lugar.

A tarde ensolarada quer se despedir e antes que ela se vá recolhendo seu ator principal, resolvemos passear sobre as águas do Velho Chico para contemplar o pôr do sol mais lindo do universo. Ao subir na pequena embarcação, o radinho de meu avô sintonizado na rádio local, começa a tocar “Anunciação”, de Alceu Valença, ao ouvir “Tú vens, tú vens, eu já escuto os teus sinais” me desabo no pranto mais embriagado do mais belo e puro saudosismo da minha infância. Vejo em flashes de memória, como num emaranhado de fotografias, eu e minhas amiguinhas brincando com pedrinhas no chão e cantarolando “Os encravos de Jó”, enquanto minha mãe preparava uma deliciosa buchada de bode e minha vizinha estendia as roupas que há pouco quaravam no sol. A casa se enchia de alegria, o vento forte era música na qual os lençóis coloridos coreografavam um balé que enchia nossos olhos e aos poucos levantáva-

mos e íamos ao seu encontro nos enlaçando no perfume que vinha do tecido ainda úmido. Lá fora, as esmolos do Divino convidavam a todos os devotos que com fé, louvor e gratidão, recebia sua bandeira em seus lares demonstrando o mais profundo afeto e respeito. Nesse momento, vozinha diz:

– O que foi, filha? Eu respondo quase que sem querer, – Nada não vozinha! – e assim, olhando aquelas águas embebecidas pelo vermelho alaranjado do sol, vou me despedindo daqueles momentos mágicos, refletindo sobre a sabedoria popular do povo ribeirinho ao professar suas cantigas e lendas. “Será que à meia-noite, o rio irá mesmo dormir? Os peixes irão repousar e mãe d’água virá das profundezas das águas velar pelos seus filhos? Dizem os pescadores, que é bom não acordar o rio nesse momento. Será? Será?” Essa pergunta não me sai da cabeça. “Quem sabe?” É a pergunta-resposta que vai permanecer no ar.

Encantos do São Francisco

Érika Renata Martins Mertens

À meia-noite exatamente, quando o rio adormeceu e Mãe D'água surgiu para pentear seus cabelos entoando o canto mais inebriante já escutado naquelas bandas, foi justo nesta hora que Joaquim avistou ao longe a moça Maria. No leito do rio, por baixo do barranco, apanhava mais uma trouxa do barro sagrado de fazer suas panelas. No raiar do dia seguinte, esculpiria naquele barro o mais belo artesanato, com a paixão do aprendizado deixado como única herança das mulheres da família. Em uma outra noite qualquer, não a enxergaria diante da escuridão. Mas naquela noite em especial a lua cheia iluminava todo o rio São Francisco, cujo reflexo enchia os olhos.

A figura que lhe inebriava possuía um corpo escultural, cabelos longos, negros e ondulados e suas curvas se desenhavam dentro de um vestido branco de algodão. Delicada nos gestos e precisa nos movimentos, apresentava uma serenidade e calma no olhar baixo, concentrado em sua tarefa.

Imergido no encanto deste cenário místico e, frente à tamanha formosura, esqueceu Joaquim da gravidade de acordar o rio. Remou sua canoa para às margens, fazendo ondas a cada movimento. Os peixes, assustados com o barulho da água, acordaram e saíram do fundo do rio, nadando atordoados e rompendo a calma. As cobras, na quebra do encanto, retomaram seu veneno e voltaram

para a mata. Chegando à margem, acomodou sua canoa no banco de areia, indo ao encontro daquela linda imagem de mulher. Envolvida no trabalho de recolher o barro, não percebeu a aproximação do pescador. Em um relance, assustou-se com a voz dizendo: “Boa noite, moça”. E ali, frente àquela figura masculina, esperava o desenrolar da fala enquanto palpitava o coração numa mistura de surpresa e de fascinação. O jovem pescador a olhava e, não obtendo resposta, procurou acalmá-la:

– Não se assuste. Estava em uma noite de pescaria, quando cesei para o virar da meia-noite. Avistei bela perfeição recolhendo o barro e, movido pela admiração, vim ao teu encontro.

Apesar de jovem, aquele homem apresentava um ar sério e honesto no olhar. Porém demonstrava também um frescor na voz. Nos lábios, um sorriso tímido. As vestes simples de pescador e o corpo aparentava a saúde natural de um rapaz.

– Boa noite, pescador. Por que me admiras? Assustei, pois nesta hora apenas as almas dos afogados vagam aqui. Sobem do fundo do rio em direção às estrelas.

– Admiro por que, beleza igual, apenas a Mãe dessas águas possui.

– Não lhe conheço moço, diga-me seu nome.

– Joaquim pescador.

– Sou Maria. E lhe digo que a beleza que enxergas nem chega aos pés da beleza da minha madrinha Iara.

Interrompendo aquele diálogo, um barulho se ouviu vindo da direção da canoa. Indo ao encontro e, chegando lá, a depararam destruída. Os peixes do balaio foram soltos ao rio e as redes do pescador haviam sido todas arrebitadas. Uma risada estridente e amedrontadora ecoava pela noite. Entre cambalhotas e giros, submergindo às águas e retornando à superfície, podia-se enxergar claramente de quem a figura se tratava. Era o Nego D’água, protetor do São Francisco, a figura mais inconfundível já vista. Um negro alto e esbelto, com nadadeiras de anfíbio, corpo escamado e um olho só no meio da testa. Tão conhecido e temido pelos ribeirinhos,

com um semblante tomado pelo ódio, gritou:

– Pescador! Por que acordastes o rio? Não sabes tu que, à meia-noite em ponto, Mãe-D’água sobe à superfície para entoar o seu canto de magia e neste momento o rio dorme permitindo que as penosas almas dos afogados se desprendam das águas e subam às estrelas?!

Movidos pelo medo, os dois jovens ribeirinhos não demonstravam qualquer reação e mal acreditavam na cena que seus olhos registravam. Joaquim, em frente a Maria, tentava apenas defendê-la enquanto temia por suas vidas. A criatura, aos berros, continuou:

– Teu desrespeito será punido! Levarei os dois para o fundo das águas, onde me servirão de escravos e jamais serão vistos!

Joaquim, ao ouvir tal ameaça, pensava apenas no mal que ocorreria àquela linda moça por quem se tomou de encanto minutos atrás. Enchendo-se de coragem, respondeu destemido:

– Para conseguir isso terá de ser à força, criatura horrenda! Mal algum fará a ela e, para me levar às águas, somente conseguirá se me vencer em um embate!

– Como ousas me desafiar?! Aliás, muito formosa essa jovem que defendes. A levarei para tornar-se uma de minhas mulheres, coroarei com flores e lhe darei todas as jóias que desejar.

No calor do momento, e sem saber o que fazer, avistou Joaquim o seu arpão ao chão e num salto, alcançou-o. Tomado de uma coragem e inconsequência momentânea quis desferir um golpe ao seu opressor, mas sem sucesso, acabou perdendo o arpão. Foi nesse momento que Nêgo D’água percebeu tamanha audácia daquele jovem rapaz. Mal podia acreditar naquele gesto de loucura de um simples pescador. Num relance sua ira cresceu e, submergindo às águas, recuperou o arpão que havia afundado. Voltando-se contra Joaquim, desferiu um golpe certeiro. Agora o arpão atravessava seu coração e, caindo à areia gelada, agonizava num suspiro silencioso de coragem e de dor.

Maria que, recuada, observava atônita toda aquela cena, agora soltava um grito estarrecedor de desespero. Correu ao encontro de

Joaquim com lágrimas nos olhos, sentou-se na areia e descansou a cabeça do pescador em seu colo. Não conseguia assimilar e digerir tudo aquilo que tinha acontecido num espaço tão curto de tempo. Ao sair de casa, imaginava ser apenas mais uma noite como outra qualquer. Recolheria um pouco do barro no leito do rio, faria sua prece à madrinha Mãe D'Água, lhe ofertaria flores de oferenda e retornaria para casa. Mas agora, diante de ti, agonizava o jovem que a poucos minutos havia lhe surpreendido na beira do rio, lhe proferindo palavras tão doces que chegou a arrancar-lhe admiração.

Mas qual o motivo que levou Nêgo D'água a cometer tremenda maldade? Joaquim desobedecera ao horário mais sagrado do rio. Mesmo sabendo das consequências de seu desrespeito, não o fizera por mal. Inebriado, buscava apenas ver de perto aquela moça, esculpida com beleza e magia por quem seu peito se tomou de encantamento. Entretanto, ao se acordar o rio à meia-noite, as almas que se dirigiam para os altos das estrelas, perdem seu caminho e não alcançam a libertação. Não há um ribeirão que desconheça os limites do São Francisco e que não respeite às ordens dos seres encantados. Mas ali, desfalecendo, já não importava mais saber das intenções do jovem pescador. Agora era tarde.

Esse cenário de angústia foi interrompido num relance. Quem surgia das águas, com toda sua exuberância e esplendor, era a Mãe D'água. Formosa criatura mística, sereia do São Francisco, metade mulher e metade peixe. No lugar dos membros inferiores, possuía uma cauda reluzente. Sobre sua cabeça, coroa de flores. Enfeitada com muitas joias e pedras preciosas, tinha à mão um pente de ouro, o qual utilizava para pentear seus lindos cabelos compridos e negros, como o de Maria. Um corpo esculpido com detalhes, fazia morrer de encanto qualquer homem que a avistasse. Vinha nadando e entoando um canto embriagante, cuja voz suave enfeitiçava qualquer um que a escutasse. Se aproximando dos três e, sentando em uma grande pedra que estava encravada perto do banco de areia, questionou:

– O que está acontecendo aqui? Por que fui interrompida em

meu canto? Não sabem por acaso que este é o horário sagrado das águas?

Nêgo D'água surpreendeu-se com a aparição de Iara. Com um olhar agora de respeito e temor, curvando a cabeça para a sua rainha, respondeu:

– Ó minha rainha, mãe destas águas! Perdoe-me, mas estive em um embate por sua defesa! Este pescador que agora agoniza, desafiou-me após ter quebrado o adormecer da meia-noite. Em um golpe tentou atingir-me, mas descobriu que forças não tem contra os seres encantados.

Avistando Maria, Mãe D'água mal podia acreditar na cena que presenciava. E ali, sentada na areia, acudia o tal jovem audacioso. Como podia sua afilhada estar metida nesta confusão?

– Maria! O que fazes aqui? Como pode estar envolvida nisto?

– Madrinha Iara! Este pescador me surpreendeu às margens do rio e, ao ser ameaçado por esta criatura horrenda, tentou defender-me. Mas agora está ferido e agonizando, sem gesto algum de piedade. Não permita que ele morra, madrinha!

Mãe D'água, ao perceber a coragem daquele jovem e o olhar apaixonado de Maria, tomou-se de piedade. Nadou até a margem onde estavam os dois e retirou, num rápido movimento, o arpão do peito de Joaquim. Sobre a ferida colocou uma gota da água do rio e ali, frente aos olhos de todos, o corte logo estancou e cicatrizou. Mal podia Maria acreditar nos que seus olhos presenciavam. E, num suspiro intenso, o pescador retomou a consciência assustando-se com a presença de Iara.

Ao abrir os olhos e encará-la, sentiu Joaquim uma ligação e afeito por ela. A rainha das águas, chamando-o para perto de si, quase não acreditava quando percebeu de quem se tratava. Ela, que durante anos escondera um segredo, via diante de si um rapaz o qual ela conhecia muito bem. Perpassado tanto tempo, não imaginou que o veria novamente.

A muitos anos atrás, Mãe D'água – tão conhecida por encantar a todos os ribeirinhos – apaixonou-se por um pescador. Era ele o

melhor pescador daquelas bandas e, numa noite, enquanto guiava seu barco e pescava, ouviu o canto de Iara e foi ao seu encontro. Naquela noite se encontraram num ato de magia e amor e foi também naquela noite que a Mãe das Águas tornou-se mãe de um menino. Tomada de muito amor, gerou e concebeu aquela criança, mas devido às suas limitações de ser encantado, deixou com o pai para criá-la. A tristeza invadia o coração de Iara e todas as noites em que cantava, lembrava do seu amor e do filho que jamais pudera ter por perto. Mas agora, ali em sua frente, reconhecia no olhar de Joaquim o olhar do seu pai pescador.

Hesitou em contar a verdade pois já havia prometido a si mesma guardar eterno segredo. Não podia deixar que o tão amado filho Por isso afastou-se dos dois, sorriu e olhando para Nêgo D'água disse:

– Deixe-os em paz. Jamais os perturbe novamente, pois nas águas do São Francisco nenhum outro amor deverá ser impedido.

Voltando o olhar para Joaquim e Maria, continuou:

– Quanto a vocês dois, sigam seu caminho e continuem a respeitar os seres encantados e as águas deste rio e, assim, convivemos em paz.

Não dizendo mais quaisquer palavras, mergulhou no rio e nadou para as profundezas. Nêgo D'água, obedecendo as ordens de sua rainha, também retirou-se dali. Mergulhou de volta ao rio, enquanto soltava gargalhadas e uma cantiga que dizia “Mãe d'água, rainha do Rio São Francisco. Mãe d'água, sob o luar seu canto é bonito. Iêêê, Iara! Sereia do rio, rainha das águas! Iêêê, Mãe D'água! Sereia do rio, rainha das águas!”.

Perplexos com o desenrolar daquela trama, os jovens se abraçaram aliviados. Maria já não chorava, mas sentia dentro de si algo diferente, uma empatia muito grande pelo pescador até então desconhecido e que tinha arriscado sua vida para defendê-la. Dentro daquele abraço os corações palpitavam e, ao se olharem, encontraram-se em um beijo. Um beijo terno e doce, sob os raios da esplendorosa lua, encerrou aquela noite.

Tal acontecido logo se espalhou pelas redondezas e todos os ribeirinhos se encantaram com aquela história de coragem e do amor abençoado pela Mãe D'água. Os que vinham de fora acreditavam ser apenas mais um conto e se divertiam com a imaginação daquele povo. A história se propagou e até quem morava muito longe soube do caso e sentavam nas calçadas para contá-lo às crianças. Joaquim continuava suas pescarias no grande São Francisco, enquanto Maria fazia suas panelas de barro e todo dia deixava suas oferendas à madrinha.

Nêgo D'água sumiu por uns tempos, mas vez ou outra aparecia para penalizar algum pescador ruim que desrespeitava o rio ou a fauna e a flora. Mas bastava um pouco de fumo para que ele ficasse contente e deixasse em paz a pescaria. Entre saltos e mergulhos, encantava as ribeirinhas e as lavadeiras que na beira do rio iam lavar suas trouxas de roupa.

Enquanto isso, Mãe D'água todas as noites cantava, suspirava e com saudade lembrava do amor que foi embora. Mas todos os dias quando via ao longe Joaquim, seu coração se acalmava. E as oferendas de sua afilhada lhe enchiam de alegria o coração. E assim, até hoje continua cuidando das águas do rio e abençoando aos ribeirinhos. Há quem diga que até seu canto ficou mais bonito.

Perpétua

Flávio Dantas Martins

Fraquiei os nervo. As perna não mexe. Arriaram. Não falo mais. Nada dos nervo e do sofrimento. Perdi assunto. Falar demais é sofrer de novo. E mãe dizia pra não falar demais. Uma vez. Fala demais dá bom dia a cavalo, dizia os velhos. Não entendi. Dei bom dia ao cavalo russo de meu pai e ele olhou pra mim. Mas aí alumiei a razão. Não precisa falar. O olho tagarela. O rosto veve gritando. Eu calei. Mas vou falar do que arriou meus nervo e derrubou minhas perna. Foi a guerra. Tempo difícil. Nem parece o tempo bom de antes. Não era fácil. Mas era bom. Primeiro cuidar os irmão e irmã pequena. Pai ia campear e mãe cuidava do terreiro. Cozinhava em cima do tamborete pra alcançar as panela. Ia na lagoa lavar pano de menino mole quando tinha água e olhava os menino enquanto mãe olhava os bicho. Sabia coser e costurar. Ia pra roça catar feijão. A desmancha de mandioca era bom. Os home ia cedo tirar as raiz. As mulher juntava na oficina. Falava, cantava. Cresci ajeitando os outros. Aguentava trabalho no verde, aguentava fome na seca. Na de oitenta e oito, quando acabou o cativeiro, passamo aperto e só tinha carne de caça e chá com farinha de borra. O verde chegou. A gente esperava e chovia. Coisa bonita, o inverno verde, a chuva, a serra branca. Cresci e fiquei bonita, forte. Mãe disse que puxei a tia Rita. Pai não encrencava de levar as filha moça nas festas. Mas não podia dançar. Nunca agradei de homem mofino. Aí dei pra namorar

Oripe. Foi numa missão, quando os padre italianos vieram na Canabrava e rezaram cinco dias. Ele disse que me achou bonita mesmo com o véu preto. Que me via sem me ver. Nunca tinha ouvido coisa bonita assim. Não demorou muito e a gente juntou e na outra missão, casou. Mulher nova, homem novo. Bonito forte valente. Falador. Falava bonito. Veio filho. Mais filho. Filhas. Não era fácil. Teve crise. Oripe era trabalhador. Fez casa. Botava roça, botou oficina pra desmancha de mandioca. Engenho. Família grande. Muita gente pra mutirão, pra trabalhar na oficina e no engenho. Trabalhava de dia e de noite, cansava, mas descansava. O que não descansa é o cansaço da vida. Desgosto. Aí veio a guerra. Os velhos dizia que pior que a crise só a guerra, a revolução. Pra seca guarda farinha, guarda rapadura, guarda as cumbucas de tapioca, o feijão no paiol e vai no campo tirar xique-xique pra matar sede de boi e cavalo. Vai na Lagoinha pegar o carote de água. Se a Lagoinha secar, vai nas cacimba dos boqueirão da Serra. A guerra não. A guerra chega e leva o animal, leva o de cumê e as vez nem leva, mas só de ruindade bota fogo que é pra ninguém usufruir. Os homens perverso faz a guerra por ganância. Igual os revoltoso que passaram na era de 26. Tinha chovido muito. Falam que o rio de Xique-Xique inteirava três léguas de largura e que o povo da Barra já tinha mudado pro morro do Pilão mode a enchente ter subido e comido tudo na cidade. As roça deu o que precisava. O que não abunda não vicia. Choveu de fazer medo nas caatinga. Foi na quaresma, quando até as galinha jejua. Ai de quem não reza! Trouxeram a nova da fazenda São Gabriel: os revoltoso passaram o rio Jacaré e tão rumando pra Canabrava. Os homem turraram valentia. Mas correram atrás das mulher pras roças onde tinha pelo menos o que comê, enquanto outros foram pra Serra debaixo da chuva. Tu não acredita. Revoltoso não passou. Quando começou a desmancha de mandioca, Simão chega da Laranjeira com a notícia: os revoltoso tão arranchado e seguindo pro norte. Horácio tinha dado guerra a eles na chapada e eles correram por cima do rastro. Não teve valente. Só uns seis que subiram o morrinho pra atirar ne Carlos Prestes. O povo correu naque-

la agonia. Antonio Carnudo correu com duas arroba de torrês nas costa. Não deu pra levar quase nada. Aflição de ver o ladrão chegar na porta e não ter com que defender. Vicença ouviu os tiro, mas eu não ouvi não. Mas vi a fumaça. Só ficou Zefa e Claro. Os revoltoso fizeram as do fim com Zefa que não durou até o verde seguinte. Claro parecia que tinha voltado do inferno. Queimaram Canabrava só de raiva com a querosene da bodega de Tonho de Fulô. Deus não nos livrou desse dano. Os bicho que acharam na estrada carregaram. Mataram boi, mataram porco, levaram cavalo. Parece que mataram uns dois no dia, pois depois viram as cruz na roça de Antonio Bezerra depois do Riacho da Areia. Foi quando vi a mentira do povo: revoltoso era cristão. Não era cigano. Romeiro que andava no mundo roubando. O mal é a guerra. Pegaram outro no Riacho do Meio variadin e passaram fogo no coitado. É a guerra. A revolta como falava. Sempre tinha os barulho, sempre tinha as briga e os fogo. Mas era menor que a revolta. Até na Barra, que diz o povo que não tinha briga. Tinha sim, mas o saruê cuidava no ninho que era pra não criar. Revoltoso e governo, mosquito e mandioca, bundão e pedra. Eu achava que a guerra só tinha dois lado, de todo jeito: primeiro os afoito e os medroso. Aí uns matava e outros morria. Dos que perdia levavam gado, queimavam morada, tangia os que sobrava. Depois tinha os de cima e os de baixo da terra. Como é triste os morto na cova e o resto na estrada: as cruces, as viúva e os órfão. Se não tivesse família pra acudir. Eu já tinha filho criado quando mataram Oripe. Não passei necessidade na crise de 32. Outras não. Raimunda com seus dois menino teve que comer mucunã e badogar passarinho pra não morrer de fome depois que mataram Zé Piauí no barulho da Gameleira. Os bichin só sofreram pra depois virar jagunço e morrer na revolução. Genuveva de Zé Malhado teve que ir pros garimpo virar mulher da vida depois que seu Zé morreu no barulho da Barra. Os filhos passaram fome e roubava nas roça. Tinha que aguentar o dinheiro da mãe chegar por algum catingueiro que arriscava a sorte nas minas de cristal e que via que a terra é boa pra enxada, mas não aceita ganância. Eu passei a fome

de dentro. De tanto medo, cada vento forte eu via a guerra e cada pingo de chuva eu ouvia o tiro. Nunca fraquiei a mente, mas o medo escangalhou os nervo das perna e eu nunca mais andei. Desgosto de não visitar minhas comadres. Não ir na missão. Não acudir minhas netas na hora das dores e pegar os bisnetos como peguei os netos. Deixar na mão das outras parteiras. Mas o resto eu aceito. E conformo. Mas vou contar do começo. Oripe era homem de cabeceira. Na roça, no pé de juá com os companheiro. Falava com os homens como aboiava os bois. E conduzia. Não era de esperar, botava pra andar as coisa. Incutiu de entrar na política de Xique-Xique pra desenvolver Canabrava. Eu desconfiei. Não gostava daqueles home de mão e fala macia que aparecia aqui dizendo que era intendente. Falei pra Oripe cuidar da fazenda. Mas incutido é pior que doido. Teve disputa e ele ganhou. Virou delegado. Pensar que falou nas costas do primo carnal e compadre. Teve lá no Xique-Xique com o padre e disse que o primo era crente. E que ia botar o filho pra estudar em Ponte Nova com os americano. Ganhou. Deus me perdoe, mas com o home da batina, quem bolina? Mas não teve desavença por isso. Até quando começou. Política. Liberal, Pedra, Bundão, República. Tanto nome, uma só miséria. A influência da maniçoba foi difícil. Tudo que é forasteiro apareceu. Minha vó Isabel morreu de desgosto, pois tinha matado boi pra não descobrirem ouro nessa nossa serra. Mas a borracha era ouro branco. No dia da feira era pelo menos um tiro e uma morte de faca. Gente de longe, sem nome. Oripe ajeitou. Botou o pior de todos, um tal Cunegundes, pra correr da Canabrava. Jurou voltar e vingar, mas mataram na Barra. Aí veio a briga das Traíras. Foram atrás de Zé Carranca no Peixe. Disseram que ele acoitou os filho que mataram Martinho na crise do noventinha. Qual o pai não ajeita o filho? É crime. Mas não prenderam Zé. Atiraro igual se mata onça. Em cima dos lajedo. Depois, os filho de Martinho vingaram e mataram mais dois filho dos Carranca. Disseram que Oripe tava no meio. Ele negou. Mas os home de farda de Xique-Xique tomaram café aqui em casa antes do mal sucedido e nunca vieram buscar os do outro lado.

Juraram Oripe, os Carranca que sobraram. Dívida de sangue. Meu marido amarrou na vingança como boi no cabeçalho. Viraram jagunço de Horácio que tava se engradecendo lá pros lado do Ventura. Emboscada teve duas, mas minha Santa Rita protegeu meu marido e não quis que ele caísse aquele dia. Outra vez não. Falhou. Na estrada da Lagoinha. Um tiro só. Disseram que foi do afilhado, que era do outro partido, mas não acredito não. Acho que foi sina. Da arma dos órfão. O alheio chora seu dono. Quero entender assim. Nunca botei benção neles. O sofrimento é menor. Quando a notícia correu, eu já não tinha o que chorar e só baixei a cabeça. Enterrar. Tanta gente veio, foi bonito! Ele parecia ele. O que matou, o menino de Zé Carranca, pegaram no mesmo dia. Baleado, ficou pra trás. Foi pior que pêa em Judas na sexta-feira da Paixão. Todo mundo admirou. Morreu queimado. Enterraram os restos. Botaram uma cruz. Do lado da de Oripe. Só a mãe teve coragem de ir lá rezar. Nunca quis ver. Me doía saber que meu homem caiu ali, que morreu só, abraçado na terra. Sonhei com ele voltando. Primeiro, cheio de terra, feito se tivesse espojado no barro. Depois limpo. Cansado, como de viagem, pedia um prato de comida. Nas últimas vez, tava limpo, triste, perguntava pelos menino, pelas lata de gordura de toicinho que nós vendia. Disse Albino, boiadeiro, que é médium, que foi a alma que veio. Na desobriga, o padre dizia que espírita era coisa do outro. Acendi vela pra alma. Se não fizer bem, mal não faz. Não mais voltou. Ficou a saudade. Eu e Oripe era como a terra seca e a chuva. Juntava e virava lama. Depois barro de louça, casa de enchimento, comida. Ele foi e eu virei poeira de pé-de-vento. Entaipada. Em terra seca nada nasce e tudo começa a morrer devagar. Acharam pouco e mataram meu filho no terreiro. Era inocente, coitado, aleijado. Não sabia mexer ne arma. Foi aí que mataram um pedaço de mim. Disseram que viam buscar meus outros filhos. Eu esperei, até que as perna fraquearam. Vinte ano de guerra pra quê? Só as mulher pode morrer de velhice, aleijada dos nervo, toda torta numa cama? Esse medo gelado e essa quentura da guerra, igual requeijão no tacho, quebra qualquer pedra. Ah, meu homem teve

pressa. Caçou e achou. Mexeram com o alheio. A verdade cabe em qualquer lugar. Ataçaram os inxú. Não bastava levar o gado, mataram o povo. Não bastava falar do morto, humilhava a viúva. Ódio é uma lavoura que não dá futuro. Foi e veio. Mas ninguém pensa. Tolo é quem sofre porque quer. No fim não ficou um. A terra comeu foi tudo. Compadre Orindo dizia que a guerra passou pra carnagem das almas. O bem é criação que dá futuro, se os outros não tomar. Disseram que a revolução vai acabar com isso, que levaram as armas. Mataram os cangaceiro. Que vai ter paz. Disse Artur de seu Pedro, que leu em um livro, que o mundo tá mudando de natureza. Mas que nada. Mataram Manoel Quirino na Jacobina de tiro. Mataram Noquinha na Caraíba de faca. As mulher continua vendo os maridos passar tormento e morrer. E os nortistas? Acaba a gente, mas a guerra não acaba. O homem é um bicho pior que a suçarana. A onça pega um bezerro. O homem quer o rebanho, o curral, a roça e a casa. Vão terminar matando tudo e cumprir o dizer de Mané Mocó: vai ter um dia que as mulher vão admirar um rastro de homem. É o que vai sobrar. O fogo que o beato falava é do papo- amarelo. O inferno que o padre fala é a vida da gente na guerra. Tenho vivencia. Se chegar março e não der chuva, dá cangaço. Tenho ciência. Criei vida. Filhos, netos. No deserto. Agora a fraqueza dos braços. Pais, irmãos, marido, filho, mortos. A sentença mais crua? Morrer é razoável. Viver assim é que não. Mas tenho satisfação. Domingo dou a benção às meninas que vem prosear. Só ouço. Vai vendo vivendo. Morrer de morte morrida. Sem fogo nem faca. Vou ser comida pela terra que lavrei.

O peixe que fui!

Gesilda Pereira dos Santos

Um lugar no campo, cercado por matas e morros, mas aberto a grandes sonhos e fantasias. Assim era o Mulungú, um cantinho no mundo onde morava Isabela. Tudo que ela conhecia era aquele pedaço de chão. Não sabia o que poderia existir em outros lugares, no entanto o que estava ao seu alcance lhe bastava. Vivia contente com tudo e agradecida pelas maravilhas que a vida podia lhe proporcionar. Adorava as plantas, os peixes, a água com tanta intensidade que não tinha como negar que a natureza era sua grande paixão.

Para os moradores do Mulungú a rotina de Isabela parecia estranha. Achavam-na uma garota pra lá de esquisita e misteriosa.

– A menina Isabela parece viver em outro mundo! Está sempre com os pensamentos distantes! Comentavam os moradores do povoado.

– Só porque vejo formosura em todas as coisas e eles não! Pensava Isabela, sem entender a implicância dos vizinhos.

Não pretendia mudar nada para agradar as outras pessoas, assim seguia sua vida como sempre fazia. Todos os dias ao raiar do sol levantava-se com uma animação sem igual, dificilmente sentia-se aborrecida com alguma coisa. Divertia-se muito com as obrigações diárias, por isso nunca se irritava ao começar o dia ouvindo a mãe gritar:

– Isabela, menina! Vá logo buscar água, preciso cozinhar. O sol já vai alto e seu pai espera o café.

Ah! Buscar água! A melhor parte do dia era pegar água no riacho que passava perto de sua casa, bem fácil de achar. Como os próprios moradores do Mulungú costumavam falar “era só atravessar pelos fundos da casa do Sr. Agripino e dar de cara com o riacho”.

Munida de lata e pano na cabeça, a garota seguia o atalho feliz da vida. Quando estava no riacho Isabela se esquecia do resto. As brincadeiras rolavam soltas por várias horas, até mesmo com os insetos e animais que frequentavam ali. Muitas vezes era preciso que sua mãe, dona Madalena, se achegasse ao riacho para apressar a filha.

– Não sei por que ainda te peço para levar água para casa! Se quase sempre tenho que vir aqui te trazer de volta à realidade. Não tenho o dia todo para acompanhar você. Vamos embora menina! A lida nos espera!

Dona Madalena também tinha muito apreço pelo riacho. Para quem morava lá e para aqueles que tiveram oportunidade de conhecer o lugar não restavam dúvidas, todos consideravam o riacho uma espécie de milagre. As chuvas quase não caíam por aquelas bandas, porém nunca havia faltado água para as pessoas que viviam no Mulungú. O riacho era rodeado por plantas, flores e animais diversos, com um pomar que provia frutas saborosas o ano todo. E para completar a beleza do ambiente existiam os peixes, de diversos tipos e cores. Difícil era não se encantar!

Durante toda a infância de Isabela ela pôde contar com a magia que parecia reinar no pequeno povoado. E o riacho era tudo que ela precisava para ser feliz, sua maior alegria era se deliciar com a água, tão essencial quanto respirar. Ninguém melhor que ela sabia o quanto era delicioso sentir a força da água, batendo, deslizando pelo corpo, parecendo satisfazer também uma necessidade da alma.

– Como eu gosto de sentir sua presença, meu amigo! – Você está dançando para mim?! Dizia Isabela ao riacho nos seus momentos de diversão.

Os dois se entendiam como se fossem parte um do outro... E

eram! Falavam, sorriam, confidenciavam-se... Poderia morrer ali e ela morreria bem.

A vida seguia tranquila até que os moradores do Mulungú começaram a ter problemas com os afazeres cotidianos. Tarefas como pegar água e pescar estavam sendo ameaçadas pela presença de alguém estranho no lugar. Várias pessoas afirmavam ter visto um “ser diferente” que gostava de ficar na beira do riacho todas as manhãs.

– Não podemos nos aproximar da água que uma luz dourada é refletida por aquele “ser” em nossa direção, parecendo querer nos cegar de tanto brilho. Será que isto é uma astúcia dos peixes? Devem estar revoltados conosco! Vamos interromper nossas pescarias. Combinaram os pescadores, com ar de descontentamento.

Os pais de Isabela não gostavam que ela demorasse por muito tempo no riacho, ainda mais sozinha. Tinham medo que a filha se assustasse com o “ser diferente” que os vizinhos recebavam encontrar e perdesse o encanto que tinha com a beleza das águas.

Mas ela não temia, ia ao riacho todos os dias sem nunca perceber a presença da tal criatura que intimidava seus amigos e vizinhos.

Isabela imaginava que o “ser diferente” não poderia ser uma criatura aterrorizante, pelo contrário, conforme as descrições que as pessoas faziam parecia ser encantador. Os pescadores diziam ser uma bela mulher coberta de escamas douradas que reluziam com os raios do sol.

– Por que fugiam do ser radiante? Isabela matutava sempre esta pergunta. – Que povo medroso! Eu não sou covarde, jamais me esconderia!

Além disso, não sabia que os moradores do Mulungú imaginavam ser Isabela a mulher de escamas douradas que surgia nas manhãs ensolaradas.

– Se ela não dispensa um dia se quer para suas brincadeiras nas águas do riacho, por que então não conhece o “ser diferente”? – Só pode ser ela! Estavam convencidos.

Comentaram tanto que o boato chegou aos ouvidos dos pais da menina. Eles também passaram a acreditar que a filha poderia ter mesmo poder de se transformar em outro “ser”. – E agora, o que fazer? Era ela quem estava causando todo o alvoroço!

As preocupações aumentaram ainda mais ao saber que os peixes permaneciam boa parte do dia sob o efeito da magia daquela mulher. Pareciam encantados quando os pescadores saiam para a pescaria habitual. Quem se atrevia entrar na água pela manhã, período que a criatura costumava aparecer, era certo que nenhum peixe conseguiria encontrar.

Se Isabela era o “ser diferente” que protegia os peixes do riacho os moradores do Mulungú iriam descobrir logo. Já que o destino se encarregou em mudar o rumo dos acontecimentos. Uma fatalidade aconteceu na vida de Isabela: o pai faleceu no mesmo ano em que a garota completou seus quinze anos.

Com a morte do Sr. Agripino, pai de Isabela, a mãe decidiu mudar-se para outro lugar. Não teve jeito, Isabela foi forçada a se separar do seu grande amigo. Dona Madalena já não tinha mais alegria de viver no Mulungú. Ainda mais se fosse verdade o que falavam por lá? Se Isabela fosse a tal mulher que se transformava em peixe dourado? Poderia ser perseguida pelos vizinhos por estar escondendo os peixes do riacho?

Com muita tristeza a mãe de Isabela foi obrigada a tomar uma importante decisão, precisava dar nova direção à vida das duas. Dissimulando seu pesar, disse:

– Minha filha, vamos para a “cidade grande”. Lá seremos mais felizes!

Momento extremamente difícil para as duas. Estavam despedaçadas por dentro. Perder o pai foi um golpe muito forte para Isabela e agora não poderia perder também o grande amigo. Porém, na cabeça fantasiosa de Isabela, o riacho com suas corredeiras serpenteando sobre as pedras do morro iria junto com elas para onde fossem.

– Tomara que meu amigo riacho nos acompanhe, ele vai seguir

nossos rastros! E melhor, quando ele quer consegue até voar!

Dona Madalena não tinha mais dúvidas, o fascínio de Isabela pelas águas indicava que sua filha era a tal mulher que atrapalhava as pescarias dos moradores do Mulungú. – Para o bem de minha filha, preciso evitar o contato de Isabela com rios, riachos e cachoeiras. Decidiu prontamente.

Então seguiram viagem. Os lugares por onde passavam transbordava Isabela de felicidade. Tudo era novo e diferente aos seus olhos. Como a surpresa que tiveram no caminho: foram pegas por uma tremenda tempestade. Isabela corria de um lado para o outro em profundo contentamento. Enquanto a mãe entrava em desespero, ela se deliciava com o contato dos pingos ferozes batendo em sua cabeça. Que festa ela fazia! Ficaria mais perfeito com a companhia do amigo riacho. Era o que imaginava.

– Sinto você chegando meu amigo! Esta chuva é um aviso de que você não vai me abandonar!

Com a calma depois da chuva avistaram um vilarejo bem próximo dali. Andaram um pouco pelas ruas, conversaram com algumas pessoas e conseguiram lugar para descansar. Ao olhar pela janela, a mãe de Isabela divisou um rio. Pensou em fechar imediatamente para esconder da filha, mas ela já estava maravilhada com o que via. Não poderia existir felicidade maior do que a que sentira Isabela ao enxergar a imensidão de água a sua frente:

– Olha mãe! Pedi muito que ele viesse, mas ele foi mais esperto. Não sabia que meu amigo se esticaria tanto para nos encontrar. Agora ele é um “riacho grandão”! Sua mãe irritada respondeu:

– Menina boba! Gosta tanto de água e não sabe que o pai do riacho é o rio. O rio está procurando seu filho perdido por esse mundo. Mas você tem que tomar cuidado, pois o rio fica furioso e é capaz de engolir quem se atreve a entrar em suas águas!

Isabela deixou crescer um medo tão grande dentro de si ao ouvir a mãe dizer que dentro do “riacho grandão” existia uma boca gigante que engolia todos que ousassem entrar nele. O que sua mãe temia era que a filha se transformasse na mulher de escamas

douradas e repetisse o que havia acontecido no Mulungú: cessar as atividades dos pescadores.

Naquele instante, surgiram algumas embarcações nunca vista antes por Isabela. Sem pressa, os barcos seguiam viagem pelo rio. Então a garota começou a fazer um pedido mentalmente, desejou fortemente que o rio não engolisse aquelas coisas que pareciam deslizar sobre as águas. Devagar, as coisas flutuantes passaram sem ser devoradas. Isabela sentiu naquele momento que o rio seria o seu mais novo amigo.

– Ele não é tão mal assim! Pensou ela. Minha mãe estava enganada! Gritou feliz.

O fascínio que o rio exercia em Isabela era tão forte que ela passava horas e horas idealizando uma vida dentro d'água. Achava fascinante observar o movimento das águas, bailando, brincando de correr, sem destino para chegar.

– O que você faz aí na beira deste rio por tanto tempo menina? Cuidado, um dia você vai virar um peixe! Brincava sua mãe, tentando disfarçar os seus mais temidos segredos. Ora, então a mãe não sabia que o verdadeiro desejo de Isabela era viver lá em baixo entre as águas?

A menina empolgava-se e permanecia contemplando os peixes, divagando em suas fantasias. Em suas imaginações os peixes tinham asas e voavam muito bem.

– Como os peixes são mais espertos que os passarinhos! As aves voam no alto, somente. Só conhecem um lugar para voar. Os peixes não! Eles voam em dois mundos. São mais felizes, pois voam em baixo d'água e por cima dela. Um dia serei um peixe!

O rio foi uma das coisas mais apaixonantes que Isabela conheceu. Não por ser maior ou mais bonito, mas porque as correntezas traziam um mistério, ao mesmo tempo uma saudade como se já tivesse morado lá.

Os peixinhos saltavam para fora como se saudassem Isabela e agradecessem pela forma como ela os enxergavam. Ela ria e se via ali. Imediatamente se sentiu atraída pela água, foi escorregando

devagarinho, descendo... E quando percebeu, nem seu medo de ser engolida pelo rio conseguiu detê-la. Logo estava ela agitando-se dentro d'água, num misto de susto e euforia.

Então apareceu um pescador e num piscar de olhos ela estava segura na canoa. O homem sentiu-se aliviado por tê-la salvado, já a sensação de Isabela foi como se ele tivesse tirado sua vida. Estranho sentimento, mas foi o que sentiu. Sua mãe sabia o que poderia ter acontecido, dava graças ao pescador por ter encontrado a filha. Não queria que alguém presenciasse Isabela transformada. Não gostava nem de pensar!

Organizaram seus pertences e saíram do vilarejo naquele mesmo dia em busca da “cidade grande”. Mais uma vez Isabela teve que deixar um amigo para traz.

Dona Madalena resolveu revelar à filha que era intencional provocar medo em Isabela para que ela nunca entrasse em um rio. Acreditava que sua filha pertencia à água. Além disso, tinha forte pressentimento que poderia perder a filha se ela se transformasse novamente no ser encantado.

Depois da conversa, mais intrigada ficou a garota. Queria encontrar uma maneira de se transformar e poder lembrar como tudo acontecia. Não era justo ser a linda mulher dourada protetora da água e dos peixes sem se quer imaginar como tudo sucedia.

Assim, Isabela esperançosa, confiava fortemente em rever o querido amigo e seria com ele que iria concretizar o seu desejo.

– Eu sei que meu amigo vai chorar tanto sentindo minha falta que conseguirá me alcançar! De alguma forma nós vamos nos encontrar de novo.

Quando já estavam instaladas na cidade, Isabela resolveu caminhar um pouco para conhecer melhor o lugar. Já estava bem longe quando avistou uma cachoeira, algo que ainda não conhecia. Aos seus olhos a queda d'água era seu amigo rio voando e descendo ali para lhe encontrar.

– Nossa! Como ele consegue tudo que quer! Estamos juntos novamente e eu voltarei para o meu mundo de verdade.

A menina explodia de tanta felicidade ao aproximar-se da cachoeira:

– Agora eu vou conhecer todo o mistério que você esconde de mim. Belas águas mostre-me o caminho para chegar ao mundo que eu sempre quis conhecer!

Corajosamente, foi andando devagar pelas pedras escorregadias e geladas, até que sentiu os pés molhados na água. Com os olhos fixos na cascata foi sendo levada para dentro da água represada pelas pedras. Não sentiu mais nada aos seus pés e numa rapidez começou a afundar. O seu corpo subia e descia em movimentos ligeiros. Se alguém a visse, iria achar que ela estava se afogando. Para Isabela não era o que acontecia. Ninguém poderia imaginar o que realmente se passava com aquela garota.

Mais uma vez foi retirada da água às pressas. Não entendia como podiam pensar que algo tão maravilhoso seria capaz de tirar a vida de alguém. Por que sempre aparecia alguma pessoa e lhe impedia de desvendar o grande mistério? Por que sempre achavam que estava se afogando enquanto ela pensava estar renascendo?

Isabela não imaginava o quanto este fascínio poderia lhe surpreender. Igualmente a mãe, acreditava fortemente ser ela a criatura encantada que aparecia no Mulungú, a mulher coberta de escamas douradas protetoras dos peixes e do riacho. Assim sendo, seguia perdida entre a realidade e a imaginação.

– Eu quero ter consciência de quando me modificar! Vou tentar outras vezes até conseguir entender esse mistério que me seduz. Guardava para si estes pensamentos, pois não queria ver a mãe mais angustiada do que já estava com esta história.

Sonhadora, ao mesmo tempo determinada, a jovem Isabela não iria desistir facilmente até conseguir entender o segredo que lhe rondava. Ansiosa, nem conseguiu dormir naquela noite. Levantou-se no outro dia decidida do que iria fazer, esperou pacientemente que sua mãe estivesse envolvida com os afazeres da casa para correr contente de encontro à cachoeira novamente.

– Acho que dessa vez vou me transformar! Se sou a bela mulher

de escamas douradas tenho de ficar por lá até conseguir me modificar! Estava decidido.

Ao chegar, ficou contemplando a cachoeira. Sem esperar, caiu sobre as pedras e bem ligeiro foi arrastada pelas corredeiras violentas. Ainda tinha a ilusão de que iria se transformar e permanecer para sempre ali, mergulhando, brincando, protegendo os peixes... Mas era tarde para descobrir que fora traída pelas próprias fantasias. Seu corpo descia seguindo a ribanceira, acompanhando o movimento da água. Já não tinha mais consciência do mundo real.

A mãe, ao notar a ausência da filha, depressa se dirigiu ao imaginado local que ela poderia estar. Chegou a tempo de perceber que a filha, mesmo com o contato com a água, não havia se transformado na bela mulher com escamas douradas. E o pior, já estava distante demais para ser resgatada. O pressentimento da mãe então se sucedeu naquele momento. Isabela não se transformou, mas se foi naquele dia. A vida toda partilharam juntas as inocentes fantasias, e juntas desvendaram o grande mistério. Triste destino.

– Como pude acreditar cegamente numa fantasia criada pelos vizinhos do Mulungú? Neste momento a mãe assumia sua parcela de culpa com o que estava acontecendo diante dos seus olhos. – Se ela mesma nunca tinha visto a tal criatura, como pôde achar que o ser encantado era sua amada filha?

Dona Madalena trêmula sentou-se no chão, gritando sua dor para o mundo ouvir. Ninguém a ouvia. Olhando para baixo, conseguiu ver bem lá no fundo entre as águas que um espaço com cores cintilantes ia se abrindo para receber o corpo de Isabela. Nada mais poderia ser feito. Seria difícil, mas tinha que se conformar. Demorou-se um bom tempo olhando paralisada, buscando encontrar respostas e com o coração em prece.

Agora, Isabela era apenas a menina Isabela! Não estava mais perdida entre a realidade e a fantasia. Era apenas a garota que viveu sonhando e imaginando viver dentro d'água. Seu corpo boiou acompanhando vagarosamente o movimento da água. Serenamente foi levada em direção a um lugar onde surgiam diversos raios de luz.

Apesar de como as coisas aconteceram, Isabela estava radiante e feliz! Pois naquele momento conheceu seu outro cantinho no mundo. – Até que enfim! Falou emocionada. – Até que enfim vamos nos encontrar! Diante dela, alguém também vibrava de emoção e pensava:

– Finalmente vamos nos encontrar! Era a bela mulher coberta de escamas douradas que estava lá lhe esperando. E tudo pareceu mágico quando as duas se olharam a sorrir! A mãe não sabia, mas agora Isabela ficaria bem!

O caçador de corpos

Luzia Marielle Ferreira da Silva

Sabe, estou cansado de ser vital: o mentiroso. Vocês devem estar se perguntando o porquê desse título e na verdade é muito lógico! E quem não mente? Eu mesmo vejo o seu Joaquim mentindo sempre para a dona Juliana dizendo que vai trabalhar, quando na verdade todos os dias vai é jogar dominó apostado na venda do seu Zózimo. Pior ainda é seu Antônio que todo dia inventa uma mentira para dona Sueli que vai lhe cobrar o aluguel, é sempre a mesma coisa.

– Estou procurando emprego dona Sueli, mas esse meu problema de coluna dificulta muito as coisas, ninguém quer empregar um homem que além de velho é aleijado! – Dizia o velho Antônio.

– Pois trate de dar seu jeito! Estou velha e preciso do dinheiro para pagar meus remédios. Meu marido morreu e não me deixou nada além de dívidas e dívidas. – Respondia a “viúva” Sueli.

Ta aí uma outra mentira! Dona Sueli nem marido teve e todo mundo da rua já estava cansado de saber, inclusive o próprio velho aleijado. Então senhores, não estou sozinho na jogada. Até a minha mãe mente. Todos os dias ela diz que não tem moedas e o minhaeiro em forma de cavalo que fica na sala está lotado. Quer dizer, estaria mais se eu não tirasse todos os dias uma moeda com a faca para comprar doces na venda do seu Zózimo. E não me venham com sermões, é um trabalho suado! Primeiro, eu deito no sofá e fico olhando pelo

buraquinho no cavalo de gesso, sacudindo até encontrar uma moeda de um real, menos que isso eu não aceito! Depois vou tentando com jeitinho e com a faca fazer com que uma delas caia do buraco, mas vale a pena! Todos os dias compro caramelo de duas cores na venda e todo mundo fica feliz. Eu por comprar os doces, seu Zózimo por vendê-los e minha mãe que não sabe do acontecido, achando que as moedas estão todas no mesmo lugar. Viu só, isso é um dom e eu sem dúvidas mereceria um título melhor.

Mas espera aí! Existe nessa história uma pessoa que não mente, quer dizer, pelo menos nunca vi mentindo, o seu Zózimo, o dono da venda. Mas para falar a verdade ele é um velho muito estranho e quando eu digo que é estranho é porque é estranho mesmo! Até hoje sinto arrepios quando olho para ele. Seus cabelos longos e brancos, o rosto negro enrugado e o corpo curvado como um ingongo é de tremer as pernas de qualquer um. Para piorar a situação, pior que a sua aparência é o apelido que deram a ele: caçador de corpos. Dizem que quando alguém se afoga no rio ele é o único que encontra o corpo, sinistro né? Também acho! Dizem que apesar do corpo curvado e da idade, seus braços são fortes e seus olhos aguçados, falam até que ele conversa com o rio no escuro da noite como se estivesse encomendando corpos. E tem mais! Todos os dias ele pega sua rede de pescar, vai até a margem do rio e canta para acalmar as águas, como se tivesse controle sobre elas e quando termina acende seu cachimbo, murmura sozinho algo que ninguém, nunca, sobre qualquer circunstância consegue ouvir e depois vai embora. Então se quiserem me ouvir, irei contar o que eu vivi, melhor! Irei dizer o que o próprio velho me contou e revelar coisas sobre o homem que esconde segredos no fundo rio e no verde enegrecido das águas.

Um certo dia antes de dormir resolvi que ia espionar o velho, coloquei um banquinho embaixo da janela do meu quarto e me posicionei, o quarto dele estava escuro e nada dava para ver, quando já estava quase desistindo, a luz acendeu. Me abaixei rapidamente e quase tomei uma queda, depois fui subindo devagarzinho no banco, dessa vez com mais astúcia, igualzinho ao gato daqui de casa,

quando vê um besouro. E sabe o que ele estava fazendo? Nada! Estava somente lendo um jornal velho. Retado de raiva, voltei para a cama e pensei: Não há nada de mais com o velho! Depois de um tempo, sem conseguir dormir e é claro, quando já estava todo coberto, pensei. Porque só ele consegue achar os corpos? No fundo, não era só isso que me incomodava, a grande verdade era que eu não tinha somente medo dele, mas do rio, eu não sabia nadar. Foi aí que antes de fechar os meus olhos decidi que no dia seguinte iria enfrentar o rio e descobrir o seu mistério.

No outro dia quando voltava da escola cortei caminho e fui direto para o rio. Chegando na beira, tirei minha farda, respirei fundo e decidi que ia pular. Meu coração estava acelerado, parecia que ia sair do peito e a única coisa que eu conseguia ouvir era o barulho do rio misturado com o som da minha respiração, juntos eram como uma orquestra assustadora. A única coisa que eu conseguia pensar era no caçador de corpos encontrando meu corpo, caso eu me afogasse. Imaginei seus braços fortes me tirando do fundo do rio, seus cabelos brancos flutuando nas águas, seus olhos em cima de mim e de repente eu pulei! A água estava gelada e não conseguia fazer mais nada além de me debater, resisti bravamente, tentei voltar a superfície mais a correnteza me levava, me afundando e me escondendo, tirando a minha vida. De repente, quando pensei que já iria morrer, senti alguém puxando meus cabelos e me arrastando brutalmente para perto da margem dizendo:

– Se agarre às plantas! Segure nas plantas!

Eu não conseguia pensar! E usando as minhas últimas forças, consegui me segurar. Foi então que o caçador de corpos apareceu e me puxou pelos braços me salvando do rio. E o mais importante, eu não estava morto, não era um de seus corpos, eu era um corpo vivo. Eu não estava acreditando no que estava acontecendo, pior ainda, eu quase tinha me matado, mas o velho Zózimo me salvou. Sem contar outra e sem dar tempo de pensar no que deveria falar, fui direto ao ponto.

– Porque encontra os corpos no rio?

Ele sorriu, me mandou levantar e vestir meu uniforme. E então, olhando bem no fundo dos meus olhos me contou que quando era criança ouvia muitas histórias sobre os mistérios do fundo do rio tendo pesadelos com o nego d'água, com o escuro das águas e com as criaturas misteriosas que habitavam o imenso rio. Então, por não saber o que tinha lá e juntando todo o medo que existia em seu coração, fez exatamente o que eu fiz, pulou! Disse que o desespero o tomou conta, que as águas o afogavam rapidamente e quando pensou que já estava morrendo, ouviu uma canção. Neste momento, meus olhos arregalaram e pensei:

– Finalmente saberei o mistério!

Ele continuou contando que minutos depois, sem mentira nenhuma, não mais se afogava, muito pelo contrário, as águas agora o faziam flutuar. E ele ia se deixando levar pelo rio e sendo levado por ele ouvia a canção. Sentia o rio como se ele estivesse penetrando em seu corpo e que ao invés de sangue, pareciam correr em suas veias águas escuras e esverdeadas. Eu estava arrepiado e seria falha a tentativa de explicar o brilho nos olhos do velho, mas era igualzinho se não mais forte, ao brilho do sol refletido nas águas. E foi aí que com sua voz rouca e grossa começou a cantar.

*Eu vou até o fundo do rio
Sem medo de me perder
E encontro os que estão perdidos
Para os seus corpos devolver.
Eu vou até o fundo do rio
Sem medo de me perder
Porque as águas me guiam
Pelo medo que deixei de ter.
Eu vou até o fundo do rio
Porque sei que não irei me perder
E sempre volto com os corpos
Dos que pelo medo e pelo destino
Deixaram de viver.*

Eu não sabia o que falar e então ficamos os dois um bom tempo olhando o rio caminhar, o velho Zózimo e eu. Não queria mais perguntar nada e foi aí que ele falou sobre a canção. Me contou que a canção que ouviu era a natureza o guiando, celebrando a sua vida e a sua presença, sendo fácil escutá-la sempre que quisesse e que para isso era preciso somente ouvir o barulho das águas, o passar do vento, o cantar dos passarinhos, o chirrear da coruja, a coaxa dos sapos e o tritilar dos grilos. E quanto ao fundo do rio, ele sempre estará lá com os seus mistérios, seu barulho, suas histórias e que a natureza assusta, mas ela é mais sábia do que todos nós juntos com os nossos medos, as nossas angústias e as nossas curiosidades. A natureza é o segredo, melhor, o respeito a ela é o que nos aproxima dos seus mistérios, quando nós a respeitamos ela nos respeita e então perdemos o medo. Após isso, voltamos juntos para casa, retornamos algumas vezes, ele me ensinou a nadar e sendo sincero, coisa que não costumo ser, eu nunca descobri se o velho estava falando ou não a verdade.

Um dia pela manhã fui até a venda do velho Zózimo com a grana furtada do minhaeiro, mas estava fechada. Contaram que ele foi para o rio levando sua rede de pescar, com seu cachimbo na boca, só que dessa vez não pôde voltar. A cidade inteira estava assustada e o caçador de corpos que amava o rio, nele se afogou. Então eu sorri, descobrindo que o danado do velho era um grande de um mentiroso. Mais do que isso, eu resolvi assumir que eu gostava dos mentirosos, eles contavam mentiras que somente os grandes corações conseguiam entendê-las e torná-las verdadeiras. Foi então que percebi que não há ninguém neste mundo que não seja capaz de mentir. As mentiras nos tiram da realidade, nos permitem fugir do que temos medo e nos dá coragem para seguir adiante. A sua mentira, se é que tenha sido uma, me fez perder o medo do rio, me fez aprender a nadar e me ensinou a respeitar a natureza.

Corri até o rio, olhei as águas enegrecidas e por um momento pensei ter visto o corpo do velho Zózimo sendo conduzido por ele,

mas era somente um velho tronco sendo levado pela correnteza.
Então alegremente cantei.

*O caçador de corpos
Descansa no fundo do rio
Morreu nos braços da natureza
Que um dia o conduziu.
O caçador de corpos
Que corpos devolveu
Agora reside no rio
Onde seu corpo se perdeu.
O caçador de corpos
Tão humilde morreu
Nos braços do rio
Que agora é todo seu.*

Voltei para casa, fiz minha lição de casa, contei algumas mentiras e tudo voltou ao normal.

O carnaval em que dancei

Murilo Brandão Souza

Minha pele nem parecia que era castanha vivendo nesses prédios, roupas longas, dias mais ainda, pouco tempo, pouco tudo, às vezes o que tinha de demais era só o frio ou a chuva, mas quem me dera que a rotina tivesse desbotado só minha cor, esses anos pareciam uma grande nuvem, eu tenho vivido com calma, brisa leve, mas me falta o calor, e é bem sobre isso que eu ia dizer antes, quem me dera que o tempo tivesse me tirado só a cor da pele. Nem fazia questão, mas ele, ah, não sei, eu simplesmente sinto que estou perdida, exaurida, parece na verdade que não existe nada mais que essa nuvem ali, parada. Nossa vida resumida, uma convivência tão cinza que quase chega a ser um romance noir, mas por dentro eu esperava ver ele sair dali, vir para mim, mas a essa altura do campeonato isso seria o mesmo que esperar uma estátua caminhar só para segurar sua mão. Há épocas em que o céu insiste em nublar e nada podemos fazer, as terras se encharcam, as nuvens insistem na inércia, as terras alagam, o cinza permanece, as casas se tornam ilhas e o oceano indubitavelmente desaba, nessas horas só podemos nos preparar com o pouco que nos resta, esperar que passe, bem assim estou agora, agarrando aos poucos o que sobrou de nós e torcendo para que um sol radiante nos abrace.

Dia após dia uma espécie de censura nas nossas conversas se fazia, como uma mordança feita de vento, do mesmo vento que essa

nuvem cinza que cobre essa casa, bom dia, oi, sexo medíocre, triste, triste... Ele parece ter criado um mundo inteiro dentro dessa caverna, parece que até se tornou um daqueles ogros dos contos medievais, só ali, vivendo em seu abismo, qualquer menção a fogo seria uma ameaça, um sacrilégio, para o templo que ele criou para sua solidão acompanhada das suas telas, seus jogos, sei lá o que ele faz ali, sei que passa tanto tempo nisso que eu mesma já nem sei o que eu estou fazendo aqui. São em horas como essas que ponho a mão no meu coração, parece que ele é a única coisa quente nessa casa, nem a comida parece ser tão quente assim, tem aquele morno mínimo para que a língua não entre em colapso quando tocar nessa massa que temos feito de alimento, eu tento, tento fazer um almoço com carinho, ou até mesmo, sair para comer, já pensei em levá-lo ao cinema, já que gosta de telas, mas não dessa, por mais que pareça com uma caverna, num cinema tem gente demais para ele compartilhar sua solidão, e eu, acho que... eu acho que acabei acompanhando sua jornada ao centro da apatia, uma cidade tão grande, tantas possibilidades, mas ele fica ali parado, escolheu pela vacuidade, eu acabei afundando nessa poça quando agarrei sua âncora e agora que a água já cobre tudo, meus pulmões buscam ar puro, de preferência. Eu saio agora, tento respirar algo que não cheire ao mofo da nossa relação, vou na esquina... sei lá, comprar pão, mas as surpresas são tão pontuais quanto o tropeço daquela criança na outra calçada aprendendo a andar e, hoje, agora, a maior surpresa é instantânea: uma chuva que cai em cima de mim tão repentinamente e com a mesma força que eu queria que fosse ele, quando eu chegasse em casa, não precisava ser todos os dias, mas pelo menos naquele dia em que o estágio mais parecia um campo de concentração e eu achava que não ia voltar viva, ou depois daquela aula que mais parecia um show de horrores, uma exposição do que de mais chato se teria para aprender a respeito de cálculos, mas não, definitivamente não, essa chuva é certa, forte, acerta minhas costas, meus lábios e o pão, que estava quentinho e que talvez pudesse dar alguma alegria à mesa, já não é mais fonte de

esperança alguma. Agora pareço uma sopa viva e ironicamente já venho com os pães como acompanhamento, que eu deveria ter largado na lixeira da portaria do prédio, mas agora me acompanham no elevador. Banho quente. Café. Um silêncio quase unânime, exceto pelo barulho das teclas daquele computador, se isso não fosse tão monótono eu diria que seria surreal, mas parece mais alguma coisa dos anos vinte, movimentos turvos, pele branca, tudo cinza, sorrisos tão estranhos que parecem mais assustar quem vê do que inspirar felicidade, eu preciso sair daqui, repetia meu coração com tons de âncora ansiosa pela retirada, não quero ficar presa aqui no fundo, submergida, quero vento, sol, correr por cima da água, deixar de ser âncora e me transformar em gaivota. Asas abertas.

E de novo uma outra coincidência repentina, só que forte não seria a palavra para descrevê-la, estava mais para oportuna, de tanto viver atrás dessa grade de degradê monocromático me esqueci que o carnaval estava chegando e já estava desesperada com a ideia de não ter coisas chatas (porém necessárias) que me tirassem de casa pelo menos, o convite foi bem vindo, até senti em algum lugar em mim uma espécie de paz brilhar, como quando as grávidas sentem suas crias chutarem, mas não foi na barriga que tive a sensação, foi no coração, uma espécie de repouso? Bom, eu só iria descobrir indo e a essa altura tinha total certeza que mais uma vez estaria sozinha, dessa vez estaria sozinha, só que mais longe e teria uma festa que a gente tem uma vontade que nunca acabe. Bom, talvez não seja horrível, afinal. Melhor ir. Prontamente ele recusou a oferta, claro, que morcego iria querer ser atirado no meio de uma cidade com o sol que se faz na Bahia? Se aqui não posso ter esperanças de mudar qualquer coisa, pelo menos acho que se sair vou poder mudar algo em mim, tirar um pouco do cinza e pintar mais de paz, ou pelo menos uma alegria soberba que o reinado de Momo sempre oferece a seus súditos. A esse reino eu serviria de bom grado; a famosa Terra do Nunca para adultos.

Até as luzes da rodoviária brilhavam frias, gente indo, gente vindo, uma criança jogava o palito de sorvete no lixo, a mãe segura-

va suas mãos, e eu só lembrava que estava indo embora justamente por não ter ninguém que segure as minhas, execrável ironia. Calafrio. Ele nem saiu do carro, mas nem há razões para isso, já é hora. Poltrona confortável, daqui algumas centenas de quilômetros estarei na Bahia, sozinha, distante dos problemas, mas não da solidão, por enquanto ainda tenho essa janela me ofertando a paisagem do cerrado goiano como panorama, sintetizando cores e formas que me lembram as aulas de arte que nunca fizeram sentido, abro a boca, tsshhhh, refrigerante frio. Meu cabelo cai como uma cachoeira finita sobre a blusa, presente de aniversário de namoro, você se lembra de quantos anos era? Perguntar isso hoje seria ridículo, mal teria resposta para algo como “que horas são?” veja lá uma coisa tão fugaz, quantos anos foram, ou serão, a resposta sempre vai orbitar em torno do mesmo planeta desabitado que nos tornamos.

Impossível dormir assim, a estrada parecia ter sofrido uma chuva de meteoros, parecia que o céu realmente queria desabar em cima de uma BR, caindo organizadamente em pedaços. Me sentia num navio à deriva, pela janela a noite estava linda, a lua cintilava um prateado cordial, até me fez lembrar das noites de infância, em um lugar longe, também no Nordeste, era a mesma lua afinal, só eu que, agora mulher feita, nem tinha reparado que era a mesma lua que ficava no céu quando eu era criança e quando tentava apontar para ela era reprimida pelos pais porquê “poderia dar verruga”, é a mesma lua que brilha sobre meu ombro descoberto. Mesmo assim, olhar para a lua me lembra mais meus problemas do que a paz que deveria ter quando a luz prata me toca. Tantos anos depois e cá estamos nós, a mesma lua no céu, mas a garota já não é igual, continuo sendo eu, mas quem me dera ser criança de novo... Esse cara do lado nunca para de roncar, como alguém consegue dormir com o ônibus balançando assim?

E se tudo tiver acabado há tempos e nunca tivemos coragem de assumir? Será por que estamos juntos ainda? Que droga, vou ter que me mudar, mais uma garota pelas ruas de Brasília, mais uma que não nasceu ali só que quando se está pelas ruas de uma

cidade tão cheia de gente é impossível dizer se cada um nasceu ali ou não. Bom, eu não nasci. E agora estou em uma viagem para me afastar dos meus problemas, pensar neles, ou, talvez, me divertir, o que acho quase impossível dadas as circunstâncias, circunstâncias são muito dadas, não fazem meu tipo. Nada vem de graça, nem o sorriso nem a calma.

Paradas na estrada, frio da madrugada, queria uma cama, sono intermitente, o ônibus cheio e eu penso na possibilidade de saber qual seria a história de cada uma dessas pessoas, assim como eu devem ter algo para contar, na realidade, eu nem tenho tanto assim para dizer, um namoro de alguns anos, quase dez, que está acabando ou já acabou, com certeza essas pessoas devem ter histórias melhores, do tipo de luta pela vida, como as pessoas que saem do oeste da Bahia entre a vida e a morte numa ambulância rumo à capital da nação em busca de um aporte para não cair totalmente para o lado silencioso da existência, ou falta dela. Nós sempre achamos que temos algum problema até ver a vida do vizinho, grama verde que nada, na maior parte dos casos é só mais cinza, consequências de viver niveladas por baixo, e aqui estou eu, autopiedade é um saco.

O sol está nascendo, agora os galhos retorcidos que à noite pareciam assombrações se transformam em traços, formas esquisitas que aquelas pessoas muito ricas chamam de arte, acho que nem eles mesmo entendem ou gostam, mas compram quadros caros só pelas aparências, convenções. Confesso que não me sinto tão aberta para esse tipo de coisa, mas às seis da manhã, com os primeiros raios de sol na retina passando por essas formas até vejo arte, mas só vejo porque foi a própria natureza que fez, uma mão invisível escrevendo em linhas tortas numa folha de papel que já foi bem mais verde, que já foi bem maior, mas eis que a entropia universal é repetida com uma indecência tão humana que faz vergonha. Rodoviária, criança jogando picolé no lixo, cachorro latindo, ruas de pedra, pelos próximos dias isso faz parte do que vou chamar de casa, na cabeça ecoa, “me abraça?” Passo adiante de passos, assim existo aqui agora. Oficialmente foliã.

Naquele dia eu acordei com o sol brilhando sobre minhas dúvidas; um mistério se construía em mim, eu saberia mesmo como poder resolver? Saberia como conseguir? Sei que fiquei convencida dos meus desejos, mas ali no fundo, em algum lugar, alguma coisa era dissonante, definitivamente eu já não era a mesma de antes. Pelas ruas as pessoas continuavam a desenhar multidões caóticas, junto com elas recebo a chuva, aqui até a chuva é quente. Sinto em mim hoje o desabrochar de uma liberdade, hoje eu nasci junto com o sol. Logo no limiar dos meus passos pela chuva quente a constatação quase que cósmica me abraçava, eu estava viva, bem viva por sinal, poderia ver isso no olhar de desejo que os homens de todos os tipos lançavam sobre minhas pernas, finalmente, acho que me reavi, não sou mais a mulher que vivia na fria convivência metropolitana, agora estava aqui, fervendo cores, exalando sabores que nenhum deles poderia provar. Hoje acordei com o sol. Em um apartamento há centenas de quilômetros dali estava um ser que chegava agora a ser repugnante, ele era da sombra, do frio, eu o amava, mas eu nunca pertenci de verdade a isso, agora sei quem eu sou, eu tenho sangue nas veias, eu quero viver. A certeza me arrebatava de uma forma que não conseguia nem dar atenção para o grupo de pessoas logo à minha frente, pareciam estar ligados da noite passada, ébrios, longínquos, enquanto isso em mim a sensação de libertação se misturava ao meu sangue, corria pelas minhas veias, refletia o sol que entrava por meus poros, me sentia um misto de luz e liberdade. Mas em contrapartida, ficava ali no quintal da minha consciência uma pergunta, como será agora? Como seria voltar para casa agora? Me sinto tão carregada do brilho que o carnaval me deu, lembrar que teria de voltar para aquela casa tão escura-fria me dava calafrios, agora eu ando pelas ruas. Em contrapartida me sinto tão livre, agora tenho companhia, o carinho me bate à porta do coração, seus afagos me abraçam, agora não importa que existam cavernas, vácuos, ou qualquer outra coisa a tanta distância de mim, por mais que seja parte da minha vida, agora isso não importa, sou uma alma livre, pelo menos até que a festa acabe, tenho amigos,

minha obrigação de rotina é apenas ficar bem, independente de como será o futuro naquele lar. Agora tenho o som como local de descanso, minha constatação é o entendimento da paz que me abraça ao me sentir salva, liberta dos braços que me prendiam ao chão, ao frio de uma cama distante. Agora sinto prazer por viver, desfruto de companhias, sou uma mulher, sou linda e assim vou me portar, tenho uma vida para ser feliz, por isso vou galgar cada sorriso nesse dia que na minha vida veio desembarcar, vida linda, hoje vamos amar.

Bom dia, moça, o café está ótimo. O cheiro do pão quente era um despertador dos melhores, na verdade, até acordei disposta, realmente quero descobrir o que o dia tem para dar, os problemas só vão se amontoar, preciso me distrair, não sei como, mas vou. Plop, o celular notifica, um amigo está na cidade, era tudo que eu precisava, a música já envolve as calçadas, as barracas coloreem as ruas dessa cidadezinha, camisas, bebidas, lanches, quinquilharias de todo tipo, a cidade é inundada não só com música, as pessoas de tantas cores diferentes circulam pelas ruas, o sol reina mais forte, as correntezas cristalinas arrebatam os corpos sedentos, pouca roupa, calor, óculos escuros, estou pronta, vou levar o canela esbranquiçado da minha pele para se juntar com a aquarela humana que se forma pelas pequenas avenidas. Ver um amigo, que genial, não consigo nem explicar o alívio que sinto em poder dizer isso; ver um amigo, é tão bom que repito comigo: ver um amigo! nem lembro quantos meses faz que não nos vemos, ainda sim repito “ver um amigo”, saber como ele está, saber que alguém pode me salvar, solidão a estrangular, agora começa a afrouxar na medida que enveredo pelas micro multidões ao léu, ao céu, estão todos por razões diferentes fazendo o mesmo que eu, buscando refúgio, mas agora isso não importa, já estou feliz com a cíclica ideia; “ver um amigo”.

O amigo tem uma amiga, seu sorriso é tão frequente quanto acolhedor, por mim passa uma sensação de tranquilidade, como quem recebe pela cabeça uma cortina, te cobrindo levemente, bem frágil e fina, mas que mesmo assim você sente seu corpo coberto

logo que a tranquilidade se apresenta, para mim, realmente há algo muito bom aqui, e quero muito que continue assim. O dia passa, nós passamos o dia, alguns risos, a proximidade se estreitando até que fomos embora, todos para a casa dela, um recinto confortável ao pé de uma das inúmeras ladeiras da cidade, descansamos, um convite novo surge, agora um amigo dela aparece, vamos à marchinha? Todos concordamos que sim, afinal, viemos para isso, não? Lá nos vimos, já tínhamos nos visto em outros tempos, mas, acho que ele não se lembrava de mim, isso não fez diferença, pois o beijo que deu em meu rosto foi quente, acolhedor, como geralmente as pessoas do interior são. Agora a cidade é tomada pelo som dos metais, junto com a corredeira de gente pelas ruas, é chuva torrencial de alegria: crianças, adolescentes, adultos, velhos, todos ali, todos nós juntos, como nunca, celebrando, cantando, sorrindo e colorindo. Agora estamos aqui, em festa e há festa em nós. Sorrisos. Agora somos quatro. Sarcasticamente dois casais.

Os dias ficaram intensos, quentes como a Bahia recomenda, coloridos como o carnaval exige. Nesses dias, esse novo membro de nosso grupo de vivências nas folias dedicou muito do seu tempo à minha companhia, e eu não pude deixar de me sentir bem com isso, bem até demais, e isso também é estranho, em alguns momentos até esqueço aquela capital de asfalto, em alguns momentos como os que estamos envoltos nas águas cristalinas, carinhosamente abraçados, amicissimamente entrelaçados, ele beija meu ombro, que agora é canela de verdade, nada de esbranquiçado, a Bahia me trouxe cor, não só na derme, mas lá no fundo do coração. Ele me abraça forte, eu até estranho, mas é tão bom que eu nunca iria reclamar, acho que finalmente estou vivendo o que chamam de “magia do carnaval”, as ruas vivem uma anarquia festeira que só existe no carnaval. Todos felizes, ou pelo menos sorrindo, as crianças têm brinquedos novos, as mocinhas, roupas curtas e novas para desfilar, os rapazes, bebidas novas, e os velhos têm de volta o sorriso de quando podiam fazer o que os jovens hoje fazem, mas diferente, claro “porque no meu tempo não era assim”. As horas se passam,

litros e litros de água nos banham a cada segundo nesse espelho celeste, a gente conversa, a gente se conhece e quando não estou lá só penso em como isso deveria estar acontecendo não com um desconhecido e sim com o homem que me prometeu isso, que agora está tão longe, mas não longe daqui apenas, está longe de tudo, até de si, enquanto outro fica aqui, do meu lado o dia todo, me faz rir, dançar, até molda minha pele tal qual argila quando me massageia depois do cansaço do dia, ‘só amigos’, eu confirmo, me abalo, mas não caio, tenho palavra, também caráter, eles até já foram amigos próximos quando mais jovens. A amizade é coisa complicada quando vem sorrindo e cheia de flertes, com piadas sem graça que arrancam tantos sorrisos, ou quando está virando noites e dias com conversas sem pretensão, beijo no rosto, compreensão, aperto de mão, toque leve-forte, eu só quero viver mais um pouco, um pouco só. Mas logo acaba, já vem o cinza da quarta-feira e a frondosa Bahia do carnaval se cala em luto pelos amores que se foram, os amantes que não aconteceram, pelos lábios que não se beijaram, o luto é inevitável, mas as águas correm, os dias passam, e a memória do toque fica cravada, tem cheiro de sol, cor de companhia, desejos sorrateiros, finalmente juntos fomos Bahia.

As malas se fazem, o chão de pedra dessa cidadezinha vai fazendo coro para os meus passos, guardando para si meu caminho passado, na bolsa levo a memória, no coração a confusão, e na minha cabeça não cabe mais nada, vim, sorri e silenciosamente amei, agora me junto, são tantos os pedaços, tantas as memórias, que nem cabem aqui dizer, eu prefiro deixar assim, só entre eu e com quem vivi, amigos e *amigos*, toda sorte de carinho inventivo que fica para trás a cada segundo dentro desse ônibus, que me leva para o abismo de indecisões e problemas que só uma vida a dois desgastada numa capital pode proporcionar. Dessa vez não tive tempo para reparar se tinha alguma criança e picolé na rodoviária, dessa vez eu estava ocupada, me despedindo, me despindo dos últimos sorrisos sinceros que vou receber em sei lá quanto tempo, é tudo tão irônico que até lamento. Lá vem chuva, cinza, fumaça, cinza,

minha casa, cinza, sem emprego e sem grana, que droga, ficar mais próxima disso a cada hora, e o que me resta é abraçar meu coração, pois vivi além do que sonhei, este foi o carnaval em que dancei.

O Heresiarca de Mubr3ngia

Henrique Pedro Queir3s Veludo Gouveia

Para J. L. Borges, in memorium

Nada do que vou contar teria acontecido se eu não me tivesse sentado no meio banco desocupado daquele vagão de metrô, a caminho de um encontro de amigos. Melhor diria, a caminho de um jantar... Meus amigos gostam de conversar com um prato de comida à frente.

No banco onde me sentei, viajava uma mulher dos seus trinta e cinco anos. Vestia de acordo com o frio anormal que se fazia sentir, casaco, botas de cano alto e um elegante cachecol. Tinha as pernas cruzadas e na mão esquerda segurava um livro que lia avidamente. E, nessa curta viagem, foi esse livro, talvez mais que as pernas dela, que perturbou meu sono por semanas a fio.

Tenho sempre curiosidade em saber o que as pessoas leem. Com o tempo adquiri uma certa prática em espiar o que meus vizinhos de bancos de jardim, ônibus e trens, têm nas mãos. Sentado ao lado de alguém que esteja lendo, não resisto nunca a dar uma olhada no que for possível: as manchetes do jornal, o título do livro e o nome do autor... Muitas vezes, mercê de uma muito treinada inclinação da cabeça e movimentação dos olhos, devoro páginas inteiras, sem que o parceiro do lado se aperceba.

Ela lia Borges. Jorge Luis Borges, meu escritor favorito e de quem eu havia já lido toda a prosa. Ou melhor, pensava tê-lo feito... De *O Heresiarca de Mubringia*, não me recordava. Nem sabia de nenhum conto, de sua autoria, com esse título. Seria uma coletânea de contos, sabido é que Borges abominava os textos longos, como romances, nunca tendo escrito algum. Ao livro que lhe prendia a atenção, teria sido atribuído o título de um dos contos, como é usual fazer-se.

Infelizmente, consegui apenas ler frases soltas. Ela não mantinha o livro fixo, na mão. Mesmo assim apreendi que Mubringia é uma cidade-planeta, ou talvez a única cidade em um determinado planeta, não estou seguro, e que a esse planeta ou a essa cidade correspondia uma espécie de cidade gêmea – ou planeta gêmeo, não sei o que seria isso – denominado Alfióra, localizado na sua antípoda. Creio também que uma das vertentes, ou o próprio tema do conto era uma espécie de inversão do espaço, ou dos acontecimentos: para cada fato acontecido em Mubringia, dar-se-ia o oposto em Alfióra. Por exemplo: se alguém retira uma revista de uma prateleira em uma das cidades, na outra, uma revista é colocada em uma prateleira. Se uma porta é aberta em Alfióra, uma outra é fechada em Mubringia. Se alguém falece em Mubringia, acontece um nascimento em Alfióra. Tudo exatamente ao mesmo tempo e regido por um heresiarca que me pareceu ser uma espécie de “dono” do tempo e do espaço...

A moça desceu na estação anterior à do meu destino, me lançando de soslaio, um olhar repreensivo. Creio que terá percebido minha invasão a seu espaço de leitura.

Assim que ela saiu tomei algumas notas do que consegui ler e fui ao encontro agendado.

Do jantar, nada consegui saborear. Tampouco escutei boa parte das conversas que permearam a tainha com banana, especialidade da casa, creio que um prato típico da Ilha Grande, o escolhido por meus amigos. Comi como um autômato, sei que falaram comigo, ouvi sem escutar.

– O que é que há com você? Passou o jantar todo fazendo anotações nesse papel...

Guardo no bolso, sem graça, o papel onde vinha fazendo toscas anotações.

– Vai ver que ainda tem aquela mania de querer virar escritor! Todos riram, eu sorri.

– Não, nada disso. É que hoje, quando vinha para cá, no metrô... Parei a explicação, a conversa tomava já outro rumo.

– E um docinho de leite, não vai? – Perguntou um outro, conhecedor de minha preferência por tal sobremesa.

Assim que cheguei a casa, num site de busca, procurei primeiro pelo título do livro, depois na bibliografia de Borges e por fim as palavras “Mubríngia” e “Alfióra”. Como esperava, nenhuma referência na bibliografia de Borges a algum conto com o título de *O Heresiarca de Mubríngia*, nem qualquer menção à palavra Mubríngia. Encontrei apenas a palavra “Alphiora”, e não “Alfióra”, aquela aparecendo em alguns livros antigos, entre eles *Arte di amare Dio*, editado em Veneza em 1623, da autoria do *Reverendo Giovanni di Giesv Maria*, um “Carmeliano” descalço. Ou seja, nada encontrei.

Prossegui minha procura em sites de bibliotecas, sebos, e uma ou outra biblioteca. Sem sucesso. Lembrei-me então de entrar em contato com Maria Kodama, viúva de Borges, em Buenos Aires. Ao fim de muito labor consegui o telefone da secretária dela e, quatro dias após, e já cansado de escutar aquela voz de taquara rachada da secretária dela dizendo bem devagar, “Por favor, llame mañana”, Maria Kodama aceitou em me atender. Falei-lhe do motivo de minha chamada. Monossilábica, ela me pareceu evasiva, porém sem muita convicção ao responder desconhecer *O Heresiarca de Mubríngia*, o que me deixou com a pulga atrás da orelha. E ameaçou desligar. Meu sexto sentido ficou alerta: o modo titubeante como ela me respondeu fez-me pedir-lhe que não desligasse e perguntei-lhe se seria possível nos encontrarmos pessoalmente. Sem lhe dar tempo a dizer que não, sugeri-lhe para nosso ponto de encontro, o *Café Tortoni* em Buenos Aires, bar-cafeteria, do qual eu sabia

ter sido Borges frequentador, onde se estendia em longas conversas com seu amigo Bioy Casares. Do outro lado o silêncio dela deu-me algum alento. Prossegui sugerindo, em vez do *Tortoni*, o Jardim Japonês, onde Borges tantas vezes passeou com ela. Um breve suspiro, ou talvez apenas um ruído na linha e ela, em voz suave, me falou da *Bienal Borges x Kafka* que teria lugar no Centro Cultural La Recoleta, dali a um mês. Lá, poderíamos nos encontrar. Pediu licença e desligou.

Um mês depois desembarquei no aeroporto de Ezeiza, na capital portenha.

Cheguei no dia anterior à inauguração da exposição, para poder visitar, na rua México, na antiga Biblioteca Nacional, o local onde Borges foi diretor por quase 20 anos. A recepcionista informou que não poderia visitá-lo, pois a sala estava encerrada. Digo que vim de muito longe exclusivamente para ver o lugar onde Borges trabalhou. Não resulta. Insisto. Nada. Imploro... A recepcionista me olha inquisitiva e... sou atendido! Na sala central ela aponta o escritório dele e eu peço para tirar uma foto. “Foto, não pode. É proibido. Mas... se for rápido...” Peço-lhe então para ver a escada em caracol onde Borges “escondeu” o *Livro de Areia* e na qual se teria inspirado para criar a sua “escada em caracol” do conto *A biblioteca de Babel*. Minto, dizendo que viajei milhares de quilômetros só para ver essa escada. Incrédula e um pouco relutante, ela conduz-me à direita do vestíbulo, e me abre uma porta. Eis que surge a escada que, talvez pela escuridão, parece fundir-se no alto. De novo, e apesar da “proibição de fotografar”, bato uma foto da escada. Já mais à vontade entabulo com ela uma conversa. Lembro-lhe que em *O Nome da Rosa*, de Eco, a biblioteca universal e infinita que abrange todos os livros do mundo e que serve como pano de fundo ao livro, foi inspirada nesse conto. Também, o nome do bibliotecário cego, Jorge de Burgos, é uma homenagem de Eco a Borges. Me admirou seus conhecimentos sobre Borges e mencionei *O Heresiarca de Mubringia*. Ela desconhecia o conto.

No dia seguinte sou o primeiro a chegar ao Centro Cultural

La Recoleta. A *II Bienal Borges x Kafka* é uma louvável tentativa de aproximar os pensamentos dos dois escritores. Das duas instalações patentes, “Labirinto” e “Livros de Areia”, me chamou a atenção esta última: constituía-se de duas caixas quadrangulares de um metro e pouco de largura cada, com areia. O simples enfiar das mãos na areia das caixas, projetava sobre ela textos de Borges, que mudavam a cada movimento das mãos. Fiquei tempos sem fim, procurando identificar os textos.

Foi fácil descobrir Maria Kodama. No saguão, rodeada por uma legião de fotógrafos, dava entrevistas. Com dificuldade aproximo-me e apresento-me. Ela, sem aparentar surpresa, pede-me que aguarde o término das fotos e da breve entrevista que daria. Assim fiz. Parecia à vontade entre os repórteres, sorridente e solícita. Uma meia hora após, deu por encerrada a entrevista e fez-me um leve sinal para que a seguisse. Sem qualquer discricção, os fotógrafos seguiram-nos. Sentamos numa mesa e ela sugeriu dois cortados e duas *media lunas*. Depois, me olhou de frente e perguntou, com voz arrastada:

– Muhríngia... então... Muhríngia?

Falei-lhe de minha admiração por Borges, de como os contos dele tinham o efeito de abrir janelas na minha imaginação. Prosegui falando-lhe de minhas tentativas de escrever e, por fim, descrevi-lhe detalhadamente meu encontro com a moça, no metrô.

Ela escutou-me com atenção. Quando terminei, fiquei olhando-a, aguardando que se pronunciasse. Após um longo silêncio, em que aproveitou para degustar o resto da *media luna*, ela disse:

– Essa palavra não está escrita em lado algum – e, olhando em volta vagamente, prosseguiu. – Luis falou por mais de uma vez em Muhríngia. Mas... creio que nunca essa palavra foi escrita. Era uma palavra que lhe agradava. Recordo-me que uma vez a associou a um planeta fictício...

Falava de um modo um modo um pouco titubeante, como se houvesse algo escondido entre as suas palavras ou que a incomodasse. Pensei insistir, mas desisti: ou ela não saberia nada a res-

peito do texto ou, muito provavelmente, não queria mesmo falar sobre ele.

Senti que nada mais podia esperar daquele encontro.

Os *flashes* continuavam a disparar na nossa direção: quem seria aquele indivíduo que agora prendia a atenção da convidada principal?

De regresso ao Rio continuei minhas buscas mas, confesso, sem o alento inicial. Aliás, muitas vezes me pegava pensando se eu de fato teria visto um livro com o título de *O Heresiarca de Mubrúngia* nas mãos daquela moça, no metrô. Ou onde quer que fosse. Ou ainda se eu por acaso, nessa curta viagem que agora me parecia tão distante, teria adormecido e sonhado com isso. Mas nessas ocasiões, rememorava sempre a conversa com Maria Kodama e do fato de a palavra Mubrúngia ter sido proferida por Borges. Então, o ânimo em deslindar o, chamemos assim, mistério que envolvia o possível conto, retornava.

Uma madrugada, quando tediosamente vagueava de um site para outro, encontrei no endereço da *Estante Virtual*, um livro colocado à venda no dia anterior. Era uma edição bilingue – alemão e português – da Editora *Tausend Buecher (Mil Livros, em alemão)*, com o título *Sete problemas para don Isidro Parodi*, da autoria de Honorio Bustos Domecq. Bustos Domecq, o pseudônimo inventado por Borges para uma série de relatos detectivescos criados, a quatro mãos, por ele e Bioy Casares.

O vendedor, seguramente um admirador da prosa de Borges, deu-se ao trabalho de anotar ainda: “*Sete problemas para don Isidro Parodi*” *renova o gênero policial ao manter o detetive, personagem dos contos, preso em uma cela de onde desvenda os crimes. Neste volume o leitor vai encontrar toda a maestria dos dois amigos: desde livros inventados, viagens oníricas e povos com línguas estranhas, a cidades e planetas inexistentes, cidades essas onde os acontecimentos se dão em ordem inversa.*

Li e reli o texto acima várias vezes. As réstias de sono que permeavam meu *zapear* por sites na rede, sumiram como por encanto.

Li os restantes dados referentes ao livro: ALFA RÁBIOS E AF-INS: *Sete problemas para don Isidro Parodi*, (edição bilingue, alemão e português) Editora: *Tausend Buecher*; Peso: 210 g; cadastrado em: 8/9/2015. Preço: 10 reais. Bom estado de conservação. Sem páginas sublinhadas ou danificadas. Acabamento: Brochura. Formato: Médio.

Compro imediatamente o livro pela *net*, anotando o endereço para o envio do comprovante de pagamento.

Vinte dias decorridos e não tendo recebido o livro, telefono para a *Alfa Rábios e Afins*. Surpreso, recebo, a notícia de que ele tinha sido vendido a um outro leitor e que estavam processando o retorno da importância que eu havia pago. Peço que me informem a quem fora vendido e, sem relutância, possivelmente constrangido pela atitude tomada, meu interlocutor me deu o nome e endereço do comprador.

Nessa mesma semana voo para Porto Alegre, em busca do comprador, no endereço que me haviam fornecido. Não foi difícil encontrá-lo. Informou-me que havia comprado o livro a pedido de um amigo seu que por questões pessoais gostaria de manter o anonimato. Insisti no sentido de saber de quem se tratava, contando-lhe meus encontros com a moça do metrô e com Maria Kodama. Ele me pareceu surpreso com minha procura, pelo que lhe expliquei que tudo isso tinha apenas a ver com minha paixão pelos contos de Borges. Mas se meu interlocutor estava irredutível, mais ainda ficou após a menção de minha conversa com Maria Kodama: nada poderia adiantar sobre a identidade do comprador! A duras penas me pareceu apurar que se tratava de um parente de Borges, ou possivelmente da própria viúva, e que esse seria o último exemplar desse livro disponível no mercado. O sujeito se mostrou desconhecedor do título do conto e mais ainda da palavra *Mubríngia*, a qual só com alguma dificuldade pronunciou.

Não consigo explicar o que me levou a comprar nova passagem para Buenos Aires. Peguei o primeiro voo que saiu de Porto Alegre. Instalei-me no mesmo local onde havia ficado da vez anterior, uma

residencial para viajantes, na esquina da Av. Callao com a Calle Bartolomeo Mitre. Arrumo meus pertences no quarto e sigo para o Jardim Japonês. Após um par de horas passeando a esmo pelo jardim, descubro um arranjo floral que, visto em perspectiva, continha as letras: M, (ilegível), (ilegível), R, Í, N, G, (ilegível), (ilegível). As letras, no entanto, só se conseguiam descortinar, olhando o canteiro rente ao chão. Quem as teria “desenhado”? Empolgado, interrogo o zelador, um senhor de bastante idade, mostrando-lhe a minha descoberta. Ele me olhou com alguma surpresa.

Este canteiro foi feito há muitos e muitos anos. Ainda antes de nossa família ser contratada para cuidar disto. Meu bisavô dizia que ele foi plantado por um homem que era um descrente ou um heresiarca... Naquelas letras, informou certa vez ele ao meu bisavô, estava a chave de um mundo. Um mundo estranho que não tinha reis nem deuses. Não tinha quem mandasse nem... enfim, essas coisas que os religiosos acreditam. Entende? Esse sujeito, contava meu bisavô, teria vindo desse mundo.

Com espanto, fiz que sim com a cabeça. E formei uma mnemônica, repetindo mentalmente meia dúzia de palavras que mais tarde me ajudassem a escrever o que ele contava.

– Deuses – continuou ele, benzendo-se e olhando o céu – imagine só, um mundo sem deuses. Impossível, não?

De novo, fiz que sim com a cabeça.

– O senhor é a segunda pessoa, nestes anos todos que repara nessas letras.

– E... quem foi a primeira? – pergunto, curioso.

– Borges. Borges, o escritor. Sabe quem foi?

E sem me dar tempo a responder, prossegue.

– Vinham para aqui, ele e a mulher. Sentavam-se aí, ó. Nesse mesmo banco, por horas a fio. Ele ficava lhe ditando coisas que ela anotava num caderno – e, mudando de tom – dizem que as coisas mais íntimas, os desejos mais secretos, foram escritos aqui mesmo. Em frente a este canteiro.

Depois, como se nada fosse, ele me mostrou outros canteiros

com ideogramas japoneses “desenhados”. Mas, dizendo-se desconhecedor do seu significado, o zelador, me fazendo uma vénia, foi regar um canteiro próximo.

Levanto-me e prossigo meu passeio, voltando a passar mais de uma vez pelas letras que havia descoberto. E a propósito de não sei o quê, lembro-me de uma frase de Borges: *Estou só e não há ninguém no espelho*.

Me vem então uma sensação estranha de estar invadindo um espaço que não me pertence, proibido: *as coisas mais íntimas, os desejos mais secretos, foram escritos aqui mesmo. Em frente a este canteiro*, dissera o zelador.

E penso que minha busca poderá ter chegado ao fim... Olho por uma última vez o banco onde Borges e Maria Kodama se sentavam, e retorno à residencial.

Pago a diária e rumo para o aeroporto. Sentia-me estranhamente feliz. A descoberta de um elo, de uma possível comprovação. Não consigo até hoje definir com clareza o sentimento que se aposou de mim e que até hoje persiste.

Apesar de ainda durante anos ter prosseguido com minhas buscas, esporádicas é certo, nunca mais encontrei qualquer referência à palavra Mubringia.

Decidi então escrever um conto, ao qual dei o título de *O Heresiarca de Mubringia*, baseado nas anotações que havia feito naquela incerta noite no metrô, nas pesquisas efetuadas para encontrar o livro, na conversa que tive com Maria Kodama e na descoberta que fiz no Jardim Japonês. O conto foi publicado, juntamente com outros, numa coletânea que intitulei de *O Heresiarca de Mubringia*.

Porém, nunca meu objetivo maior foi alcançado. O de que alguém ao me denunciar por plágio do título, trouxesse à luz o que procuro: alguma referência ao livro que a moça, ao lado de quem me sentei no metrô, lia.

Ou que, talvez eu tenha imaginado, ela lia.

A família

Gilberto Garcia da Silva

A família precisava de pouco. Desde sempre, desde que o nome da primeira coisa foi lembrado e o mundo se tornou uma sucessão de palavras ditas todas as vezes que a necessidade premia o estômago e exigia abrigo. Boi, casa, foice, arado; construir, semear, colher, apascentar. A família dispensava doutrinas que não pudessem ser reduzidas a um substantivo e a um verbo. Se a barriga estivesse cheia e o telhado se mantivesse no lugar mesmo com vento forte, o resto da gramática podia ser esquecido.

Eram sete. O Pai, a Mãe, o Primogênito, a Mais Bonita, o Quase Santo, o Olhos Distantes e a Alienada. Todos espigados e de pele curtida, barba espessa e calças escuras para os homens, rosto corado e vestidos longos, retos e claros para as mulheres. Habitavam o alto de uma serra encravada em outra serra, numa latitude ausente de qualquer cartografia. A dividir o espaço, apenas os antepassados que dormiam na corcunda do morro, debaixo das mangueiras, sob as lápides de cedro já comidas pelo tempo. (O que não os impedia, nas noites insones ou nos dias brumosos, de deixarem os túmulos e circularem pelos vinhedos ou no meio do gado ou pelos corredores da casa. Volta e meia o vulto silencioso dos ancestrais era visto fiscalizando as tarefas do cachaço para saber se mais porcos viriam, a apanhadura do trigo e do tabaco, a limpeza dos retratos que enfeitavam as paredes. Os deste lado engoliam o susto diante

das visões e baixavam a cabeça, respeitando a passagem dos que vinham daquele lado. Da sua parte, os daquele lado cumpriam os seus desígnios com rapidez e só mudavam a disposição dos objetos quando algum descuido dos vivos quebrava a ordem estabelecida pelos fundadores do clã.)

As horas do dia eram divididas em porções que atendiam as exigências da Lei Sagrada e do corpo, este apêndice importuno que demandava severidade para manter-se nos limites traçados pela Palavra. A liturgia da roça. Levantar às quatro, lavar-se e vestir-se à luz dos lampiões, fazer a primeira oração do dia em volta da grande mesa, comer o pão produzido na própria terra, tomar os instrumentos, apoiá-los no ombro, rumar para o eito. A comida era levada ao campo pela Alienada, a quem a natureza roubara o entendimento, mas não a ponto de impedir a realização de trabalhos modestos. Os homens erguiam os olhos para o semblante estúpido que se aproximava e sentiam alegria, pois logo seriam saciados pelo suor dos seus rostos. Depois de entoar as rezas antigas de louvor e agradecimento, sentavam-se nas pedras e alimentavam-se, quietos e compenetrados, exceto pela ladainha sem sentido que a Alienada engatava até ser calada por um gesto brusco do Pai. Restavam os ruídos do chão – os pequenos seres que cavavam trincheiras para se proteger – e do ar – os pássaros que davam rasantes sobre aqueles que se arriscavam a sair da toca. Não havia pausa. Os homens espantavam o sono com um arrote, beijavam a cruz que traziam pendurada no pescoço e retomavam a lide. A Alienada se afastava com a louça suja e às suas costas recomeçava a cantoria dos fios de metal lutando contra as ervas daninhas. O sol aos poucos decaía no vale. Os raios vermelhos desenhavam paisagens épicas no horizonte, e por alguns segundos a família interrompia a faina e observava o suave rendilhado que a luz produzia ao incidir na atmosfera. Na falta de explicação melhor, creditavam tamanha beleza à bondade do Criador, que impunha a labuta com a destra e oferecia retalhos de poesia com a sinistra. Os homens enlevavam-se, mas não por muito tempo. A terra era extensa e os braços humanos tão cur-

tos! Somente quando já não era possível distinguir a rama do feijão dos talos de trapoeraba é que recolhiam as ferramentas. Cumprimentavam-se pelo trabalho realizado com um grito rouco e desciam a montanha, numa fila que respeitava a idade. As mulheres já aguardavam na cozinha, com as panelas fumegando. A Mãe e a Mais Bonita corriam com pedaços de toucinho e dentes de alho, azeite, sal, alecrim e tomilho. A Alienada buscava água no poço e nos intervalos dizia coisas incompreensíveis. Os homens se lavavam e trocavam de roupa. De mãos dadas e cabeça baixa, a família fazia a terceira oração do dia. Monossílabos permeavam a refeição, à qual seguia-se um breve sarau a céu aberto. As estrelas entupiam a noite e era agradável matear debaixo daqueles pontos brilhantes que contavam histórias extraordinárias. O Pai fabulava. Aquele astro, *Veem?*, foi criado para auxiliar os pescadores no meio do mar. Seguindo o seu curso, nenhum barco se perderá. Aquele outro pertence à generosidade do nosso Deus, que com essa marca guiou os Reis na direção de Belém e hoje nos ajuda a dividir o Norte do Sul. A família perdia-se em histórias, pensando detalhes que seriam acrescentados quando a próxima geração chegasse. Às nove horas os lampiões eram apagados. Todos se deitavam e dormiam no instante de um piscar de olhos. Cansados, satisfeitos, alheios aos rumores do universo.

Mas os sonhos que a madrugada trazia não eram tranquilos. Quando a noite costurava os olhos da família e o sertão se transformava numa muralha que expelia os últimos fiapos de humanidade, surgiam os pesadelos. Eram imagens emboladas, delirantes, que falavam dos terrores primitivos – fome e morte na savana hostil. Acordada ou não, a família sofria pela sobrevivência: enrolado nas cobertas, o Pai debatia-se contra as tempestades que arrasavam as lavouras plantadas na sua mente e destelhavam o curral que a imaginação tinha erguido; ao seu lado, a Mãe soluçava diante dos poucos ovos postos pelas galinhas, do fogão que demorava a pegar lume, das bocas famintas à volta da mesa; do outro lado da parede, o Primogênito temia não ser tão rigoroso quanto o Pai nem capaz

de comandar a tribo depois que ele se fosse; no quarto seguinte, o Quase Santo temia não vislumbrar a face de Deus; deitado na outra cama, o Olhos Distantes temia ser devorado pela doença, pelos vermes, pelo abandono e pelo esquecimento; no último cômodo do corredor, a Mais Bonita temia esquecer as receitas que a Mãe lhe ensinara; no mesmo ambiente, encolhida no assoalho, único lugar que aceitava deitar-se, a Alienada era a única que não temia, pois lhe faltava a compreensão dos riscos que o ato de viver implica.

Acordar era o antídoto. As obrigações do dia espantavam os fantasmas da noite, e a vida voltava a ser preenchida pelo cântico monótono das enxadas e das orações. Do jeito que deveria ser. Do jeito que deveria ser para sempre.

As estações se sucediam. No verão, as temperaturas altas reduziam a quantidade das roupas e trazia os pássaros. As árvores lotavam de aves e todo fim de tarde havia um espetáculo de coreografias. A dança e os arrulhos eram reconfortantes. Indicavam que o mundo continuava girando nas engrenagens. O outono secava os galhos das árvores e levava os pássaros embora. A silhueta dos troncos se recortava contra o céu e era bom pisar com os pés nus a camada macia de folhas mortas que se formava sobre o solo. A primavera fazia tudo reviver: cores, plantas, animais. A terra, exibicionista, se fartava com a própria beleza. Em alguns domingos o apelo era tamanho que a família deixava a casa e ia passear no riacho. Pescavam bagres, assavam em buracos cavados no chão e comiam cantando melodias que falavam de deuses e heróis. O inverno era o tempo dos entulhos. A época em que o alto da serra se tornava a praia onde os restos do navio soçobrado vinham parar. No inverno a planície se comunicava com a montanha e coisas estranhas ocorriam.

Assim foi com o objeto metálico que, numa noite de chuva e vento, despencou do céu. A família gemeu de medo e fechou-se no quarto mais afastado. O Pai e o Primogênito, os únicos homens adultos nessa época, apanharam seus facões e abriram uma fresta na porta. Algo fumegava lá fora. Os cães latiam e os cavalos davam

patadas nas paredes do curral. Munidos de fé e coragem, o Pai e o Primogênito venceram os metros que separavam a porta da casa do estranho fenômeno. E descobriram que embaixo da linha de fumaça havia algo que a Bíblia não registrava. Portanto, só poderia ser obra maligna. Entre orações e rogos, ajudados por uma junta de bois, pai e filho carregaram o objeto e o jogaram dentro de um poço que não era mais usado, para além dos limites da propriedade. Depois voltaram para casa e não falaram mais sobre isso.

Foi também no inverno que o cavalo sem dono apareceu, emprenhou a égua e foi embora antes que o potro de duas cabeças nascesse. E que as luzes misteriosas circundaram a casa. E que as cobras vermelhas picaram o pai-de-chiqueiro, impedindo que as cabras procriassem naquele ano. E que o Velho e a Menina chegaram, montados numa carroça puxada por dois jumentos cegos.

Aconteceu de madrugada, durante uma das tempestades mais violentas que a serra já tinha conhecido. A chuva caía de fianco, entortada pelo vendaval, relâmpagos riscavam o céu e trovões chacoalhavam as estruturas da casa. Envoltos pelo barulho do mundo que desabava, ninguém percebeu o resmungo que vinha do pé do morro e subia o carreador. Era um ruído distante e regular, de madeira friccionando madeira. A família continuou aprisionada aos seus pesadelos e só compreendeu que havia algo de diferente quando a carroça parou com um último estrondo e os jumentos zurraram a poucos metros de distância. A casa despertou num susto e apurou os ouvidos. Alguém saltava para o chão. A Mãe benzeu-se, o Pai agarrou-se ao Solingen herdado do bisavô. Botas pesadas pisaram o barro. Um instante depois soaram as batidas na porta: *Noite!*

Era uma voz profunda e visceral, impossível de ser ignorada. O Pai deixou o quarto e constatou que o Primogênito já o esperava no corredor. Reconheceram-se na escuridão e não precisaram falar para saber o que devia ser feito. Caminharam quietos, a passos lentos e bem medidos, na direção da porta. O Pai colou o ouvido na folha de madeira. Como nada escutasse, gritou: *Quem de lá?* A mesma voz retrucou: *Gente de paz!* O Pai e o Primogênito se olharam

fundamente. Não se nega abrigo a estrangeiros, consideraram no espaço de um segundo. Mas também não se acredita em qualquer promessa.

Foi preciso mais um segundo para que elaborassem a estratégia. O Primogênito postou-se de lado, em posição de combate. O Pai girou a taramela com cuidado e destrancou a moradia. Um velho barbado, de chapéu largo e capotão, pingando filetes de água, iluminado pela eletricidade dos relâmpagos, ocupava os limites do batente. Atrás dele, a carroça com os jumentos simulando estátuas de pedra e sobre o assento um pequeno vulto curvado. O Velho não chegou a dizer qualquer coisa. Apenas escancarou a boca, num rito de dor, e tombou no chão

Um grito ergueu-se da carroça, outro grito respondeu dentro da casa. Houve confusão. O Quase Santo desabalou pelo corredor, empurrado pela Mãe, pela Mais Bonita e pelo Olhos Distantes. A Alienada permaneceu parada, de pé na boca da sala, coçando os ouvidos machucados pelo tumulto.

O Pai e o Primogênito arrastaram o Velho para a cozinha. A Mãe adiantou-se diante das instâncias do Pai e juntou-se à Mais Bonita para trazer a Menina para dentro. O Quase Santo e o Olhos Distantes cuidaram da carroça e dos jumentos.

Dois lampiões foram acesos. As chamas balançaram nas correntes de ar e uma luz opaca recaiu sobre o grupo, realçando as sombras que se moviam pelo ambiente. Os visitantes tinham febre. Estavam magros e mal tinham forças para respirar.

O Pai e Mãe zelaram pelo pudor, recolhendo as roupas molhadas e cobrindo os corpos agora despidos. As mulheres se encarregaram das mezinhas, fazendo uso da experiência transmitida pelos antepassados. *Macela*, pediu a mãe e no rastro da sua voz o Primogênito e o Quase Santo correram ao quintal e trouxeram porções da planta que se alastrava feito praga entre a horta e os vinhedos.

A Mãe preparou chá e deu de beber aos visitantes. Em seguida trabalhou com compressas frias. Por fim, velou os corpos, acom-

panhada do Pai e da Mais Bonita. O resto da família retornou aos cobertores, ainda que mantivesse alerta constante.

A noite foi marcada por alucinações. O Velho e a Menina sofreram até que a primeira luz se lançou sobre o alto da serra. Só então adormeceram e a família pode sossegar. A Mãe e a Mais Bonita foram se deitar, mas o Pai preferiu curar o cansaço respirando ares menos intoxicados. Encheu um copo de café e perambulou pelo terreiro, esquadrinhando os contornos do cosmo. Uma camada de neblina pairava sobre o solo. A copa das árvores chacoalhava ao vento frio. Nuvens cinzentas andavam de cá para lá. O Pai desviou os olhos até detê-los no centro do parreiral. Quando suas retinas se fixaram, sentiu as entranhas congelarem. No meio das ruas um vulto o encarava. Era gente antiga, que há tempos inconcebíveis cerrava fileiras nas paredes da casa. O Patriarca, aquele que lançou a primeira semente na poeira e cuidou para que frutificasse. O deste lado pressionou as mandíbulas e segurou a respiração. O daquele lado manteve-se imóvel. A certa altura entreabriu os lábios ressecados pelos séculos e girou a cabeça da esquerda para a direita, em lenta reprovação. Antes que o Pai entendesse o motivo da censura, o vulto esmaeceu e sumiu.

Não houve trabalho nesse dia e nem no seguinte e no seguinte. Usando a chuva que não parava como desculpa, a família rondou pela casa, atenta à novidade guardada na despensa que agora funcionava como quarto de hóspedes. Um homem desconhecido e sua companheira adolescente, algo que nunca se vira naquele lugar. Cuidaram para que se recuperassem e, enquanto isso, foram criando sem muito sucesso fantasias que tornassem crível a sua chegada.

Na manhã do quarto dia a febre cedeu. O Velho e a Menina já não pareciam os cadáveres que haviam batido à porta dias atrás. A Mãe, que mais tinha contato com os visitantes, notou que o Velho não era tão velho. Tinha músculos bem formados e rijos, além de traços fortes, que não deixavam de ser também suaves. A longa barba grisalha conferia-lhe um aspecto de decrepitude que não

combinava com a apresentação do corpo. A Mais Bonita, auxiliar da Mãe, notou a mesma coisa. E também que os olhos da Menina eram azuis e faiscavam. E que seus cabelos louros desciam em cachos e serviam de moldura para um rosto delicado. E que a pele era um imenso tapete liso, cor de manteiga nova.

Os homens tinham saído para a lavoura, aproveitando a brecha do sol. Quando retornaram do campo, no princípio da noite, encontraram o Velho e a Menina sentados à grande mesa. A Mãe e a Mais Bonita corriam com o jantar. Trepada num mourão da cerca, a Alienada observava os visitantes pela porta aberta como se fossem criaturas de outro planeta.

O Velho pôs-se de pé ao deparar com o Pai. Encostou o queixo no peito e agradeceu-lhe pela hospitalidade. *A sua família salvou a minha*, disse. *Cristo salvou*, o Pai rebateu, aceitando a mão que o outro estendia. Mas houve um sobressalto. A mão do Velho era macia, em tudo diferente da mão do Pai, de pele grossa e calejada pelo cabo da enxada. O homem deveria lidar com coisas feitas de papel, o Pai calculou.

Em seguida foi a vez da Menina. Com um leve dobrar dos joelhos e um aceno da cabecinha agradeceu ao Pai. O Primogênito, ao vê-la assim bem composta, adiantou-se dois passos. O Quase Santo recuou três. A Mais Bonita, que já a tinha visto nessa conformação, sentiu o rosto corar mais uma vez.

O Pai aceitou os agradecimentos, mas não evitou um arrepio quando a mãozinha da Menina sumiu dentro da sua pata de gigante. O coração retorceu-se, um sentimento tão vago mas tão poderoso que era até difícil nomeá-lo. Salvou-o do embaraço a interrupção da Mãe, que acabava de depositar a panela sobre a mesa e avisar: *Pronto*.

O Velho contou, enquanto comia o guisado com batatas, que vivia numa cidade muito grande, iluminada por mecanismos engenhosos, repleta de carruagens, com ruas inteiras dedicadas às diversões noturnas, para onde acorriam cavalheiros de casacas de veludo e damas perfumadas. Contou ter-se casado muito cedo com

uma prima e que foram felizes por longos anos. Quando a mulher ficou grávida da Menina, o Velho pensou em mudar-se para paragens mais tranquilas, mas a esposa se opôs. Era ave urbana, tinha veias de concreto. Não viveria muito, no entanto. Complicações no parto a levaram, e nesse momento o Velho viu-se deslocado no mundo. Deixou o emprego e arrumou uma carroça com um par de burros. Ao lado da Menina, tornou-se mascate, vendendo têxteis e cosméticos nas vilas para onde o acaso os conduzia. Dormiam em pousadas, quando podiam, ou nas casas paroquiais, quando aceitos. Se nem uma coisa nem outra existia, acomodavam-se dentro da carroça e passavam as noites contando estrelas. Dias atrás foram pegos em uma emboscada. Bandoleiros roubaram seus pertences e seu dinheiro. Cegaram os jumentos por simples desenfado e depois soltaram o Velho e a Menina ao relento. Sem comida e sem proteção, não demoraram a adoecer. Foi por sorte que chegaram a um lugar habitado por cristãos.

O relato comoveu a família. Envoltos pela luz embaçada dos lampiões, demoraram-se em questões de mérito e de forma, a que os visitantes responderam com presteza. Nunca se falou tanto na casa.

E nunca se dormiu tão mal e se trabalhou tão pouco. O Velho e a Menina iniciaram um novo ritmo no alto da serra. Despertaram um excesso de curiosidade na família, que os rodeava como moscas em torno do xarope, perguntando sobre tudo e sobre nada, quase sempre se espantando com as respostas. Os horários de sair para o campo foram retardados e os de voltar foram antecipados. As lavouras e os bichos deixaram de ser prioridade.

A influência dos visitantes estendeu-se também para locais menos prováveis: os sonhos e pesadelos da família. O medo e a angústia por não saber a quais sortilégios estariam sujeitos no dia seguinte diminuiram. Já não havia mistério em sobreviver. A magia, descobriram num estalo, estava em outras dimensões.

Deitado ao lado da Mãe, o Pai passou a ouvir os sons da madrugada e a pensar que eram chamados de uma sereia loura de olhos azuis que lhe mostrava a nudez púbere e sussurrava *vem!, vem!* O

Primogênito acendia as pupilas e dilatava as narinas pela mesma causa. A Mãe tornou-se incapaz de disfarçar o pulso do coração todas as vezes que o Velho, agora de barba bem aparada e com disposição de jovem em corpo maduro, lhe provocava. À Mais Bonita coube o equívoco. Topar com o Velho banhando-se no riacho todo fim de dia era uma vertigem, mas encontrar a Menina penteando os cabelos com sorriso de beata/cortesã também lhe causava ânsias indevidas. O Quase Santo não teve dúvidas. Mudou-se para o estábulo, pretextando estudos da Bíblia. Cercado pelos animais, lanhava o corpo com o chicote cravejado de metal. O sangue descia, farto, mas não apagava a imagem da Menina, pois esta se pregara no seu cérebro como a própria definição do pecado. Olhos Distantes trafegava em outras paisagens. Queria vencer o sertão, conhecer o mar, atravessá-lo, entrar na cidade que o Velho descrevera e ali cansar os sentidos de tanto experimentar o que houvesse para ser experimentado. Cuidava dos jumentos e da carroça como se fossem uma espécie de passaporte. Enrodilhada em torno de si mesma, a Alienada se masturbava, sem descobrir o motivo e o significado daquele prazer burro.

O mato cresceu na roça, os bois emagreceram, a tulha esvaziou. Enquanto isso, a família encharcava-se com o vinho da última colheita. O álcool amparava os delírios e lhes conferia força parecida com a da realidade. Tudo se tornava possível quando o segundo copo era consumido.

O inverno rigoroso contribuiu para o fracasso da colheita. Tempestades armavam-se quase todos os dias e, quando terminavam, a geada cobria o alto da serra. Parte das lavouras se perdeu sem que nada pudesse ser feito. Ajudada pelo Velho e pela Menina, a família esfalfou-se para salvar o que era possível, mas mesmo assim ficou claro que os meses vindouros seriam de contenção.

Quando as temperaturas aumentaram e a estação deu sinais de que mudaria, o Velho passou a ficar muito tempo no quintal. Olhava de um lado para o outro, sondando o caminho que o trouxera. Estava inquieto, algo não ia a contento. Todos perceberam, mas

tiveram o pudor de não questioná-lo, embora no fundo intuissem o que se passava no seu íntimo.

No primeiro dia da primavera o Velho confirmou as suspeitas. Assomou na porta da cozinha, apoiou a mão no batente e olhou para a família reunida. É hora de partir, disse. Era fim de tarde e um último vento frio percorreu a casa. *Se quiser pode ficar*, o Pai permitiu, sem tirar os olhos da Menina. O Velho não arredou: *Obrigado, mas é hora*. A Mãe rompeu eras de obediência bovina para indagar: *Quando?* O Velho cravou-lhe os olhos negros sem qualquer misericórdia: *Amanhã, antes de o sol raiar*.

Não houve discussão porque não havia o que discutir. Aquilo era o que deveria acontecer. Intrusos são aceitos por um tempo, regas de hospitalidade são seguidas e depois tudo volta ao que era antes. O Velho tomou a Menina pela mão e foram arrumar as tralhas que restaram e as que lhes foram oferecidas. A família emudeceu em torno da grande mesa. Lá fora a noite começou a cobrir a serra.

Uma lua gorda e branca brotou no céu limpo. Os grilos replicaram a si mesmos nos arbustos. Do curral vieram mugidos, coelhos selvagens invadiram a horta apesar do escarcéu dos cães. A mala pronta reverberava tristeza num canto: a família sentia como se algo muito bom lhe fosse concedido e depois tomado de volta.

No meio da madrugada o Pai achou que devia levantar-se da cama. Não saberia dizer porque, se lhe perguntassem. Apenas porque queria. Caminhou descalço pelo corredor, fazendo ranger as tábuas. A Menina estava atrás de uma daquelas portas, à distância de um versículo. O pai duvidou: terei outra vida para embeber-me desta felicidade? E questionou-se: para que conter esse impulso? Com dedos lentos abriu a porta da despensa. Dois catres haviam sido dispostos, um paralelo ao outro. No primeiro o Velho ressonava profundamente. O segundo estava vazio. O Pai fechou a porta com a mesma suavidade e afastou-se. Saiu pela cozinha e inspirou o ar morno e parado.

A lua desenhava a silhueta das coisas, era fácil identificá-las e persegui-las. A tulha, o curral, as mangueiras no topo do mor-

ro, o cemitério. O Pai pisou a grama do quintal e levantou o olhar, pressentindo. Entre as cruces, sob os galhos ainda vazios, algo se movia. Caminhou sossegado, sem contar os passos. O avanço sobre o terreno molhado de orvalho foi lhe dando a certeza, mas a confirmação só veio com os sussurros. Juras de amor eterno acrescidas de súplicas vinham de uma garganta que o Pai conhecia bem. Uma garganta que, esquecendo-se dos direitos de ascendência, o atraía e pretendia roubar-lhe o que se lhe tornara mais caro. *Vamos embora*, o infiel propunha. *Vamos fugir*. À sua frente, uma vozinha repetia: *Não, não*. O Pai deu o último passo e aproximou-se. O Primogênito teve um susto. *Pai!*, clamou ao ver que um facão se levantava em ato de fúria. A lâmina brilhou no ar e descreveu um arco perfeito, arrancando um grito de pavor da Menina. Não era a primeira vez que sangue era derramado em seu nome. As portas da casa se escancaram: a Menina tinha gritado novamente ao ver que o Primogênito fora atingido no ombro, mas se erguera e também empunhava sua arma. A família apressou-se na direção do morro, a tempo de ver as figuras arcaicas que saíam dos túmulos para assistir ao embate. Os vultos silenciosos postaram-se à distância e contemplaram a degeneração da sua linhagem; a queda de uma genealogia duramente fabricada. O Pai chegou a ver o Patriarca uma última vez. Nesse breve segundo, entendeu que a visão que teve no princípio do inverno era o vaticínio da sua própria ruína. O metal riscou o ar. Gotas de sangue mancharam o rosto da Menina. A família alcançou o cemitério transformado em arena quando a última estocada foi desferida. O Primogênito dobrou os joelhos e caiu. A Mãe gritou, a Mais Bonita gritou, a Alienada arregalou os olhos. O Velho correu para o lado da Menina, mas foi contido pelo Pai, cujos olhos lançavam chispas de fogo. É minha!, o bicho que estava dentro dele exigiu. Em seguida tornou a levantar o facão. Mas dessa vez não foi rápido o suficiente. O Velho retirou um punhal da cintura e enterrou-o no seu pescoço. O Pai crispou os dedos, mas não teve força para arrancar a arma. Gorgorejou e arriou de braços.

Foi como se um dique rachasse ao meio. Extintos a Lei e seu

Apóstolo, as torrentes invadiram o deserto e irrigaram locais antes impermeáveis. O último suspiro do Pai scandalizou a família e lançou-a no vácuo. A frase que comprovava a sua falência ainda ressoava no alto da serra: É minha! Aquele homem, afinal, também se rendia às tentações, segundo concluíram a Mãe, a Mais Bonita, o Olhos Distantes, o Quase Santo. Olharam-se, como se fossem estranhos que pela primeira vez se viam. O que a família escamoteava desde a Criação veio à tona e precipitou-se.

O Olhos Distantes compreendeu que podia realizar sua ventura. Começou a correr e só parou ao chegar no curral. Em minutos selou os jumentos e atrelou-os à carroça. O Velho o seguiu, mas não pôde com a fúria do jovem, que surrou-o sem piedade. Tentava ainda se levantar quando a carroça atravessou a porteira, no rumo do cheiro amargo do oceano.

A Mais Bonita compreendeu que não havia mal em satisfazer-se por este ou por aquele meio. Abraçou-se à Menina, que não a repeliu. Antes, esticou os dedos, buscando o Quase Santo. *Quero você*, ela disse, sem se soltar da Mais Bonita. E ele foi. O anjo o escolhera, não havia porque recusá-lo. Abraçado à irmã e à Menina, o Quase Santo deixou a serra para viver um futuro de culpa e gozo em medidas proporcionais.

A Mãe compreendeu que a devoção não passava de desejo não atendido. Desceu ao curral e procurou o Velho. Percorreu os dedos pelo seu corpo robusto, sentindo a eletricidade que se criava ao contato de uma pele querida com a outra pele querida. Seguiram para a casa, de onde saíram pouco depois com duas trouxas de roupa no lombo, na direção de algum lugar que não sabiam qual era.

A Alienada foi a única a permanecer no alto da serra. Depois que os ancestrais retornaram aos seus túmulos, de onde nunca mais saíam, pranteou os corpos do Pai e do Primogênito até que os urubus os reduziram a uma pilha de ossos reluzentes.

Ressurreição

Marcela Santos Brigida

Ele sempre tinha um livro à sua espera no criado-mudo quando se deitava ao lado da esposa pontualmente às 23:30, sem exceção, pelos últimos 23 anos. Quando Hugo finalmente fechava o livro, anunciando o próprio cansaço, ela quase sempre desligava também o notebook no seu colo. Antes eram apostilas de algo que ela estivesse estudando, às vezes o telefone, mas pela última década e meia, costumava ser um notebook. Ela tinha o hábito irritante de perguntar “o que tinha acontecido na história” antes de deixá-lo dormir, o que com o passar dos anos ele passou a interpretar como uma tentativa desesperada de demonstrar interesse ou provar que eles ainda podiam ter algo em comum. Não era apenas o fato de que ele não a amava mais, e, de fato, ele não a amava mais. A questão era que tinha havido, em algum momento, algo muito confortável naquela relação que, assim como um travesseiro velho, não servia mais. As pequenas idiossincrasias e excentricidades que antes eram vistas por ele com ternura, se tornavam mais irritantes a cada dia que passava. A verdade era que ele não lia na cama há anos. O livro na cama era apenas um companheiro que assegurava o seu direito de permanência no recinto sem precisar se dirigir a ela por uma boa meia hora. Naquele dia, enquanto virava páginas artificialmente e tentava parecer compenetrado, Hugo começou a fantasiar com a própria morte: lenta, dramática e grandiosa, com

uma trilha sonora premiada. Ele, numa cama de hospital, tubos para todos os lados, últimas palavras, lágrimas, visitas de pessoas mais interessantes do que aquelas que compunham o seu círculo imediato. Uma doença terrível, uma infecção, um câncer terminal, ou quem sabe até uma bala perdida. Seria muito prático, ele pensou, poder dizer adeus sem precisar morrer.

Numa das suas voltas pelo bairro, parou num lugar relativamente novo onde nunca entrava. Por alguma razão, o estabelecimento se auto intitulava um “pub”, muito embora fosse um bar como todos os outros. Entre as mesinhas de madeira cercadas de poltronas, sofás e cadeiras estofadas de todos os tipos, preferiu se sentar no bar. À sua esquerda, um barman e um velho barbudo que, à maneira de um viking de história em quadrinhos, agarrava e bebia a goladas enormes uma caneca monumental de cerveja. Outro funcionário atendeu o cliente recém-chegado. Hugo tinha acabado de pedir um uísque puro quando a conversa dos homens ao lado se tornou subitamente interessante. Ocupando as telas das duas TVs do bar, um documentário sobre “mortes misteriosas de celebridades e teorias da conspiração”. Os dois discutiam o tema, de Elvis a Michael Jackson, com direito a teorias estapafúrdias das quais se julgavam peritos instantâneos, envolvendo um híbrido de maçonaria e extraterrestres, passando por “o onze de setembro nunca aconteceu”, “o homem nunca pisou na lua” e “Paul McCartney morreu e o que temos agora é um clone”. Hugo pensou, por um momento, em se meter na conversa. Conteve-se. Seus pensamentos eram mais interessantes. Era bem verdade que ele não era nem tão rico, nem tão talentoso, e certamente não era famoso. Mas se pelo menos uma das teorias fosse verdade, essa seria uma evidência de que ele não estava tão sozinho, não é? E que talvez fosse até possível fazê-lo. Quando a conversa dos homens começou a convergir para a teoria “comprovada” de que a Terra era, de fato, plana, os pensamentos de Hugo emudeceram o mundo exterior, entrando num fluxo febril. Na melhor das hipóteses, seria uma ideia brilhante. Ele logo se encontrou tentando planejar formas de realizar

algo do tipo da mesma maneira que alguém planeja um cruzeiro no verão. Imaginou não ter que acordar olhando para o mesmo teto todos os dias, imaginou se libertar sem ser visto como um calhorda, ou um velho em crise. Muito pelo contrário: todos celebrariam a sua vida, chorariam, levariam flores. Do lado de fora do bar, ou pub, a chuva fina começava a apertar, assim como o passo das pessoas. Sem se preocupar em desviar de ninguém, ou das poças que começavam a inundar seus sapatos, Hugo andava tranquila, mas entusiasticamente, planejando a conversa com Ana Clara, encenando mentalmente possíveis reações da esposa, e os possíveis métodos como podia realizar o que pretendia.

As semanas seguintes foram dedicadas a traçar, delinear e definir todo e cada detalhe do seu novo empreendimento, e, embora houvesse ensaiado respostas para todas as possíveis reações de Ana Clara, nada lhe preparou para a reação de fato da esposa. Ele esperava que ela surtasse, ou que sugerisse que ele tinha enlouquecido, que se ofendesse, dissesse que queria o divórcio ou implorasse para ele ficar. No almoço de domingo, diante de um prato de ravióli ao sugo e chá gelado sem açúcar, Ana Clara apenas ergueu os olhos para Hugo e com um sorriso muito simpático, disse que achava uma ótima ideia e que ele podia contar com ela no que fosse necessário para tornar isso realidade. Num cruzamento entre o alívio e o desapontamento pela naturalidade com que Ana Clara reagiu à sua proposta, Hugo agradeceu e os dois conversaram sobre trivialidades pelo resto do almoço. À tarde, Ana Clara saiu e ele resolver ler, sem, no entanto, conseguir progredir mais de duas páginas sem ser interrompido pelos seus próprios questionamentos quanto à reação da esposa e o local para onde ela teria ido. Conscientemente, sabia que tal aborrecimento era injustificado, vez que Ana Clara representava uma boa parte das coisas que queria deixar para trás junto com essa vida.

Conforme havia prometido, Ana Clara o ajudou a transformar as várias possibilidades e rascunhos em um plano de ação concreto, com prazos e datas, envolvendo o mínimo possível de pessoas

para obter documentos, laudos e certidões. A esposa, cujas excêntricas e demonstrações exageradas de afeto haviam esgotado, ao longo dos anos, seu amor por ela, havia se convertido em uma mulher absolutamente pragmática. O desapego com o qual ela lidava com o projeto de morte dele começava a incomodar Hugo e ele percebeu que estava desenvolvendo uma verdadeira obsessão pela mulher que, até poucas semanas atrás, o entediava ao ponto de começar a planejar a própria morte, ou pelo menos a encenação da sua morte. Hugo reconhecia, era bem verdade, ser um grande narcisista, egocêntrico e egoísta, mas nada disso jamais havia parecido incomodar Ana Clara, muito pelo contrário. O que acontecia era que o desinteresse dela despertou um interesse doentio nele, que logo se flagrou escutando ligações atrás da porta, procurando recibos e notas fiscais na bolsa dela enquanto ela tomava banho e tentando, sem sucesso, acessar as contas dela em redes sociais (contas que ele nem sabia que ela tinha até poucas semanas antes). Enquanto Ana Clara cuidava dos planos dele para desaparecer completa e voluntariamente, ele vasculhava cada centímetro da vida dela, daquela pobre coitada, daquela mulher patética. Hugo estava plenamente consciente de estar agindo de forma irracional, se esgueirando pelos cantos, tentando descobrir aonde a esposa ia sem jamais perguntar de fato. Se ela o convidava para ir junto, ele dizia que não podia ir, tentando demonstrar o mesmo ar blasé de sempre, tentando impedir que ela percebesse o que ele interpretou em si mesmo como apenas um efeito colateral da ansiedade diante da aproximação da vida nova. Em pouquíssimo tempo, tudo isso faria parte de um passado distante que talvez nem fosse mais seu.

Sem grandes acontecimentos, sem nenhuma grande realização ou conclusão, os meses foram se passando, e quando Hugo se deu conta, Ana Clara tinha todos os eventos e documentos acertados em seus mínimos detalhes e mínima tinha sido a participação dele próprio ao longo do processo. Prestes a completar 60 anos de vida, Hugo concluiu que, não tivesse a esposa comprado a ideia e cuidado de tudo, ele provavelmente não teria ido adiante com o plano,

assim como não tinha ido adiante com a maioria das coisas na sua vida. Desde que podia se lembrar, ele tinha tido dinheiro de sobra. Os pais morreram antes de ele terminar a faculdade, deixando para Hugo uma fortuna muito maior do que ele seria capaz de gastar ao longo da vida. Após uma série de empreendimentos e projetos fracassados, conheceu Ana Clara quando estava entrevistando possíveis administradores para uma galeria de arte que ia abrir, embora não tivesse nenhum entendimento, paixão ou conhecimento particular de arte. Os dois se envolveram, ele deixou a galeria totalmente a cargo dela, e foi levando a vida, às vezes tentando aprender uma língua, outras, um instrumento. Aos 35 anos, escreveu um romance que foi relativamente bem recebido, mas nunca mais conseguiu concluir nada. Às vezes viajava sozinho para “se conhecer melhor”, às vezes ia com ela, mas sempre se entediava e se arrependia já nas duas primeiras horas de voo. Hugo sentia um profundo tédio em relação à esposa embora, em reflexões recentes, tenha percebido que não a conhecia de fato, e nem ao menos sabia exatamente o que o cansava tanto nela. Podiam ser as pequenas manias que, alternadamente, o atraíam ou repeliam. O jeito que ela ria, que dormia, que mastigava a comida, como se portava com os amigos (cujos nomes ele era incapaz de memorizar) e todo o resto.

– Eu passei os últimos 20 anos fumando um cigarro e olhando pro teto, enquanto a Ana Clara vivia a nossa vida – a minha vida – sem mim. – Pensou Hugo, ressentido, quando a esposa entrou pela porta da sala e, após algumas observações desinteressantes sobre o seu próprio dia, perguntou se ele ia querer uma festa.

– Uma festa?

– De aniversário.

Hugo tinha se esquecido. E isso por si só já era estranho, ele nunca se esquecia de nada que pudesse, porventura, girar em torno dele. Ele disse que sim e Ana disse que já sabia que ele ia querer, e que já estava tudo acertado, convites enviados e tudo mais. O comportamento da esposa o perturbava, o fato de ela ter planejado uma festa inteira sem que ele percebesse o perturbava. O fato de,

ultimamente, quando ele anunciava que tinha terminado de ler e ia dormir, ela não desligava o notebook, o perturbava. Não era que isso, por si só, atrapalhasse o seu sono. A questão era muito simples. Ele tinha anunciado seu desejo de forjar a própria morte no mesmo tom que anunciava todos os seus empreendimentos que obviamente, caso ele os levasse adiante, não dariam certo. Ela nunca ficava contra nada que ele inventasse, e tentava ser atenciosa e compreensiva na medida do possível. No entanto, o afinco com o qual ela se dedicava ao seu projeto de morte falsa incomodava Hugo profundamente. Era uma ideia absurda, não era? Nada razoável. E ademais, ela nem quis saber por que ele queria fazer aquilo. Ela não devia sofrer com a iminência da ausência no futuro? “Por que”, pensou Hugo, afofando com tabefes o travesseiro em mais uma noite em que Ana ficou acordada, “eu vou fazer isso por ela? Claro, pra ela é muito bom, eu saio do meu conforto e ela fica com tudo”. Assim, à véspera de completar 60 anos de idade, Hugo decidiu anunciar para Ana, pela manhã, que o plano estava cancelado. De alguma maneira, ele conseguia culpa-la por tudo. Se ele queria sumir, era por causa dela. Se isso tudo estava indo adiante, era culpa dela também. Mas ela não ia se livrar dele tão fácil.

Na manhã seguinte, no entanto, quando Hugo acordou, Ana já não estava. Com uma enxaqueca terrível, ele se arrastou até a janela e, fechando as cortinas, expulsou o raio de sol que iluminava o quarto. Pensou em acender um cigarro, desistiu, e, do espelho acima da cômoda, puxou o bilhete com a letra apressada de Ana, avisando que tinha levantado cedo “pra acertar alguns detalhes da festa”. Tinha um “parabéns”, um “eu te amo” e, em cima da cômoda, um presente que ele não teve vontade de abrir. Hugo passou a manhã toda no quarto, ressentindo a saída de Ana e mexendo em tudo que já havia tentado vasculhar dezenas de vezes. No quarto abafado, Hugo se sentia cada vez mais enfurecido esperando o retorno da mulher. Lá pelo meio dia, ela enviou uma mensagem para o celular dele avisando que tinha tido uma emergência no trabalho, mas que ia voltar “a tempo de receber o pessoal do serviço da fes-

ta”. “Pelo menos”, ele pensou, “não vou precisar me dar ao trabalho de sair de casa por causa dessa palhaçada”.

Quando Ana chegou em casa, às 16h, Luíza, a empregada, já tinha recebido uma boa parte do “pessoal do serviço da festa” e Hugo estava trancado no escritório com uma garrafa de vodca. Embora ele tivesse batizado o cômodo com o título de “escritório”, era basicamente mais um lugar onde ele bebia, fumava e lia. Hugo viu quando ela chegou, mas Ana não parecia ter percebido nada de especial nele. Mesmo quando o marido apareceu bêbado, descabelado, de pijamas, e descalço, ela parecia absolutamente alheia à sua aparência, absorta em assuntos relativos à festa. Ela o cumprimentou com um sorriso cor-de-rosa e disse que já tinha separado a roupa dele para a festa. Hugo não disse nada. Ergueu o polegar para ela, subiu as escadas, tomou banho, vestiu a roupa que ela queria, se penteou e lá pelas 19:30, desceu as escadas aos tropeços. Hugo mal se deu conta quando as pessoas começaram a chegar e a festa, de fato, começou. Ele passou uma boa parte da comemoração da sua vida sentado na poltrona da sala. De vez em quando, Ana vinha e falava alguma coisa, ele cumprimentava alguém, o garçom trazia alguma coisa para ele beber, a coisa toda o aborrecia terrivelmente e quando ele estava quase decidido a sumir de fininho, certo de que a festa continuaria absolutamente a mesma sem ele ali, ele a viu. Ana estava conversando com um homem que ele não conhecia. Ele era bem uns dez anos mais jovem que Hugo. Mais alto, mais magro, com um corte de cabelo melhor e lá estava ele, *conversando com a minha mulher nos degraus da minha escada*, sussurrou Hugo para si mesmo.

– Por isso, falou baixinho para si mesmo, é por isso que ela não vê a hora de se ver livre de mim. No que depender dela, em duas semanas eu vou ser menos do que uma lembrança nessa casa.

Nunca odiou nada nem ninguém com tanta força quanto odiou Ana Clara naquela festa, naquela noite, ao som de uma música que ele não conhecia, mas já detestava com igual intensidade.

– Ela nem ao menos me vê. Há quanto tempo eu estou aqui parado olhando pra eles, e ela nem percebe?

Hugo estava decidido a falar com ela o mais rápido possível que não ia mais a lugar algum. Estava tudo cancelado. Talvez eles pudessem viajar juntos. Um daqueles cruzeiros horrorosos que ela adorava. Ibiza. Saint-Tropez. Algo assim. Qualquer coisa. Quando despertou do seu devaneio, Ana e o homem não estavam mais na escada. Sufocado pela horda de conhecidos desconhecidos, Hugo foi desviando dos sorrisos e tapinhas nas costas até a porta. Andou pelo jardim até encontrar um ponto mais vazio e acendeu um cigarro, quando algo chamou sua atenção. A cortina do escritório estava fechada, como ele havia deixado, mas a luz estava acesa, revelando um vulto feminino se apoiando contra a escrivaninha. Só podia ser a Ana, pensou Hugo, deixando cair o cigarro, enquanto um segundo vulto se aproximava dela. *Não*. Hugo agarrou a escada que o jardineiro usava para cuidar da hera que cobria toda a lateral da casa e a apoiou contra a parede.

– ANA!

Algumas pessoas que estavam no jardim correram para ver o que estava acontecendo.

– ANA! – Hugo subia tremendo, degrau por degrau.

– ANA!

Os convidados todos corriam para fora da casa para testemunhar, aterrorizados, o espetáculo do aniversariante. Quando chegou, enfim, à altura do segundo andar, Hugo tentou passar da escada de madeira para o batente da enorme janela do escritório, derrubando-a e quase caindo junto. Conseguiu, no entanto, de alguma maneira, se segurar com um braço, enquanto socava a janela com o outro:

– ANA!

– Hugo! O que você está fazendo? – Foi a resposta entre lágrimas de Ana, em meio à multidão de convidados lá embaixo.

– Cuidado! Alguém pega essa escada! – Gritou, se dirigindo a qualquer um ao seu redor.

– Tá quebrada, Ana. – Respondeu uma mulher sem rosto.

– Se segura, Hugo! Eu vou subir e te puxar, segura firme!

- ANA!
- O que é isso, Hugo?
- Eu te vi, Ana!
- O quê?!

Hugo se agarrava agora com as duas mãos, mas parecia prestes a despencar.

- Eu te vi, Ana!

Ela não ouviu a segunda acusação. A essa altura, chorando desesperadamente, Ana já subia as escadas dentro de casa, correndo muito, seguida por duas amigas.

- EU TE VI, ANA! - Ela ouviu novamente, enquanto, com as mãos trêmulas, tentava destrancar a porta do escritório.

Uma das amigas acendeu a luz, enquanto Ana corria para abrir a janela, torcendo o pé, num salto agulha 15, ao longo do processo.

- EU TE VI, ANA! - Disse Hugo, batendo no vidro uma última vez antes que Ana Clara pudesse abrir as janelas. Quando ela finalmente o fez, e estendeu a mão, Hugo se soltou, sem ou por querer.

Ana se debruçou para fora da janela aos gritos, enquanto as amigas a seguravam. Hugo caiu com um estrondo, batendo a cabeça com força no piso de concreto da passagem do jardim para a garagem nos fundos. Em meio ao caos, com mulheres chorando, com convidados tentando ligar para a polícia, um hospital, os bombeiros ou coisa que os valha, com a música ruim ainda tocando ao fundo, com os vizinhos saindo para ver o que tinha acontecido e com os gritos de Ana da janela, Hugo jurou, num último suspiro:

- Você não vai se livrar de mim tão fácil, Ana.

Fim do Mundo

Fábio Ritter

Mercedes aguardava o taxi sentada no saguão do hotel. Os óculos escuros tentavam disfarçar as olheiras de quem andara chorando e não conseguia dormir já há uns bons dias. As lágrimas não apareciam tanto naquela pele clara, o cabelo preto, longo e preso, as mãozinhas rechonchudas de meia idade, o jeito cansado de quem não tinha mais nem vontade de contemplar a neve que caía do lado de fora. De repente um homem entrou esbaforido no hotel chamando por ela em espanhol. Não devia ser o taxista a fazer tamanho escândalo, ela não entendera muito bem no começo, mas logo ouvira algo como que seu filho fora visto na noite passada nas montanhas, junto com os lobos. Ela arregalou os olhos, ia se dirigir a ele para saber mais, quando a recepcionista interrompeu e expulsou o homem aos gritos. “*Quitate desubicado! Respeta el dolor de la señora*”, algo como “Fora sem-noção! Respeite a dor da senhora”. Em seguida a recepcionista explicou que era um lenhador que buscava madeira no alto das montanhas, e que seguramente andava imaginando essas coisas. Mercedes queria falar com ele. Seria possível que o que ele disse fosse verdade? Claro que não, naquela montanha tão gelada, um menino doente não sobreviveria integrado a uma alcateia, teria é sido devorado por ela. O táxi chegou. Mercedes ia ao Aeroporto para voltar ao Brasil... sem o filho.

Quando Nicolas era criança viu a neve pela televisão em um desenho animado, depois em um filme, e desde então ficou obcecado por ela. Seus desenhos na escola eram sempre bonecos de neve ou pessoas na neve; sua lenda predileta era a do Abominável Homem das Neves, fazia com que o pai contasse para ele antes de dormir histórias com esse personagem. Criativo, o professor de Geografia, pai do moleque, inventava situações rocambolescas envolvendo o monstro em diferentes lugares gelados do planeta, do círculo polar Ártico ao Antártico. Seu filho aos seis, sete e até aos oito anos escutava tudo fascinado. Conforme foi crescendo, o garoto percebeu queria ter uma profissão ligada ao frio, seu sonho era ser esquiador. Mas como conseguir isso naquele fim de mundo? Não teria a oportunidade naquela pequena cidade na qual vivia na fronteira entre o Brasil e a Argentina. No inverno, aos 12 anos, fez os pais levarem-no à Serra Gaúcha, na esperança de ver alguma neve. Lá descobriram que a neve era mais propaganda do que realidade, já que o fenômeno natural vinha só de vez em quando e, normalmente, fraco. Nunca tiveram a sorte de ver a neve em território gaúcho. Mas a vontade crescia. Um tio que fora morar nos Estados Unidos, sabedor do gosto do menino, enviara um globo com neve de brinquedo de recordação. Nicolas chacoalhava aquele globo o dia todo sonhando quando estaria lá e poderia realizar seu desejo de ser esquiador.

Aos 16 anos sua vida mudaria radicalmente. Um caroço na axila chamou a atenção de Mercedes, mãe do menino, um dia em que ele ergueu o braço e ela percebeu a saliência. Ele disse que não devia ser nada e que não queria ir ao médico. O tempo passou e o caroço continuava, até que os pais o convenceram a ir, pois fazia muito tempo e se não fosse nada, o nódulo já teria sumido por conta própria. A mãe, que era secretária da escola onde o filho estudava, e o pai, professor, explicariam o motivo de qualquer falta à aula que fosse necessária para consultas e exames. Infelizmente, já às vésperas de completar 17 anos, Nicolas recebeu o diagnóstico de câncer linfáti-

co. Ao médico coube a ingrata missão de informar que a doença já estava muito avançada, pois o diagnóstico fora tardio. Uma nuvem negra cobriu a família. Nicolas reagiu caminhando a esmo pela cidade, ignorando os “olás” de conhecidos, pois não queria falar com ninguém. Não queria responder a um “Oi, tudo bem?”. Não queria mentir dizendo que estava tudo as mil maravilhas, tampouco contar o que estava acontecendo com ele. Os pais ficaram preocupados que o filho sumira aquela tarde inteira do dia do diagnóstico. Ao voltar da rua o rapaz fez um pedido que deixou o casal se sentindo impotente. “Quero ver a neve”. Eles sabiam que era o sonho do filho desde pequeno, mas a família era de classe média baixa, mesmo com o irmão do pai morando nos Estados Unidos, pois isso era fruto de uma bolsa de estudos. Eles não tinham de onde tirar dinheiro para ir viajar para a Europa, Canadá ou Estados Unidos apenas para ver a neve. E, à parte disso, Nicolas tinha que começar o tratamento o quanto antes para amenizar os sintomas, já que a causa não poderia mais ser combatida, e para prolongar sua vida. “Não quero tratamento, quero ver a neve”, insistiu. Os pais não sabiam o que fazer, por um lado comovia ver o filho querendo realizar um sonho antes da hora derradeira, por outro queriam o rapaz o mais tempo possível com eles e não poderiam permitir que ele ficasse sem o tratamento adequado. “Seria criminoso de nossa parte te deixar sem tratamento, meu filho”, disse Sebastião, o pai.

Alguns dias se passaram e na escola todos já sabiam da doença. Em cidade pequena as notícias voam, sejam boas ou más. Nicolas já não suportava mais tudo aquilo. Os olhares piedosos dos colegas eram piores que a morte. No recreio fugia de todos, ia para uma árvore no fim do pátio da escola, onde ninguém costumava ir e se sentava na sombra, para fugir do calor que insistia em permanecer por aqueles lados fronteiros em pleno mês de maio. Pensava na vida, na morte, nos planos que já tivera, vez por outra uma lágrima discreta escorria. Nicolas ainda tinha o corpo de esportista, antes da doença costumava a jogar futebol e basquete, começava desenvolver alguma musculatura, mas ainda magro, era alto, com cabe-

los e olhos castanhos e pele bem branca como a da mãe, o pai já estava mais para pardo. Fazia esportes porque queria ter um bom condicionamento físico para poder esquiar algum dia. Agora, as meninas que antes corriam atrás dele, afastavam-se num misto de piedade e repulsa que doenças costumam causar em adolescentes mais fúteis.

O médico de Uruguaiana queria começar a quimioterapia o mais rápido possível, mas Nicolas resistia. Os pais não queriam forçá-lo, mas estavam prestes a fazê-lo, não sabiam até quando o filho estaria “bem” sem ter o tratamento. Foi então que o rapaz fez uma proposta. “Quero conhecer a neve, é meu maior sono desde guri, por favor, me levem numa viagem ver a neve e depois eu começo o tratamento”. Sebastião ponderou ao filho que ainda estavam em maio. Era primavera nos Estados Unidos e Europa. E mesmo na Argentina e Chile ainda seria difícil encontrar neve. “Tem um lugar onde já deve ter neve, pai”, argumentou o rapaz, “Ushuaia, o fim do mundo do qual o senhor tanto me falava desde criança”. Ushuaia, capital da província da Terra do Fogo, na Argentina, leva o “título” de “fin del mundo” por ser a cidade mais austral do planeta. Lá, o inverno começa antes e termina depois; e era para lá que o jovem queria ir. Era sua esperança de ver a neve antes de morrer. Não sabia nem se estaria vivo nos meses seguintes, não poderia esperar mais para correr atrás de seu objetivo. A ideia não pareceu má, apesar de que os pais tinham medo que a doença se adiantasse demais em esperar esse tempo para o tratamento, porém estavam propensos a concordar. Restava saber de onde iriam tirar dinheiro para tanto.

Os pais conversaram a sós sobre o assunto, à noite, antes de dormir. Decidiram concordar com o que o filho propôs. “Entre realizar um sonho e prolongar uma vida sem sonhos, é melhor correr o risco”, defendeu Sebastião. Combinaram tirar um empréstimo. Mercedes pediria uma semana de licença na escola e ela que acompanharia o filho na viagem. Iriam de ônibus de Uruguaiana até Buenos Aires, de lá, pegariam um avião a Ushuaia. Na volta, o filho iria imediatamente para tratamento em Uruguaiana.

Comunicaram a decisão a Nicolas, que vibrou de alegria. Pulou e abraçou seus “velhos”, como dizia; beijou seus rostos e os fez ter certeza da decisão correta. Mesmo que o menino morresse naquele instante, só de tê-lo visto tão feliz já teria valido a pena.

Ao chegar a Ushuaia a impressão de mãe e filho já foi a melhor possível. Montanhas com os picos cobertos de neve rodeavam a cidade, casinhas charmosas em estilo europeu, e o céu cinza como se logo fosse nevar. Foram do Aeroporto para o hotel, com direito a vista para o Canal de Beagle. Ao chegarem ao quarto, olharam pela bela vista da janela, porém Nicolas fez uma observação. “Pois é, mas nada de neve...” O que mais preocupava o rapaz é que a previsão do tempo em seu celular apontava para apenas chuva e dias nublados pelo período em que estariam por lá. “Calma, filho vai dar tudo certo”, consolou a mãe.

No segundo dia pela manhã, Nicolas acordou bem cedo e foi direto para a janela ver como estava o tempo. Nada de neve. Deu um suspiro de desânimo. A mãe viu a movimentação do filho e disse “calma, logo vai ter neve”, já sabendo o motivo do desânimo. Eles tomaram o café da manhã, e se informaram sobre o *city tour* pela cidade. Foram até o ponto de onde partia um ônibus azul antigo, estilo inglês, para percorrer a cidade. Mercedes pensou que aqueles poderiam ser os últimos momentos felizes antes de voltarem para casa, e decidiu tirar da cabeça que o filho estava doente. Olharam cada paisagem com admiração, tiraram fotos sorridentes e, naquela cumplicidade de mãe e filho, encontraram o alento para esse período tão sombrio da vida. Após a excursão, entraram em um charmoso café e comeram alguns quitutes. Ao fim do dia a mãe estava muito contente, porém notava que o filho, que durante o passeio estava feliz, começava a ficar cabisbaixo novamente. “É legal, mas quero a neve”, disse o rapaz quando a mãe perguntou por que estava desanimado.

Ao chegar ao hotel, Nicolas perguntou na recepção sobre a estação de esqui mas próxima. Era a de Cerro Castor, disse a recepcionista. “*Pero todavia no hay nieve*” (mas ainda não há neve),

ponderou a moça. Mercedes e Nicolas subiram ao quarto para descansar um pouco do dia corrido de passeio, em seguida ele desceu sozinho para fazer algumas perguntas à recepcionista. Queria saber se havia alguma excursão às montanhas que rodeavam a cidade e se havia possibilidade de no alto haver neve. A moça explicou que algumas *tours* de jovens aventureiros subiam as montanhas até certa altura, dependia também da época do ano, pois no inverno haviam nevascas muito fortes, mas em maio ainda era possível subir em algumas, porém, elas eram feitas pela manhã até o começo da tarde, pois no fim do dia o tempo poderia mudar e vir alguma tempestade de neve inesperada, mesmo antes da alta temporada de inverno. Nicolas perguntou à moça se o hotel marcava a excursão, ao que ela respondeu que sim. Ele pediu para ir na do dia seguinte, solicitou ainda, que não comentasse nada para sua mãe, argumentando que ela era muito assustada com turismo de aventura e poderia não querer deixá-lo ir. A recepcionista sorriu e prometeu guardar o segredo.

No dia seguinte, bem cedo, ainda antes das sete horas da manhã, Nicolas desceu sozinho tomar café, sem fazer barulho para que a mãe não acordasse. Depois esperou o horário da excursão, marcada para as 8 horas, quando uma van veio buscá-lo na porta do hotel, já com outros excursionistas dentro. Foram até o pé de uma montanha de onde fariam a caminhada até um bom trecho mais acima, o guia turístico prometia uma bela vista da cidade lá do alto. Enquanto Nicolas contemplava a paisagem e olhava para o céu esperando a neve que insistia em não vir, sua mãe, no hotel, queria saber onde estava o filho. Após a recepcionista insistir que não sabia, ela teve que apelar, contou que era um menino doente, e que não podia estar por aí em qualquer lugar, ainda mais no frio que fazia em Ushuaia. A moça se assustou com a informação sobre a doença do hóspede, disse que não sabia disso antes, contou da excursão e da promessa que fizera a Nicolas de não dizer nada. Mercedes se desesperou, pediu que a recepcionista telefonasse para a empresa responsável pelo passeio para trazerem o filho de volta

urgentemente. Na empresa, disseram que não tinha como trazê-lo, já que a excursão só acabava no começo da tarde. A recepcionista explicou ao atendente o caso, ele então prometeu telefonar para o guia turístico que estava com o grupo. Minutos depois ligou de volta informando que, infelizmente, não conseguira contato, provavelmente não houvesse sinal de celular na área onde eles estavam. Mercedes tomou um tranquilizante e subiu para o quarto, não restava nada mais além de esperar.

Já no começo da noite, a má notícia. O guia apareceu no hotel onde Mercedes estava, após deixar os outros turistas em seus hotéis. Chamaram a mãe na recepção para contar que Nicolas desaparecera. O guia disse que por volta das catorze horas, quando o grupo deveria voltar para a van perceberam que ele não estava mais lá. Disse que Nicolas pareceu muito feliz quando em torno de treze horas começou a nevar relativamente forte. Ele gritava de alegria, feito criança soltava seu gritinho “uhul”, tudo isso entre risos e lágrimas. Em seguida, o moço foi em direção à floresta dizendo que já voltava. O guia avisou para não se afastar muito, pois se a neve ficasse muito forte teriam que ir antes do previsto. Na hora do embarque o rapaz não aparecera. O grupo esperou por quase três horas, separaram-se para procurá-lo, enquanto o motorista esperou na van para ter alguém por lá no caso de ele aparecer. Depois de tanto tempo decidiram que era melhor descer a montanha, até porque à noite a neve ficaria mais forte e os lobos saíam de suas tocas. Ao descer comunicaram imediatamente as autoridades para que comesçassem as buscas pelo jovem.

Mercedes teve a dolorosa missão de informar a Sebastião no Brasil, ao saber, ele reagiu querendo ir ao “fim do mundo”, queria subir essa montanha e procurar o filho também, mas a esposa o convenceu de que não adiantaria nada, o filho dificilmente sobreviveria à noite em tanto frio e com sabe-se lá quais animais, do lobo ao puma, tudo parecia assustador. Ela esperaria mais quatro dias até a passagem de volta. Por um lado, Mercedes estava comovida em saber, através do guia, da alegria que o filho sentiu ao ver a neve

pela primeira e última vez. Ele quis tanto aquilo. Ela também sabia que a morte viria logo para seu único filho, o que doía era não ter seu corpo para velar, não queria que tivesse sido assim, sem saber por onde ele estava, talvez devorado por alguma fera, estraçalhado, em pedaços. A ideia aterrorizava a mãe.

Na última noite antes de ir embora, Mercedes sonhou um sonho estranho, não chegava a ser um pesadelo, mas era surreal. Nele, ela ia até à montanha e encontrava o filho feliz em meio à neve e caminhando tranquilamente entre os lobos, interagia com eles, era como se fosse parte da alcateia. O menino havia feito uma fogueira para se aquecer, os lobos também ficavam ao redor do fogo, todos felizes. Ele olhava para a mãe e dizia “viu mãe, como eu consegui, agora vivo na neve”. Ela acordou nesse instante, percebeu que já amanhecera. Abriu a janela e estava nevando forte. Por que agora? Por que não antes? Se a neve tivesse chegado a tempo, o filho não teria ido em tal aventura atrás dela.

Antes de ir embora, Mercedes tomou um susto com o lenhador entrando no saguão do hotel sendo imediatamente expulso pela recepcionista. Em seguida, Mercedes entrou no taxi ainda meio abismada, sobretudo por que o lenhador falara que o filho fora visto por ele, vivo, e em meio aos lobos. Claro que era absurdo, mas a coincidência não deixava de ser evidente. Exatamente há poucas horas atrás Mercedes estava sonhando com o filho vivendo na neve e em meio aos lobos. Ela até sentiu um arrepio na espinha com o que ocorrera na recepção do hotel. No caminho para o aeroporto, enquanto estava distraída com os pensamentos, Mercedes tomou um susto com o taxista freando abruptamente o taxi e dando uma buzina forte. Era um lobo atravessando a avenida, ele correu para o outro lado e sumiu na rua entre gritos de susto dos transeuntes. “*Que raro! Um lobo en la ciudad nunca he visto em mis 60 años*” (que estranho! Um lobo na cidade, nunca vi isso em meus 60 anos), comentou o taxista. Mercedes olhou pela janela tentando observar para onde o lobo estava indo. Uma lágrima escorreu de seu rosto e, por mais loucura que fosse, ela sentiu que o lobo nada

mais era do que a alma de seu filho cruzando seu caminho para dizer que ia em paz.

Remetido sangue

Lúcio Rodriaues Junior

A imagem da mamãe envelhecendo, olhos no chão, envergonhados, vergado o corpo no tempo, cresceu comigo, enraizara-se na pele.

Eu tinha oito anos. Chovia.

Aquele homem – o pai – na rua enorme e, nós, cinco irmãos e a mãe, abraçados em frente à casa.

Não voltou mais.

Desde então, a vida passou a ser a imagem da chuva nos cabelos da mamãe.

Ela nunca permitiu nem porquês nem senões. Qualquer dúvida cortava no ar a resposta. Bastava o silêncio de um gesto, o olhar perdido na janela, e entendíamos o clamor dos nãoos, que a boca não ousava pronunciar.

Mamãe forte, na vida em que durou. Morreu aos sessenta. Nunca mais outro homem, nunca outra língua, nunca outro sexo, nunca mais amor. Nunca mais mulher.

Agarrava-se aos filhos, às vezes sorriso nos cantos dos lábios; gargalhadas não mais permitidas. Uma vizinha ali, uma tia acolá, cada vez mais escassa as visitas.

Morreu aos sessenta, fisicamente. Na janela. Depois de tanta roupa lavada a pagar por nossas vidas. Antes, enterrara dois filhos. Restaram-me dois irmãos menores.

Aquele homem – o pai – não sumira de mim no tempo. Estava comigo, dormia comigo. Era sombra que teimava pra me sentir vivo. Como se pele, mãos, corpo. Encobria-me nos lençóis, mastigava minha comida, bebia meu vinho envenenado. Aquele homem – o pai – não sumira de mim no tempo. Mas não era um fantasma. Era quase minha alma, quando entrava nos sonhos sem rosto, olhos na nuca, meu destino, minha razão. Meu ódio. Lembrá-lo passou a ser uma maneira de me vingar do tédio e do tempo. Uma maneira de regurgitar prazer e nojo.

Cresci com ele. A imagem retorcida nos passos sem volta pela rua. Cresci num adeus. Talvez por isso não consiga ficar, fincar raízes, construir família, amigos, casa. Tenho pés no vento, no ar que me leva sempre para algo não pronunciado, para uma palavra nunca dita. Sou uma fuga.

Os dois irmãos se casaram, família, filhos. Só eu só. Refém.

Poucas notícias, depois daquele vulto sumindo na rua. Soube que construía nova família, outros filhos, numa cidade vizinha.

Como perdoá-lo, depois da chuva nos cabelos de mamãe? Como esquecê-lo, perdido?

Agora, essa vontade de vingança que não sei bem onde explodira. Essa faca na mão – como explicá-la? Por que, depois de tanto tempo, a vontade de encontrá-lo? A vontade do confronto, do duelo? O desejo de abrir esse vulcão?

Essa querença de vida e de morte?

Nada me respondia. Nem o espanto. Nem a cegueira. Nem Deus nem o diabo.

Era ele e eu – e um adeus no meio.

Cheguei cedo à cidadezinha. Uma rua principal asfaltada, outras ruelas que se esgarçavam, em barro e lama.

Pedi água num boteco. As mãos no bolso do paletó tremiam. O objeto cortante furava o pano e quase rasgava minha pele. Como voltar? Por que continuar?

Por que razões a vida me escolhia para esse jogo de dados?

Pensei que os poucos olhares da cidade imaginassem sobre

minha chegada. Saberiam de tudo. Senti calafrios. Mas a voz da mãe na janela da casa, com os cabelos e o rosto molhados de chuva, perguntou:

– O senhor conhece por aqui o Seu Josué?

A pergunta me soava como gelo no sol. Sentia-me derreter, pequeno, arrependido, querendo voltar. Mas a vida não é uma luta de boxe. No boxe, pode soar o gongo antes da derrota. A vida é abismo sobre abismo.

– Seu Josué? O enfermeiro? E quem não conhece aquele santo homem por aqui, meu Deus! Aqui na cidade é ele na terra e Cristo no céu!

Aquele dali só sabe fazer o bem. Sai por aí, de casa em casa, a cuidar dos velhinhos e das crianças, cuida da saúde delas, dá remédio, até abriu uma creche para ensinar o povo a ler e a escrever... Seu Josué é mesmo um santo, seu moço!... Mas quem é que pergunta?!

O suor de um vento frio me passou no rosto, as pernas tremaram. Pensei que fosse desmaiar. E agora?! Que merda eu to fazendo aqui?!

– Eu sou filho dele, disse, sem muita certeza.

– Filho?! O senhor disse filho?! O moço é filho do Seu Josué? Meu Deus do Céu, que coisa boa! Me dê um abraço, moço! Filho dele é como se fosse meu filho também...

Abraçou-me, realmente, emocionado.

– Venha, vou lhe mostrar onde fica a casa dele.

A casa amarela era simples, bem cuidada, com jardim e portão de madeira. Fiquei bom tempo parado, na calçada em frente. A faca no bolso, olhar vidrado à espreita. Um adeus no peito. Uma dor que vinha de imemoriais poeiras.

Um velho surgiu na varanda, caminhando lento, arrastando chinelos.

Era como se eu quisesse fugir da realidade, e ela me chegasse em sombras e espelhos. E nunca o sonho se fizesse tão real!

Abriu o portão e dirigiu-se à rua. Calça listrada feito pijama.

Camisa branca de botões. Pele morena. Caminhava devagar sob o peso dos ombros. O pai!

Aos poucos, segui-o. Corpo em febre, olhos em fogo. Coração estilhaçado. O sangue nos dedos.

Bati em seu ombro.

Todos os deuses dos anos perdidos, todos os santos dos tempos passados, todas as músicas não mais ouvidas, todos os latidos dos cães, todos os ventos bravios, todos os amores esquecidos, todas as vergonhas das virgens, todas as ruínas, todos os risos dos demônios, enfim, todas as dores ali se aplacaram.

O corpo voltou-se vagarosamente.

Fixou seus olhos nos meus. Não precisou um gesto a mais.

– Leandro, meu filho!

Uma lágrima de mais de vinte anos rolou em meu rosto.

Maximus

Sexta-feira

Delmar Bertuol Alves da Silva

Oito horas da noite. O telefone tocou. Ele torceu que fosse a operadora de telefonia oferecendo ampliação de serviços. Ou do banco, informando da disposição de um cartão de crédito sem taxa de manutenção. Tinha disto. Dava trela, de vez em quando, a vendedores de telemarketing. Não comprava nada. Não aceitava um novo cartão internacional que acumulava milhas. Deixava as atendentes embaraçadas sem saber o que dizer quando respondia que não tinha interesse no produto, mesmo que muito mais em conta do que o seu atual, por questões ideológicas. Não tinha conta em bancos privados. Mas gostava de ser bem tratado. Bajulado. Atendia até mesmo as Testemunhas de Jeová. Deixava-as falarem em Cristo. Na Palavra. Na Bíblia. Ouvia com atenção e interesse. Os irmãos chegavam a pensar que estavam logrando êxito. Que ele estava se convertendo. Mas não. Depois de ouvi-los, ele expunha sua posição agnóstica e não-cristã. Nem sabia se era mesmo um agnóstico. Falava mais por pedantismo do que por convicção do conceito. Sustentava que Jesus era uma farsa eurocêntrica. Por que teve que aparecer num lugar sob dominação romana e não na América Latina que, então, ele ressaltava de novo num exibicionismo, nem poderia ainda ser chamada de latina, por exemplo? Uma vez atendeu uma jovem. Dava bem pra comer, calculara. Deixou ela pregar suas crenças, os ensinamentos de Jesus. Depois respon-

deu que a Bíblia era apenas um manual de bom comportamento. E já defasado, por sinal. Carecia de uma revisão. Dessem-lhe tempo, e uma retribuição em pecúnia ou em cachaça, escreveria um também. Quase ia propor: tu me ajuda? E pensou que escreveria enquanto ela lhe sugava o pau com a avidez típica das insaciáveis escudadas no recato religioso. Não disse nada, contudo. Estava ainda casado. Mas a moça gostou da sua simpatia e solicitude. Ele ficou satisfeito por ter agradado. Olhou no visor do celular. Não era nenhuma vendedora com voz aveludada avisando que ia estar lhe passando uma promoção. Era a sua filha.

No fundo, ele queria resmungar antes de atender, dizendo querer que já quer me pedir dinheiro? Elas, incluiria a mãe, só me procuram pra dar mordida. Aquela cade-la que arranje um macho que a sustente. E que ela botasse a filha na linha. Gasta demais, a aprendiz de consumista. Gostaria de poder chegar no bar e, entre uma emborcada e outra, reclamar da ex. Deixar subentendido, nas entrelinhas, que aquela lá ainda dependia dele. Só que nem ainda e nem muito menos antes. Sua mulher nunca precisou financeiramente dele. Ela sempre ganhou mais. Durante muito tempo, ganhou o dobro. Só nos últimos tempos de casados é que a diferença diminuiu um pouco. Mas, mesmo assim, ela era muito melhor remunerada.

A filha não mais se surpreendia com a voz embargada do pai, bêbado. Em sexta-feira, era comum ele beber do início da tarde à noite. Em algumas vezes, de madrugada. Saía da escola quinze pro meio-dia. Uma das poucas gratificações que seus dezesseis anos de magistério municipal lhe garantiram era, na montagem dos horários das aulas, início do ano, que ele não trabalhasse na segunda-feira o dia todo e nas sextas à tarde. Além dessas folgas, a experiência lhe garantiu alguns anuênios. Uma miséria que ele já pensara mais de uma vez em abdicar, só de brabo. Diria ao Prefeito, quando fosse entregar tal requerimento de dispensa em-mãos, que Vossa Senhoria – era esse o pronome de tratamento dispensado aos prefeitos? – pegasse essa mixaria que lhe pagava a título de anos de carreira e enfiasse, pagamento em moedas de um, no cu.

Ela queria convidá-lo pra almoçar. Estaria sozinha em casa no dia seguinte, sábado. A mãe iria prum Congresso. O prato seria por sua conta. Cozinhar. Uma das poucas habilidades que de fato tinha e se convencia disso. Alguns diziam que ele escrevia bem. Ora ele achava que sim, ora que não. Pelo menos não aceitava a pecha de escritor fracassado. Dizia pra si mesmo, irônico, que nunca fora escritor. Não tinha, então, um dos pré-requisitos pra ser um fracassado nessa arte. Havia ganhado alguns concursos literários. Continuava se inscrevendo, com seus contos, que ele julgava ter tensão psicológica. Às vezes, vencia e lhe mandavam um certificado de honra ao mérito por email. Ele ficava de imprimir na livraria, colorido e em papel vergê. Nunca os imprimiu. Mas não vencia algum prêmio realmente bom, importante, de destaque. Participou de algumas antologias, mas nenhuma editora quis bancar a publicação de sua obra. Se resumia a escrever pra jornais da região e desconfiava que nem mesmo o editor lia seus textos. Apenas o formatava pra caber no espaço destinado, reclamando quando ultrapassava os caracteres estabelecidos. Uma vez aceitava convites pra bate-papos com os alunos nas escolas. Agora, não mais. Não tinha saco pra responder às perguntas clichês previamente preparadas pelas professoras de Português. Como é teu processo criativo? Quando começou a escrever? Tuas escritas são autobiográficas? Pra incentivar os alunos preguiçosos, a professora sempre pedia pra ele falar da importância da leitura. Ele não tinha resposta pressas perguntas. Não sabia como era seu processo criativo e achava pedante sugerir leitura. Leiam ou tornem-se analfabetos funcionais, a inchar ainda mais essa estatística brasileira, tinha vontade de dizer.

Amanhã, por volta do meio-dia, ia na casa que um dia já fora também sua. Ele ajudou a pagá-la. Não a maior parte. A mulher ganhava mais e pagava mais. O certo talvez fosse marcar um pouco mais cedo. Aproveitar bem a companhia da filha, que ele não sabia se lhe tinha mais amor ou compaixão. Mas previu que estaria com uma puta dor de cabeça. Estava obstinado a tomar mais do seu uísque doze anos. Não era sempre que o bebia. Economizava-o.

Custava cento e cinquenta pau a garrafa. Seu salário de professor não lhe permitia comprar uma por semana. Mesmo com o acréscimo dos anuênios, que ele ainda não havia mandado o Senhor Prefeito Municipal enfiar no cu, por gentileza. A casa em que um dia pertenceu a uma família não era grande, mas acolhedora o suficiente pra morar os três. É possível que ele tenha lamentado, quando do divórcio, mais o fato de sair de casa do que de ter que se separar da mulher e da filha, então com dez anos. Agora morava naquele apartamento, se é que se pode assim dizer dele. Uma quitinete transformada em quarto e sala. Óbvio que, com a divisão, tanto a sala como o quarto ficaram minúsculos. Assim como a cozinha, que ainda abrigava um tanque e a máquina de lavar roupas.

Nunca quis morar no mesmo lugar em que lecionava. Toda a vida procurava empregos em cidades vizinhas. Ser professor em cidade pequena e morar nela é incomodativo. Não se sabe quando vai encontrar algum aluno num puteiro. Ou, menos raro, ir ao supermercado e ser atendido por uma aluna no caixa, ocasião em que ela veria tudo o que ele comprava. Por isso, fez o concurso nessa cidade, distante quase quarenta quilômetros donde morava. Assim, em finais de semana, podia entrar livremente nos botecos pra tomar sua cachaça sem ter que se cuidar pra ver se algum aluno não lhe daria um flagrante e lhe viesse perguntar, irônico, na próxima aula, o que o professor estava fazendo no boteco tal? Sua posição magisterial lhe impedia de dar a resposta que desejava: marquei de chupar a buceta da tua mãe lá, ô fofoqueiro. Vai cuidar da tua vida.

No entanto, quando se separou, a alternativa mais viável foi morar na mesma cidade da escola. Pior, o apartamento que aliava minimamente limpeza e preço acessível era a cinco quadras donde trabalhava. Num momento de condescendência, deixou que a mulher ficasse com o carro. Ela ia precisar pra levar a filha pra lá e pra cá. De início, seu plano era ficar provisoriamente morando nesse lugar. Talvez em no máximo um ano conseguisse comprar um carro e ir pra mais longe. Distante dos alunos. Onde pudesse comprar e tomar suas bebidas em paz. Até comprou o carro antes do esperado.

Mas fez as contas de tempo e custos e viu que o melhor era morar lá onde estava mesmo. Chegou a pesquisar outros aluguéis, mas nenhum lhe valia a pena. Fazia, então, quase seis anos que morava naquele cubículo que era cada vez menor, pois à medida que o tempo passava, ia acumulando troços. (In)utilidades. Rascunhos. Textos e livros seus que não eram, nunca seriam, publicados.

Churrasco. A filha, puxara por ele, carnívora incorrigível. Amanhã acordaria, com dor de cabeça, passaria no mercado e compraria uns bons pedaços de carne. Um assado no capricho pra filha que teve a gentileza de ligar pro pai. Talvez ela tivesse medo que ele entrasse em depressão e se tornasse um alcoólatra. Ou cometesse suicídio de modo clássico, enrolando a corda pelo pescoço e se alçando numa viga de concreto. Aos dezesseis anos, já passara da idade de ter equivocados ciúmes da figura paterna. Mais do que isso, talvez já entendesse a importância disso. Não perdia o oportuno de aconselhar o pai a arranjar uma namorada. Nada sério, mas alguém com quem passear, conversar, reclamar da vida. Aos quarenta e seis anos, viu frustrados seus planos de se tornar um quarentão charmoso. A barriga saliente e a barba sempre por fazer, além da desimportância que dava às suas vestimentas mais lhe envelheciam do que o tornavam atraente. Pelo menos não à primeira vista.

Era um homem inteligente. Culto. Estudioso, apesar de nunca ter feito, como lhe aconselhavam inúmeras vezes, um mestrado. Parou em duas especializações. A primeira fez pra que seu salário aumentasse um pouco. A segunda, em política, fez por gostar do tema, ainda que os políticos cada vez mais lhe desiludissem. Mas, apesar da sua intelectualidade, não tinha paciência pros formalismos universitários. A academia está mais preocupada com o como tu escreves do que com o que tu escreves. As normas da ABNT são mais importantes do que um argumento inovador. E, aliás, o argumento só é considerado se for envolto numa porção de citações de livros e autores que os que estão escrevendo o artigo só leram a parte que lhe interessavam. Os acadêmicos de hoje são

uns caçadores de citações. Nem que o que eles citem não lhes cause a menor convicção. Não tinha paciência sequer com o editor de textos, quanto mais com as regras da ABNT, órgão que ele nunca entendeu bem o que é.

Alguns colegas já haviam lhe dito do desperdício que era ele dar aula pro ensino fundamental. Prum bando de alunos que não está com a menor vontade de estudar. No fundo ele concordava. Mas rebatia com um entretanto. Os alunos das graduações não estão muito diferentes. Nos congressos de História que ia – muito mais pra juntar horas pra poder ascender um nível na carreira e ver seu salário básico aumentado em dois vírgula alguma coisa por cento (um dia ainda mandaria o Prefeito enfiar direitinho essa mixaria no rabo) ou com a esperança de comer alguém do que pela sede do conhecimento – podia observar o nível de seus colegas. E contava em tom melancólico que havia uns que, inclusive, votavam na direita. Se aprendeu algo no curso de História, foi fumar maconha e votar sempre e incondicionalmente na esquerda. Mesmo que a esquerda aja como a pior das direitas, por vezes. Agora, pelo visto, as futuras historiadoras saem do curso sem nem mesmo ter chupado a boceta de outra colega, num experimento sócio-relacional empírico. Não se formam mais historiadores como antigamente. Como no seu tempo, em que os estudantes tomavam o DCE e invadiam a reitoria por qualquer motivo, que, na verdade, não passava de subterfúgio pra fazer baderna. Pelo menos aprendeu: regras são pra serem descumpridas. E só se rompe paradigmas pelas transgressões. Agora, tinha que aguentar colegas que nunca nem tinham fumado um baseado relativizar a legitimidade da resistência armada. Maricas. Outros eram contra as cotas raciais nos vestibulares e nos concursos públicos. Quando o assunto surgia, invariably lembrava-se do amigo de longa data e colega de profissão que morava ainda na Capital e estava sempre a lhe dever visita, o qual ele chamava, num politicamente incorreto fraternal, de Negão. Dizia ele que sua gente estava tranquila na África quando os brancos lhe trouxeram pra cá pra serem seus escravos. Agora,

vão ter que nos aguentar. Vamos entrar nas faculdades e ocupar cargos públicos. E vamos comer as brancas não só porque nossa piroca é maior, mas também porque teremos dinheiro, estudo e bons cargos. O Negão era uma figura. Parceiro das horas boas e ruins, em conversas molhadas a tragos e cigarros avulsos, adentrando a madrugada reclamando das mulheres que tiveram. Quando esse negão pau no cu iria lhe pagar a visita devida?

Ele também tinha vontade de fazer um experimento empírico. Queria chegar à sala de aula. Sentar-se e esperar que a turma fizesse silêncio. Sempre há algum aluno que se flagra e, aos berros estridentes, que parecem fincar os ouvidos, manda os demais calarem a boca que o professor quer falar, cambada. Daí, com calma e ponderação, mandaria todos eles a puta que os pariu. E volveria aos seus escritos. Provavelmente à folha de chamada, sempre faltando dias a registrar. Já tentava acertar o resultado. Num primeiro momento, eles ficariam quietos, confusos, se entreolhando. Passados alguns minutos – o silêncio, parece, lhes é impossível – iriam começar os cochichos sobre a fala do professor. Depois – o monotema também não lhes é interessante –, as conversas tomariam outro rumo e volume. Logo, eles até esqueceriam o que o professor falou no início da aula. Eles sempre esquecem o que o professor fala no início da aula. Cambada.

Um texto. Precisava escrever um texto à filha. Ela, como a mãe, gostava que o pai lhe escrevesse. Quando era casado, a esposa sempre lhe cobrava que fizesse cartas de amor. Ele era melhor escrevendo do que falando. Assim foi com a mulher. Assim foi e era com a filha. Era a escrita, aliás, que lhe ajudava nos relacionamentos. Escrevia bem um cartão de feliz alguma coisa pra mulher com a qual estivesse se relacionando. Nesses cinco anos de solteirice, teve alguns relacionamentos. Um dos lados bom de ser professor é que tem muito mais colegas mulheres do que homens. Se não se pode pegar todas, pelo menos se tem material imaginativo o suficiente pra punheta de fim de dia. Só não teve mais namoradas ou relacionamentos porque se reservava ao direito de só tomar a iniciativa

quando tinha quase certeza de que ela aceitaria. Não estava mais na idade de levar nãos na cara. A última com quem se relacionou foi uma colega de escola. Professora de Inglês. Trinta e poucos anos. Quase quarenta. Começaram a falar sobre literatura brasileira. Ele, afinal, sabia mais do que ela, que era das letras. Talvez tenha sido isso que a tenha chamado a atenção, aliado ao bom nível cultural que ele possuía. Claro que ele escondia que nunca conseguiu terminar de ler Cem Anos de Solidão, Crime e Castigo e Dom Quixote. Além disso, criticava, com a legitimidade de quem leu, o Grande Sertão. Impressionava suas colegas de Literatura ao afirmar, convicto, que Guimarães Rosa foi um pedante que não queria demonstrar a linguagem regionalista. Ele quis, isto sim, inventar uma língua própria e ininteligível pra parecer importante. Se querem saber de linguagem regionalista verdadeira e não inventada, que leiam Rachel de Queiróz, Graciliano Ramos ou Jorge Amado, entre outros. Fazia isso pra justificar, em auto-segredo, que começou a ler o livro, mas não entendeu porra nenhuma. Também era educado e introspectivo, o que desperta alguma curiosidade feminina. Mesmo assim, demorou até que finalmente ele a convidasse pra tomarem algo juntos. Engataram um namoro, às escondidas dos demais colegas, que durou seis meses. Foi quando ela, que ainda não era mãe, se insinuou pra algo mais sério. Ele viu que era o momento de romper. Até por respeito a ela, que merecia ser feliz com alguém que quisesse de fato uma vida conjugal eterna e feliz até enquanto durasse. E ele se sentia orgulhoso da hombridade de sua ação. Terminou e explicou os motivos. Ela o julgou bem por isso. Até o dia em que, bêbado, ele lhe mandou uma mensagem dizendo que podiam dormir juntos sem necessariamente casarem. E ele jurou que nunca mais iria tocar no telefone quando tivesse bebido. Contando o ocorrido ao Negão, numa conversa por telefone, já que não vinha nunca aqui, se justificou: é que ela trepava bem.

O problema era o tempo pra escrever. Amanhã fatalmente estaria ressecado. Nem pensar em cogitar uma frase. Será que conseguiria elaborar uns três ou quatro parágrafos agora, enquanto

tomava seu doze anos à caubói? Iria tentar. Talvez saísse algo minimamente aceitável. Já fazia quase mês que não via sua filha e pra mais de seis que não lhe escrevia nada. Valia o esforço.

Sim, podia ser uma mousse de limão de sobremesa. Sabia que a filha não tinha lhe herdado os dotes culinários. Tinha saído à mãe, que não se acertava na cozinha. Mesmo em dias de boa vontade, sua comida ficava insonsa. Assim era no sexo, que ela parecia não gostar de fazer. Ele, e invariavelmente ele, tinha que insistir. E mesmo em dias de boa vontade, parecia faltar algum tempero naquilo, que era sempre na mesma ordem dos procedimentos. Se a mousse ficasse pelo menos comível, já tava bom, pensou.

Desligou o telefone. Amanhã se falavam mais. Avisou que iria olhar os cadernos dela, hein. Ele ainda encheu o copo com mais algumas doses. Já previa o amanhecer, com sua boca seca e sedenta por uma Coca-Cola bem gelada, a qual ele ia beber no gargalo quase dois litros nos quarenta e cinco minutos de viagem até chegar lá. Putz, antes teria que passar no mercado e no posto pra abastecer.

Pegou o telefone e mandou uma mensagem pra colega. Se ela quisesse vir dormir com ele, talvez eles pudessem pensar em casamento. A mensagem deu como não enviada. Estava sem crédito. Amanhã, daria graças a Deus por isso. Adormeceu na sala com a televisão e o rádio ligados.

Sobrou ainda um pouco do uísque doze anos de cento e cinquenta pau a garrafa.

Sonhou que dava o resto da bebida pro Prefeito. Com cuspe dentro.

Acordou com uma puta dor de cabeça e sedento por Coca-Cola.

O cordeiro do sacrifício

Joaquim Lopes Duarte Bispo

Como acontecia frequentemente, o conselheiro Luís Galhardo almoçava nessa quarta-feira no restaurante Valadares, em Lisboa, com o seu amigo Vasco Corvelo, administrador principal do Banco Nacional de Investimentos. Falavam de negócios e saboreavam um *carpaccio* de lagosta, antes da chegada do linguado *au meunier*.

– Se o Governo se decidir, finalmente, pela privatização da Caixa, é fundamental que eu possa subscrever, pelo menos, setenta milhões de ações – enfatizava Galhardo. Aparentava uns cinquenta e tal anos enxutos, o olhar decidido, as sobrancelhas negras fazendo contraste com o cabelo um pouco grisalho. – Quem entrar em força no capital do banco do Estado, fica com uma posição excepcional no mercado. E um fluxo de dividendos inigualável. Nem a petrolífera é tão apetecível.

– Eu sei, Luís. É um dos últimos baluartes que o Estado mantém. Todos os funcionários públicos lá têm conta. São valores baixos, mas são milhões de contas. – Corvelo tinha um perfil físico mais arredondado, o rosto rosado, um lábio inferior carnudo. – O teu problema é o aval.

– Se o Estado alienar vinte e cinco por cento, convinha-me atingir uma quota de três por cento, o que deve rondar os setecentos milhões de euros.

– Pode ser que aliene só dez ou quinze... – avançava Corvelo,

cuja preocupação parecia ser a segurança dos empréstimos.

– Hmm!, creio que irá bem acima. Repara que a dívida já é maior que o PIB. Só para os juros precisam de uns cinco mil milhões.

– Também dependerá da cotação por ação, na oferta pública – ponderava Corvelo, enquanto bebericava mais um pouco de *alvarinho*.

– Elas devem valer uns dez, dez e meio – racionalizava Galhardo –, mas o Governo vai fixar um preço mais baixo, com certeza, para que a operação seja um êxito. E será tanto mais baixo quanto mais incerta for a procura previsível, claro. Convinha que o mercado desse a entender que não tem um interesse por aí além, para que o preço não suba acima dos dez.

– Mesmo assim, Luís, como é que queres atirar-te para setecentos milhões?

Que aval é que podes garantir?

– As ações, Vasco! Só as da petrolífera estão a valer cento e oitenta milhões. Todas juntas valem mais de trezentos milhões. Não é uma garantia a cem por cento, mas, na prática, chega bem.

– Valem trezentos milhões, mas em que dia e em que conjuntura? É um valor virtual, Luís. Ações não são garantia segura e os bancos evitam fazer grandes empréstimos sobre carteiras de ações, como sabes. Preferem valores menos voláteis.

– Também isso da garantia é uma exigência de segurança excessiva. Achas que as ações da Caixa algum dia vão cair abaixo dos cinco euros? Trezentos milhões é mais do que suficiente.

– É chato! Vou ter um trabalhão para convencer os outros administradores.

– Mas, não és tu que mandas? – gracejou Galhardo.

– Não é bem assim; só valho um voto. Tenho é alguma influência... Mas preciso preparar bem a argumentação. Vou ter de apresentar uns gráficos com o teu crescimento económico, e outros com os ativos que já geraste para o banco.

– Vá lá! Tu és capaz. – incitava Galhardo. – E já pensaste quanto é que este negócio vai render para o teu banco, se o empréstimo

vier do vosso lado?

– E também tenho de contar uma treta qualquer à comissão de fiscalização da Bolsa!

– A comissão quer é não ter chatices!

– Às vezes, ainda me vêm uns pruridos, ainda acho tudo isto muito pouco ético – confessou Corvelo, enquanto dava mais uma garfada no linguado.

– Ética... A ética não produz dividendos. A nossa missão é ganhar dinheiro para nós e para os nossos – para a nossa família, para os nosso amigos, para os grupos que fazem andar a sociedade. No teu caso, para os acionistas. E nem sempre é barato ganhar dinheiro. Não te digo quanto é que transferi para uma conta da sogra de um secretário de estado. Eu tenho para mim, desde muito novo, que a gorjeta dá-se antes do serviço e tenho-me dado bem com o sistema. Fui sempre bem servido. Tu não queres ganhar dinheiro?

– Eu quero, vou fazer os possíveis para que ambos ganhemos, mas não vais sem resposta; há quem parece que não quer. Tenho um cunhado, que encontrei há dias... É gestor de uma baiuca qualquer, na indústria. Aquele homem deve viver só do trabalho dele, é impressionante. Se visses com que carro ele anda!

– Por que é que não o puxas lá para o banco?

– E tentei! Propus-lhe um lugar de consultor. Nem precisava de lá ir. Não quis. E ainda bem. O tipo é um bocado esquisito. Ainda me criava lá algum problema, alguma contestação, alguma fuga de informações, sei lá? Nem ele se sentia feliz a trabalhar para uma empresa que tem o investimento de risco – a especulação, como ele prefere dizer – como princípio produtor de riqueza. Há pessoas que são felizes assim, o que é que tu queres?!

– Mais razão me dás! A propósito – Galhardo baixou a voz –, foste convocado para logo à noite?

– É secreto... Não, não fui. Aliás, não sou um dos grandes interessados diretos; tu, sim, queres atirar-te de cabeça.

– Não sei quem vai lá estar. Aliás, é indiferente. Só espero que resulte.

– Tu acreditas que aquilo tem alguma influência positiva nos negócios?

– Olha, eu sei é que os que lá vão obtêm graças. É curioso, é como dar gorjeta adiantada.

– Era preciso que Deus, ou lá que entidade é, se deixasse subornar com sacrifícios.

– Na Bíblia, dizem que sim. Deus gosta do cheiro de carne na brasa. Foi por isso que o Caim matou o Abel.

– Como assim, não foi uma briga?

– Ciúme! O problema é que Deus deleitou-se com o sacrifício do borrego assado do Abel; para as frutas e legumes do Caim, nem olhou. A propósito, queres sobremesa?

Corvelo olhou em volta, disfarçadamente, até descortinar o carrinho de sobremesas.

– *Noisettes* de morango com Porto; é isso. E tu? Galhardo soltou-se em riso.

– Desculpa, lembrei-me duma coisa. Como será uma sobremesa de carne? – riu-se de novo ao gesto lúbrico de Corvelo. – Não, falo a sério. Uma empada de borrego? Um creme de cabidela? Deus bem podia ter honrado alguma fruta do Caim para a sobremesa!

Após uma pausa para mandarem vir sobremesas, voltou à conversa anterior:

– Para mim, aquilo é importante, sobretudo, pela força que criamos em nós, por sentirmos que estamos certos e que Deus está do nosso lado; e por nos sabermos rodeados por amigos empenhados nos mesmos objetivos, mesmo não lhes vendo a cara, não achas? A Ação ajuda os seus filhos, como nós a ajudamos. Os membros da Ação são como irmãos, não é... irmão? Olha, venham almoçar lá à minha quinta de Sintra, no domingo, está bem? A Matilde está farta de me dizer para vos voltar a convidar. Venham, que damos uma volta pela serra. Nesta altura está toda florida e o cheiro das acácias é sublime.

Conforme ditava a convocação cifrada, Galhardo chegou às onze e meia da noite à Quinta da Dedaleira, ele próprio ao volante

de um carro pequeno. Envergava um albornoz negro com uma cruz de Cristo no peito. Recolheu-se uns minutos a interiorizar o ambiente e o espírito adequados à cerimónia em que iria participar. Antes de sair do carro, colocou o capuz bicudo, também negro, onde só duas aberturas ao nível dos olhos permitiam interação com o exterior.

Percorreu uma alameda sinuosa em declive ascendente, iluminada pela lua, ouvindo apenas os próprios passos, e entrou num túnel, disfarçado por detrás da cantaria de uma fonte. Parou a adaptar a retina à escuridão. Em vão. Resolveu ligar a lanterna do telemóvel. Não havia motivo para se arriscar a tropeçar e cair. Pouco depois, ao dobrar o cotovelo existente no túnel, vislumbrou uma luz ténue vinda do poço vertical escavado na encosta e apagou a lanterna.

Desembocou num ponto intermédio da escadaria espiral embutida na parede interna do poço iniciático. Olhou para cima. A uns doze metros, via-se parte da parede do poço iluminada pela lua cheia, enquadrando o círculo de azul profundo do céu. Para baixo, escuridão. Ouviu passos que desciam da parte superior. Estava na hora. Desceu, com cuidado, os sessenta degraus que o separavam do fundo. Aí, o diâmetro do círculo de chão marmóreo não ultrapassava os três metros. Na sombra, percebeu cinco vultos silenciosos, de que só se percebia o símbolo vermelho no peito, dispostos em semicírculo junto à parede. Ocupou o seu lugar e aguardou.

Pouco depois, chegou o irmão de quem ouvira os passos e outro companheiro que surgiu da sua direita, da galeria que dava para o lago. Em breve, os seus olhos estavam adaptados à escuridão e pôde perceber uma banquetada almofadada e uma grande cruz em aspa encostada e fixada quase verticalmente à parede curva. Ali, ocorreria o ritual que – acreditava-se – desencadearia o mistério da ajuda divina para os que a invocavam. Ele tinha algumas dúvidas, algumas reticências íntimas, mas não podia dar-se à ousadia de as deixar emergir demasiado. Não tinha bem a certeza de quem controlava o quê. Havia demasiados mistérios na vida, apesar dos muitos mecanismos de domínio e manipulação que já conhecia.

No alto do poço, surgiu um halo de luz que se deslocava ao longo da escadaria, fazendo as sombras das colunas desta viajar na parede oposta. Era o cordeiro do sacrifício que chegava. Reparou que todos os irmãos olhavam na direção da luz e percebeu uma certa ansiedade. Um irmão, quase à sua frente, começou a cantar, muito baixo e grave, quase em surdina, o *Agnus Dei*. Galhardo não teve dúvidas de que se tratava de monsenhor Benedito, o responsável pelas aplicações financeiras do santuário. Todos responderam, nas partes “aleluia” e “digno é o cordeiro”. Pareceu-lhe reconhecer as vozes do presidente do Banco Central de Negócios e do rival e vizinho, o milionário Ricardo Van Keizer. Quando já se via que a luz provinha de um grande círio empunhado por um irmão, começou a revelar-se a forma alva que o seguia. Era uma jovem de branco, com um manto que lhe cobria o cabelo. Galhardo pensou reconhecer, no irmão guia e ofertante, o passo oscilante do ministro das finanças. Fazia sentido.

Chegados junto da assembleia, este colocou o círio num suporte elevado da parede e conduziu a jovem até à banquetta, na qual ela se ajoelhou, de mãos postas e cabeça baixa. Monsenhor, seguido por todos, foi baixando o volume da entoação do cântico até se fazer silêncio. O ofertante puxou para trás o manto da rapariga, descobrindo-lhe a cabeça e revelando uma longa cabeleira escura. Envolvendo a cabeça, uma faixa púrpura com o logótipo da Caixa Geral de Depósitos bordado ao nível da testa. Olhando, através das aberturas do seu capuz, para todos os companheiros encobertos, o ofertante anunciou:

– Corpo do meu corpo, sangue do meu sangue: eis aqui a escrava do Senhor!

– Avé, Maria, cheia de graça! – saudou monsenhor, postado à frente da donzela. – Glorioso será o fruto do teu ventre, que gerarás para nós, para a glória de Deus.

– Faça-se em mim, segundo o vosso desejo! – acedeu a inocente.

Monsenhor colocou, então, a mão direita sob o queixo da jo-

vem, introduziu a ponta do polegar na boca dela e anunciou baixinho:

– O Senhor entrará a ti e tu produzirás os frutos da tua fertilidade e saciaremos a sede no teu úbere.

O ofertante ajudou a jovem a levantar-se, conduziu-a com doçura e encostou-a à cruz em forma de X. Fez descer a faixa púrpura, de modo a cobrir-lhe os olhos e olhou, de novo, para todos os circunstantes. Num gesto suave, puxou um laço que prendia a longa túnica na zona do pescoço, soltando-a. Esta caiu ao chão, revelando o corpo nu da rapariga. Era uma mulher jovem; “da idade da minha filha” – calculou Galhardo. Os seios eram fartos e estava rapada na zona púbica. Cada um dos dois irmãos que ladeavam a cruz pegou num braço da jovem, amarrou-lhe o pulso com uma fita também púrpura e ergueu-o até ao respetivo braço superior da cruz. Os seios da jovem subiram um pouco e afastaram-se um do outro. Com meia dúzia de pancadas que ecoaram pelo espaço cilíndrico do poço, os dois confrades pregaram as pontas da fita ao madeiro. A seguir, fizeram o mesmo às pernas: afastando-as, prendendo os tornozelos com fitas e pregando estas aos braços inferiores da cruz.

A jovem mulher mostrava-se dócil e submissa. Ofereceu, em voz suave:

– Tomai e comei; este é o meu corpo!

Monsenhor aproximou-se de punhal em riste. Parou junto ao cordeiro da imolação, contemplando o seu corpo indefeso. Ergueu o punhal apontando-o ao pescoço, enquanto a mão esquerda segurava o queixo virado para fora, e susteve-se. Galhardo pensou reconhecer a mesma posição em que já vira representado Abraão sacrificando o seu filho Isaac, no momento em que um anjo interveio e evitou o sacrifício. Parecia que monsenhor estava a dar tempo ao anjo para intervir. A jovem inclinou mais a cabeça para a sua direita, oferecendo o pescoço branco.

Galhardo conhecia a jovem, das suas ligações mecénicas à arte. Era artista de *performance* e já trabalhara várias vezes para a Ação. Ela e o marido cobravam uns poucos milhares de euros por

uma sessão destas, sigilo incluído. Monsenhor encostou o punhal ao pescoço da jovem. Sob a lâmina surgiu um fio de sangue. Monsenhor fê-la deslizar em torno do pescoço nu, pressionando o botão que expulsava do recipiente do cabo sangue de galinha. Grossos veios vermelhos escorreram do pretense golpe no pescoço unindo-o ao baixo-ventre e escorrendo pela face interior da perna direita, qual gargantilha de múltiplos pendentos longos e sangrentos. O sacrifício estava consumado. A jovem, em voz baixa, voltou a sussurrar:

– Este é o meu sangue. Tomai e bebei!

Seguiu-se a fecundação ritual, por cada um dos oito comensais. Monsenhor aproximou-se, abriu o albornoz, agarrou os pulsos do cordeiro e encostou o corpo nu ao da vítima. Fez um movimento para a frente com a pélvis, exclamando:

– Abundante seja o fruto do teu ventre!

Galhardo foi o penúltimo. Sentiu a tensão suave do peito da jovem a ceder ao peso do seu, sentiu os sexos encostados, viu à frente dos seus olhos o símbolo de três letras do corpo financeiro desejado. Um início de ereção manifestou-se. Fez o movimento ritual.

– Abundante seja o fruto do teu ventre! – completou monsenhor.

Pouco depois, descia a figura arcangélica, pela escadaria. Era alto, de cabelos louros ondedados. Envergava um longo manto de brocado em tons de amarelo e vermelho. Na mão direita, um cetro da Ação, no ombro esquerdo, uma pomba de rabo de leque branca. Aproximou-se da mulher; a pomba voou para a cabeça da escolhida. O delegado da Ação soltou o manto, revelando o corpo nu, musculado e ginasticado. Adotou a mesma posição que os irmãos, havia pouco, executando suaves enleios das ancas. Monsenhor começou a cantar “Forte, forte é o Senhor”, acompanhado por todos. Pouco depois, o enviado penetrava o corpo exposto da eleita, manifestando ritmadas e enérgicas contrações dos glúteos. A assembleia em semicírculo, arrebatada, mantinha uma atenção intensa. O ato não durou mais de minuto e meio. O corpo cansado quedou-se em

comunhão física com o corpo do desejo, o rosto tombado no seu ombro. Monsenhor retirou um círio aceso e, ainda cantando, dirigiu-se para o exterior, pela caverna do lago, seguido pelos outros irmãos, em fila cerimonial.

No dia seguinte, Galhardo tomava o pequeno-almoço no alpendre quando recebeu uma chamada do seu amigo Corvelo:

– *O Governo anunciou agora que vai privatizar vinte e cinco por cento da Caixa ao preço de oito e meio cada ação. Parabéns! Sempre vais conseguir levar a tua avante!*

– Hurra! – rejubilou Galhardo. – Não vejo a hora de pôr as mãos naquele banco! Agora só dependo de ti para conseguir o empréstimo.

– *Fica descansado; já comecei a tratar de tudo. Penso que para a semana já tenho notícias para ti. Boas, com certeza!*

– Ótimo! Outra coisa, já falaste com a tua mulher por causa do almoço de domingo?

– *Sim, sim! Ficou muito agradada com o convite. No domingo, lá estaremos para o almoço, com todo o gosto. Cumprimentos à Matilde.*

O almoço constituiu um ensejo de maior aproximação dos amigos e também das suas esposas. Tantos interesses comuns elas encontraram que combinaram um salto de uma semana a Nova Iorque, para ver umas peças na Broadway, e para compras, claro.

Conforme tinha prometido, Corvelo tinha um empréstimo de setecentos milhões aprovado pela direção do Banco em menos de uma semana. A assinatura do contrato fez-se na sexta-feira, de manhã, na sede do banco de Corvelo, desculpando-se este com a insuficiência da garantia para a taxa de juro ser um ponto mais alta que o esperado pelo amigo. Galhardo compreendeu e aceitou, admitindo para si que até daria mais, desde que isso lhe permitisse aceder a uma fatia da Caixa. Em privado, revelou a Corvelo:

– Quero agradecer-te por este empréstimo e pelo esforço que fizeste para o conseguir. Para te mostrar quanto estou reconhecido, quero convidar-te para uma sessão especial de que vais gostar, tenho a certeza. Eu depois confirmo as datas. Não marques nada para

aqueles dias em que a Matilde e a Zizi estiverem para fora!

Na tarde do dia seguinte, um dia quente de princípio de primavera, Galhardo ligou para a rapariga da *performance* no poço iniciático:

– Como está, menina Paula? Não me conhece, ou antes, nunca nos falámos, mas eu sei que faz *performances* especiais, para grupos muito selecionados. Foi uma pessoa altamente colocada que me deu o seu número. Estou a ligar-lhe, exatamente, para saber se está disponível para uma *performance* temática, desde sábado a oito dias, numa quinta em Sintra.

A primavera passou lenta e majestosa pela quinta de Galhardo e por toda a serra de Sintra. Impercetivelmente, os mantos amarelos das acácias deram lugar a matizados de castanho e verde profundo e as brisas de odores adocicados trazem agora cheiros sensuais de feno e madeira.

Correu bem a escapada a Nova Iorque de Matilde e da nova amiga. Voltaram radiantes e dispostas a outras aventuras por outras capitais de compras. Correu bem a escapadela de Galhardo e do amigo na recriação do episódio bíblico de *Susana e os Velhos*. Ficaram com vontade de aprofundar o estudo da Bíblia e selecionar outros episódios inspiradores.

Correu bem a privatização parcial da Caixa. O Estado encaixou quase seis mil milhões, o que permitia ao Governo aliviar por algum tempo o garrote inexorável da dívida. Correu bem a Galhardo a aquisição de ações da Caixa, apesar do receio de que os investidores estrangeiros, nomeadamente os fundos de pensões americanos, entrassem em força na operação, mas o Governo reservou dois terços do alienado para os investidores nacionais. Galhardo, sozinho, subscreveu e obteve os setenta milhões de ações que pretendia, pelos quais pagou seiscentos milhões. Nos primeiros quinze dias, o preço por ação manteve-se a subir, confirmando os palpites otimistas de Galhardo que aproveitou para acumular, aplicando os restantes cem milhões do empréstimo que ainda não tinha usado.

A partir daí, não correu tão bem a investida acionista de Gal-

hardo. Devido a investimentos ruinosos do banco que suportava o seu rival Van Keizer, tornou-se claro, ao longo da primavera, que esse banco corria o risco de falência. Dizia-se que os administradores eram apenas homens de mão de Van Keizer para esvaziar o banco, desapossando liminarmente os depositantes. Acontece que alguns dos maiores depositantes eram organismos do Estado, atraídos por juros muito tentadores e pelo prestígio de sucesso de Van Keizer. Assim sendo, o Estado, na posição desconfortável de perder milhares de milhões se o banco falisse, resolveu nacionalizá-lo, assumindo os prejuízos, mas tomando em mãos a gestão do banco para não perder tudo o que lá tinha metido por interpostos organismos. Argumentou com o perigo de uma derrocada geral do sistema financeiro do país, mas Galhardo pensou que o facto de Van Keizer pertencer à Ação também teria pesado na decisão do Governo, embora nada mais pudesse fazer que conjecturar.

As perdas do banco nacionalizado eram bem maiores do que a princípio se pensou e, aos poucos, todo o encaixe que o Estado tinha realizado com a privatização de parte da Caixa foi metido no banco de Van Keizer. Na verdade, as perdas repercutiram-se nos outros bancos, o que fez cair as cotações das ações de todos. As da Caixa não foram exceção, caindo em três meses para menos de seis euros. Dadas as dificuldades gerais e da Caixa em particular, esta decidiu não distribuir os dividendos previstos para esse ano. O que tinha custado a Galhardo setecentos milhões valia agora menos duzentos e cinquenta, sem qualquer retorno. A sua garantia de trezentos milhões, que tinha parecido ser mais que suficiente, levou um rombo, quando também as ações da petrolífera caíram, devido à instalação próxima, no Alentejo, de uma fábrica de produção em massa de carros elétricos.

Desta vez foi Corvelo que convidou Galhardo para almoçar. Ainda antes de chegar o *rosbife à hortelã*, Corvelo encetou o assunto quente:

– A tua posição é insustentável, tens de reconhecer. Acho que desta vez arriscaste de mais. Estou a ser pressionado por toda a

administração e não há outra volta a dar, senão executar a tua garantia, para cobrir as perdas.

– Eu sei que a coisa está feia, mas não achas que a Ação me podia dar uma mão, como deu ao Van Keizer?

– É também por isso que tinha de falar contigo. O *principal* diz que tem de haver sacrificados, alguém que possa ser apontado como culpado. Usou especificamente o termo “cordeiro”. Ele acha que deves ser tu, por jogares um bocado fora do grupo.

“Cordeiro!” Galhardo sentiu-se encurralado. O ímpeto predador de há poucos meses estava agora transformado em docilidade impotente.

No dia seguinte, compareceu à reunião convocada pelo banco de Corvelo. Uma dúzia de olhos severos anunciou-lhe que iam executar a garantia e tomar posse das ações da Caixa, que Galhardo subscrevera, dado que, tudo junto, mal dava para cobrir o empréstimo, sem falar nos juros. Que era só assinar um molho de papéis que lhe puseram à frente.

A sala de reuniões do nono andar era grande e estava desagradavelmente fria, devido ao ar condicionado. “Lá fora, o ar está morno”, pensou. Vistas de cima, as árvores do parque fronteiro pareciam colchões, fofos e penugentos. Juntou o maço de papéis que os abutres tinham posto à sua frente, bateu-os, alisou-os, avaliou a sua leveza, o seu volume e dividiu-os em dois molhos iguais, um em cada mão. Estava a poucos metros da janela; podia tornar-se um Ícaro dos tempos modernos, se quisesse. Queria? Teria coragem?

O toque de um telemóvel distraiu-o momentaneamente dos seus pensamentos.

Corvelo atendeu, ouviu durante uns segundos e deixou escapar:

– Forte é o Senhor!

Quinze dias depois, na sua quinta de Sintra, Galhardo reconheceu e já recuperado dos momentos tensos que tinha vivido, oferecia ao ministro uma *performance* temática – *O rapto de Perséfone*. A mitologia grega também era interessante.

Verão em Cordisburgo

Márcio Marastoni

O verão de 2011 começara fantasticamente triunfal: quarenta graus em cidades que nunca haviam alcançado os trinta e poucos em décadas e décadas. Era tudo que Fábio desejava.

Longe há bons anos da depressão, encarava agora a luz da estação mais quente do ano como uma benção especial, sinal de vida, de força, presença alegre de Deus.

A viagem para o quase sertão mineiro foi decidida em um ou dois dias, nada de muito elaborado, apenas o agarramento abruptamente feliz da oportunidade de gozar de longas horas de estrada, de esquecer das atividades rotineiras, por mais lugar-comum que isto significasse. Era preciso perder-se para justamente se sentir inteiro, provando para si a capacidade de dirigir sozinho sem destino, inserindo paisagens inéditas em cristalizadas impressões tão vivas sobre o trabalho e mais trabalho.

Representações gráficas multicoloridas e igualmente de contornos ligeiramente fastios entremeavam os pensamentos de Fábio, este há quase três anos sem descanso.

Sua mulher era uma moça de 35 anos, dez anos a menos que ele, possuidora de fortes traços de beleza incomparável. Alta, branca, olhos ferozmente azuis de tão azuis, claros como o amor que os contaminou em janeiro de um ano belo e pretérito.

Pela primeira vez estariam fisicamente distantes. Eleonora embarcara naquele mesmo dia para a Europa, juntamente com o filho do casal: Francisco. Eleonora iria com o filho, ainda adolescente, expor seus quadros em três países, quadros que falavam de seu gosto, as orquídeas. Francisco, menino-prodígio que praticamente era sócio do pai em um escritório da capital paulista, fez questão de acompanhá-la, prometendo auxiliá-la no passeio.

O escritório era o cansaço, o aborrecimento. Quantas e quantas horas ali, sentado, compondo processos, reescrevendo histórias complicadas; quantas laudas mais a argumentar, rebater, e de novo redarguir... Clientes todos com problemas, sempre. Ninguém procura um advogado por estar feliz, satisfeito. E toca consolar credores e devedores, toca segurar um sujeito raivoso pelo pedido de pensão de sua ex-mulher.

Quando o trabalho é interrompido por algum (pretensão) hiato de sossego, segue o telefone a tocar: “– Meu processo já saiu, doutor?”. “– E minha sentença?”.

(...)

Fábio os deixou no aeroporto em uma quinta-feira, quatro da manhã. De malas igualmente prontas, iniciou sua jornada de mil longos e demorados quilômetros na direção de Minas Gerais...

Chorou ao entrar no carro, antecipando ou já padecendo das saudades dos dois.

Olhava no relógio repetidamente, mania de São Paulo. O celular com algumas horas sem receber mensagem alguma. Era de se estranhar?

Entretanto, paisagens por demais peculiares o aguardavam, chance de esvaziar seu imaginário para imediatamente recobri-lo da emoção do viajante, desejoso de sentir ares distintos, luzes diferentes, reflexos a transpassar pelos seus olhos de há muito.

O gosto por dirigir era antigo e verdadeiramente atávico. Herdara de seu avô materno e de seu pai – figuras tão diversas – esta aptidão.

O caminho para Minas fora sempre distinguido por curvas...

Curvas que sobem, repetidamente sobem ainda mais, para, deslumbrando serras contorcidas, descer vagarosamente.

O vidro entreaberto do carro fazia entrar o bafo recém-concluído de um dia anterior muito quente, já querendo, às cinco da manhã, em fingimento, recrudescer. Um tênis novinho no pé para a viagem, uma bermuda velha. Um boné batido pelo tempo para se proteger do vento nos cabelos que começavam ralos e percorriam, ainda com vagar, as laterais da cabeça, desfalecendo-se na sua metade; uma camiseta colorida e igualmente nova... Marcas de conforto e novidade?

O carro com aquele cheiro característico de automóvel comprado semana passada. Um som ao fundo, baixinho, remontava seus tempos adolescentes, *rock* britânico um pouco gótico, um pouco *punk*, originariamente nostálgico.

A estrada perfilava-se como destinada a um canto muito misterioso, algum recanto tão autenticamente brasileiro que estrangeiro lhe pareceria quando chegasse; saudade da liberdade antecipada e nos entremeios percebida.

Repentinamente esquecera de olhar a Lua à direita; ela se fora com os primeiros raios solares: horário de verão amanhecendo por intenso, e os primeiros verdes dos cafezais reluzentes... A placa marcando a divisa: “São Paulo, Minas Gerais, Seja Bem-vindo”.

Alguém ao longe, e outro bem perto, de relance, já retirando o leite de vaca... Um pássaro de asas compridas cruzando baixo o próximo pedaço da estrada curvilínea. O cheiro mudando, as folhas lutando para celebrar o Sol.

Lembrara Fábio de seu medo de tudo, muito marcante em seu passado, inda fustigante pela novidade de agora não existir, ou não exsurgir, reaparecer. Reteve-se em prestar mais atenção no caminho, entreolhando com menos pressa a paisagem, mirando mais fortemente ao longe e entrepassando lateralmente uma ou outra prestimosa impressão. Verdes-musgo raros, verdes-abacate e verdes-bandeira, flutuação esfatiada das belezas cromáticas, todas em despretenso realce. Renascer?

Vistoso verão de mais de vinte graus centígrados já às sete da manhã; Fábio gostava dos trinta e cinco e acima... Haveria o dia de alcançar...

Os cafezais sem fim deram lugar às evidências de maiores aclives, de intensa sinuosidade reveladora, como que desafiando o viajante a não se deter sobre o passado recente e lançar-se na vertigem reveladora, que, ainda em aturdimento, mais adiante haveria de suscitar.

Na primeira parada, o café forte propôs conforto, tempo em que o fazia sentir culpa pelo prazer. Como sentir o café sem Eleonora ou Francisco por perto? Como?

Longa viagem, estradas em aluvião a apagar remorsos, crimes, confusões de amanhecer – a pressa do amanhecer –; a apagar também a posse, a cobiça, a competição de a tudo reter.

Por aquela tarde, Fábio perdurou lento até a noite chegar, uma noite em um resto de hotel qualquer.

Amanhecerá mais quente, com subliminares evaporações mentais? Ou com mais fome?

Com mais fome daquela de fechar os olhos desejosos de pães enqueijados, o viajante tomou o café da manhã em pé, quase com aquela pressa capital... O posto de gasolina do hotel qualquer que, por perto, pequenos zunidos exaltava, de pronto ficou para trás: ainda aquele homem mastigando “o novo queijo de pastel com pedaço de pão”, ou o “pastel com queijo com o cheiro antigo de um queijo de pão amoriscado”.

Muita água de desjejum sobreveio... E sobrevieram estranhamentos do novel perder-se, iniciantes calmarias de inexata lentição.

E foi indo, indo; foi desafiando as pressas, desviando-se dos corredores, permitindo outros carros chegarem primeiro. Encostando, parando, retomando até se desmanchar de tanto ir... Quilômetros adiante, lançou-se à direita da estrada para alcançar outra via; o carro em ponto morto, as rodas quentes, o arrefecer, o esquentar, o resfriar, o calor a interpenetrar o homem.

Ao se secar, notou a barba, ainda rala, naquele dia um pouco mais esbranquiçada, embranquecida.

E o carro foi adentrando com vagar na pequena cidade; Fábio olhava de um lado e de outro. Tudo calmo, leve, cintilante sem ofuscar-lhe as vistas; um tempo em outro tempo.

Olhou o entorno e olhou para dentro do automóvel. Tudo no seu lugar? Chaves de casa, carteira e celular? Que casa?

Ah, sim! Os cadarços desamarrados... E a vida entrementes a soltar-se em Cordisburgo... Cordisbugo?

(...)

Infinitamente menor que todas as outras paragens, cidades e estradas... Menor que o bairro em que morava, menor que o escritório em suas colunas de papéis infinitamente prolongados... Diminuta e feliz, acabada por assim não precisar, pequeninas rosas a entremear. Duas avenidas, cinco pessoas... Escaldante de tão verde o pasto, que, raso, já adentrava em mesma jurisdição: pasto manso pertencente ao cavalo marrom, bem ali.

Cidade lá do alto, de Minas, dos elevados pensamentos, das casas repetidas e alinhadas às calçadas – emadeiramento das janelas a perder o viço e a reafirmar impressões.

O relógio pesado, elegante a marcar as mesmas sete horas da Capela São José, posto ao lado.

Fábio passou a caminhar e o carro foi ficando logicamente para trás. Por vezes parava e parecia rever toda a estrada em passado fresco e bom. Andou mais. Um aceno, outro cumprimento; e as pessoas aleatoriamente a permear, lentamente, um ou outro novo cenário. Poucas pessoas, poucas casas e as duas avenidas recortadas por algumas ruas.

Uma pousada, uma escultura ao longe e o simpático restaurante. “Vai demorar a abrir?”.

Hospedou-se e passou os dias seguintes a percorrer cada comércio, cada uma das mercearias, que, embora esparsas, vendiam de tudo. Demorou um pouco a entender porque o açougue vendia, além de carne, ração para pássaros, rodos e velas. À noite,

na Avenida Padre João, a impaciência pelo sanduíche da banquinha foi passando e, sentado, já sem ansiedade alguma, comeu outro lanche.

(...)

Um outro dia, e as simplicidades foram exsurgindo, renascendo no mesmo lugar de sempre: verão em Cordisburgo nunca visto. Nunca daquilo tudo, para Fábio, visto.

O moço do restaurante já o conhecia no terceiro dia, se possível acreditar. Quando se reproduziu novo dia, o telefone toca cedinho:

“Doutor Fábio? Aqui é a Cris... Desculpa-me ligar para o senhor em suas férias, desculpa-me. O senhor tem lembrança do processo do ‘seu’ Cardoso? Aquele do dano moral pelo atraso das obras do prédio da Vila Augusta?”.

“Oi! Claro, lembro-me sim.”

“O doutor Marcos perdeu o prazo do recurso... Deixa-me ver, do recurso para o Tribunal de Justiça, algo assim.”

“Puxa, que pena. Acontece...”.

“Acontece? Doutor Fábio? É o senhor que está falando?. O doutor Marcos quer saber se o senhor vai demiti-lo...”.

“Acontece, minha filha, acontece”.

“Como assim? O senhor não vai demitir o Marcos?”.

“Quando eu voltar para São Paulo eu aviso o cliente, fique tranquila, fiquem tranquilos. E o teu casamento, Cris, quando será?”.

(...)

Na pousada, amanhecera ainda outro dia, de novo forte, de calor a usurpar a pele, os ossos, e a se apossar das questões mais ao homem inerentes, e as mais complexas também.

O paninho da mesa da cabeceira da cama era da mesma cor que a toalha de onde se avistava, ainda de quem passasse à porta do pequeno hotel, o café da manhã completo: café, pão de queijo e mais café. Um mamão muito bom de tão doce chegara logo depois.

À frente da pousada, dois cavalos não paravam de cochichar como se nem tivessem carga a arrastar, como se não tivessem sede, e se como os cascos não estivessem gastos e marcados, como se

as orelhas sequer coçassem à sombra da árvore que não se sabe o nome.

Ao sair para nova caminhada, reconheceu a Lua ainda vertendo luz: todos sob um mesmo Sol?

Ligaria para Eleonora e Francisco. Quem sabe agora conseguiria... Contaria sobre a falta de pressa das coisas de Minas Gerais, sobre o amar sossegado das pessoas, a trilha daquele trem que nunca passava, o descaso por sobre a afobação alheia.

E a espera toda de antes foi ficando para trás, os ecos de um coração ansiado, das burocracias entrecortadas da falta de tempo até para as saudades se sentir. Foi-se renascendo sob a ciência da calma cordisburguense. É por ali? Alguém ao longe?

E agora, sentindo de tudo um pouco, harmonia das sensações, voltou para casa, sua casa.

(...)

“Eleonora? Você já tirou o pão com queijo do forno, meu amor? O Francisco já acordou? O café eu fiz; cuidado mulher, está quente “de tudo”.”

“Pai, não vamos para o escritório hoje?”

“Só depois, meu filho, só depois...”

O episódio do papel bíblia

Josafá Paulino de Lima

De pronto atendi à solicitação de M e fiz o relato lembrando-me de quase tudo que me havia ocorrido naquele dia fatídico. Dia, que sem dúvida deixou-me marcas muito profundas em quase todos os meus sentidos. Posso até dizer que antes eu era uma pessoa e agora sou outra. Sou outra, aliás, tão diversa que até poderia não me reconhecer se topasse de súbito comigo mesmo. Um monstro diante de um espelho. Digo isso porque a sensação que mais me provocou o sentido da visão foi a do reflexo. A do meu próprio reflexo. Eu, diante de mim mesmo. Estava diante de algo estranho. Desconhecido. Era como se eu fosse caindo do nada para o nada. Sem controle mínimo dos membros e me sentindo largando, desprendendo-me de mim mesmo. Numa viagem veloz eu ia entrando fundamente num espelho cada vez mais profundo, escuro e vazio. Uma conformação das feições de narciso sobre um lago em grandes lascas gélidas, translúcidas e aparentemente inertes. Ao mesmo tempo em que esse nada me entorpecia se desenhavam e se diluíam espelhos ricos em perspectivas e numa velocidade extravagante. Bem extravagante! Eu numa janela de metrô, com os olhos mergulhados no abismo metropolitano, certamente seria a maneira mais próxima para que me reportasse novamente à estranha sensação vivida daquele momento.

Os espelhos, dentro dos quais eu me perdia na velocidade indizível, iam sem estalos ou ruídos, fragmentando-se aos poucos. Uma imagem distante e alienada ao vazio. Uma imagem sedenta e cheia de fome. Coisa apocalíptica! Eram inúmeros e enfileirados espelhos, guardando as brechas mais escuras entre as lascas – pequenos abismos lisos e sem arestas - partes ainda presas entre si, de maneira que eu ainda não havia perdido a idéia do todo. Que todo? Eu ia, como que sendo rapidamente abduzido ou lançado para infundáveis buracos negros permeados de palavras mudas esculpidas em pequenos objetos gelatinosos, transparentes e malemolentes. Tudo de onírico! Não sei como nem onde estava aquela ventosa gigante que me aspirava. Também não sabia se pouco a pouco eu entrava numa seqüência de buracos negros ou se tudo aquilo era o sem fundo de um único e gigante buraco negro. *Abissus abissum invocat.*

Naquele momento, ainda abismado, pedi, tão somente, sua atenção. Lembro também que solicitei sua ajuda para apanhar uma cadeira que se encontrava perto de uma máquina de piano bela e velha, em desuso, que se encontrava escorada na parede perto da porta. Harpa pesada e grave forjada em ferro fundido. A cor laranja que despontava era os destaques do esmalte negro sem brilho fazendo aparecer a ferrugem e sua fé ácida.

Uma cadeira bonita. Seu assento aveludado carmim e bem acolchoado combinava com o espaldar de cuidadosos ornatos conformados a mão. Aquela cadeira já havia chamado a minha atenção. Então, após colocarmos a cadeira no lugar bem próximo aos misteriosos e inspiradores papéis, afundei no assento vermelho carmim macio, e ele, sentou mesmo no chão, quase sobre cinzas meio antigas de papel e eu, sem desejar a partir dali nenhum incômodo mais, comecei o meu relato num fôlego quase epifânico.

Não sei se pelo sentimento que o buraco negro havia deixado em mim, mas achei por longo tempo que o lugar onde estávamos apesar de ser em meio ao nada e onde se desenhava apenas uma paisagem distante, era também uma imagem sem comoção e sem

surpresa, mas, severamente impactante. O tempo todo impactante. Um espírito sensível, quase atormentado diante de um Van Gogh e sua veemência! Eu me sentia um sujeito conformado e às vezes confortado entre seguras paredes de atmosfera morna. Isso era para mim um segundo corpo. Ou seria um primeiro? Nunca havia sentido tal coisa antes. Embora tenha experimentado algo dessa ordem quando lia numa noite tempestuosa, cheia de raios inesperados clareando um céu negro, um fragmento da Paixão Segundo GH de Clarice, que ao léu me abduziu, a mim e a F. e me transportou a deserção.

Cheguei lentamente ao campo enevoado e com aspecto de limbo. Enevado e suspenso aos sentidos. Armazém de inutilidades espirituais. Campo sem dono. Vi que um cavalo que ali se apresentava quase voando, sem encostar suas patas no chão de pedras e lavas escuras, meio esverdeadas. Um lodo que dava um tom de leveza às pedras.

Ao me ver, o cavalo com as unhas em sangue e a crina em fogo vivo flamejante, num levante silencioso e espetacular, traça um risco de chama laranja no horizonte. Como um corisco ou um cometa! Uma espada poderosa e gigante cortando com fulgurante luz uma fatia do horizonte. No seu rastro, num céu suspenso e pesado, uma nuvem de minúsculos gafanhotos em latão carcomido e centauros em cobre antigo, comidos de azinhavre, era a evidência da procissão dos mistérios, dos insetos e dos mitos arredios. Monstros medievais no buril do mestre Grassmman. Em minha cabeça inquieta, deitei um sem-número de nuvens para dentro e fui formando no céu ao meu modo visagens e esculturas etéreas a semitons oníricos. Estava tranquilo com tudo aquilo. Apenas eu sabia que era um Chagall cheio de luz que vinha despencando do céu. Não era acidente. Era criação! Chaves para deter anjos de Paul Klee que andam para trás em ruínas de fábricas, cálculos, guerras e cédulas com esfinges em marca d'água embebidas de enxofre. Diabo! Muitas facetas do sem-número de diabos que dão as cartas neste mundo com tanto conhecimento, pouca sabedoria e muita miséria.

Ali, ao alcance dos olhos, folhas avulsas estavam lançadas. Eram poucas. Duas ou três páginas. Bem amarrotadas. Meio úmidas. Quase frágeis. Papéis- bíblia amarelados pelo tempo e ainda tingidos de um barro com partes meio ocre, partes meio vermelhas. Manchas, de verve ‘tachista’ que comovem. O que lhes davam força de símbolo. Um cristal branco, fragmento de quartzo certamente, que se fixou à margem direita do papel fazia a diferença, mas também era a força de ordem ao incipiente silvo quase gelado que roçava nossas pernas. A pequena pedra sustentava a folha para baixo e ainda passava uma impressão metafísica. Em minha cabeça, não sei que trama inspiradora puxava seus fios, rapidamente – como uma nuvem de gelo seco tomando um palco - me veio uma imagem clara e severa de Goethe. Seu quarto, sua cama apertada. Nenhum quadro na parede. Sua casa espaçosa em Frankfurt. Aquele vento leve que balançava as folhas e papel, no afã de suspendê-las do chão, e que nunca se repetia em sua forma, porque quase sempre era leve como uma pluma de oveiro. Com a pequena lufada a folha subia, sem a lufada a folha descia muito suavemente. As pequenas lufadas levantavam as quinas das páginas construindo pequenos e provisórios triângulos que em sua imagem imediata se desfazia ao passar de cada lufada. Porém, aquela imagem que parecia apressadamente objetiva, na cabeça de Ernesto, como observador sagaz, a coisa não se dava de maneira tão simples, pois aqueles triângulos e suas imagens não desapareciam facilmente. Iam formando um emaranhado de símbolos e de certas matemáticas criadoras em sua cabeça quantas vezes perdida na bibliofilia. Um Borges rendido a curvas das imagens e as fissuras das palavras. Labirintos criadores. Matemática, literatura e pintura em sua cabeça tinham a dimensão e o limite do vício. Nesses momentos, a cabeça se abria da mesma maneira dada pelas fendas, dadas a buracos-negros nos espelhos em seus outros lados. Por trás, talvez! Como num abismo, instigava mais tomar do espelho o seu outro lado: cego. Esmalte cinza-escuro! Via no reflexo um mar de obviedades. Infinito e cansativo.

Num relance, podia ver que as folhas, quase emoldurando como

tragédia aquela conversa, estavam desconexas, sem seqüência. Aleatórias. Mas uma delas, a mais a vista, num fragmento só, parecia dar conta de um conjunto de poemas de um poeta que depois que o havia conhecido, jamais havia deixado de lhe impressionar: um tal de J de L. Olhava e lia o poema de onde eu estava e sentia que era tomado por um mundo cheio de letras, palavras voando e vozes, sem caos, recitando um sem-número deles. Era algo impressionante aos meus sentidos!

Muitos dos poemas, muitas das vezes, estranhamente, dizia ele, pensava que saíam da sua pena quando das missivas endereçadas a Emile nos períodos mais difíceis. As folhas, e algumas delas estão bem aí - vejo-as e as tenho quase ao alcance das mãos - não se movimentam apenas pelo vento discreto que ali faz sua rota, mas também pelos arranjos de um sopro ou bafejo morno que faz ali um pequeno vértice rotor. Movimentam-se porque pulsam e estão vivas como a alma de Jorge na mente dele, e, ao que parece, muito mais em minha mente.

Sem angústia, visivelmente dado a reflexão, paralisado e olhando para a página amarelada do livro perdido de J de L, indagou para si mesmo: se o marrom sutil, se a terra-siena, podem nos reportar à sensação de tempo corrido, que cor poderia representar a sensação de desaparecimento, de morte? Penso com Wittgenstein? Penso com Goethe?

Uma voz:

Era um cavalo todo feito em chamas
Alastrado de insânias esbraseadas;
Pelas tardes sem tempo ele surgia
E lia a mesma página que eu lia.

Qual girafa daliniana desenhada no horizonte, flamulando pequenas labaredas e um vazio no seu pensar, tatuando-lhe pequenas manchas negras silvestres sobre o corpo. Os joelhos impávidos e o animal frente a frente ao oásis, ruminando a crueza da sede presa

na garganta. O desejo abissal com os ruídos do centro da terra. Suas vísceras um cem mil de palavras, era babel. Era babel helicoidal na construção de mil signos. Frente ao oásis e ao redor sem comida, alimentava-se a girafa de pasta de papel grafado? De que povo havia ingerido o idioma? Uma girafa de René nos tatuando no céu? Tirando fatias e descobrindo que mistérios? Fazendo um *stencil* num céu absolutamente sem nuvens? Um cachimbo em formato de bota sobre um passaporte? Uma girafa num túnel, no interior de uma palavra escura e sem dígito que se aponta a si mesma num divã suspenso, vagando na Babilônia entre o Tigre e o Eufrates?

Outra voz:

“Depois lambia os signos e assoprava
A luz intermitente, destronada,
Então a escuridão cobria o rei
Nabucodonosor que eu ressonhei”.

Não digo com certeza que houve algo assim como uma abdução, contudo cada vez que se dava essa lambida - que eu diria metafísica - experimentava a sensação de que eu estava vagando no espaço sidérico. Podia também ver-me de cima. Eu, lá em cima, via-me cá embaixo e isso me impunha conflitos. Os mais abstrusos. Questões ontológicas as mais incomuns.

Vozes de dois entes:

“Bem se sabia: a noite que ele não sabia
A lembrança do sonho subsistido
E transformado em musas sublevadas.

Bem se sabia: a noite que o cobria
Era a insânia do rei já transformado
No cavalo de fogo que o seguia”.

Fechava os olhos e do escuro corriam rios com milhares e mi-

lhares de Borges abarrotando leito e margens. Desciam lentamente como águas próprias de rios. Nas gravatas borboletas pequenas orações eram a reverência cega a Homero que o próprio Borges cuidou de extrair cuidadosamente de uma das bibliotecas onde prestou seus serviços. De Camões, elegantes gravatas negras traziam em manuscrito branco, fragmentos dos sonetos mais imagéticos. As imagens mais tateadas por este espírito grandioso.

Era assim que D não conseguia conformar as imagens ou as coisas informes que mexiam e se mexiam como vermes em sua cabeça, quase se dando ao risco do tormento. Tormento pelo excesso. Tormento pela indefinição.

Na mesma página em papel bíblia via-se em algarismo romano III e o poema que segue:

“Qual um fagote inúmero a ave aquática
Com uma ostreira de teclas submarinas,
Os sons encachoeirados estrugindo
Pelos goles das águas empoladas

Conclamando os delfins de rosto humano,
Cabeleiras de polvos e de fúrias,
Com um severo clangor, uma lamúria,
Um apelo profundo, tão insano

Desse mar que nos mapas não se vê,
Abrasado de raios e ardentias,
Devorado por duendes que eram seus”,

E a garganta que lia o poema em tom grave, rouco e baixo, de todo desapareceu e foi tomada a cena por uma voz distante e presente:

“E voz tão rubra de cains oriunda;
Que as águas se enrugavam e a ave ia

la perder-se nos confins do mundo”.

E novamente vinha a voz suave e quase rouca como uma prece, retomando a conformação do animal a partir das cascas dos cascos ali inertes sobre a grama levemente esbranquiçada pela neve e sobre eles a névoa soprando e as lufadas em ritmo lento tonalizando a tudo como um sonho de horas. Escurecia a tudo como a nuvem espessa rouba a luz da lua e chama os lobos. Uma quase morte. Compassada e grave, desenhava, à voz, o estranho animal, a partir do texto de Jorge. Quem terá colocado aquele texto ali?

“Era um cavalo todo feito em lavas
Recoberto de brasas e de espinhos.
Pelas tardes amenas ele vinha
E lia o mesmo livro que eu folheava.

Depois lambia a página, e apagava
A memória dos versos mais doridos;
Então a escuridão cobria o livro,
E o cavalo de fogo se encantava.

Bem se sabia que ele ainda ardia
Na salsugem do livro subsistido
E transformado em vagas sublevadas

Bem se sabia: o livro que ele lia
Era a loucura do homem agoniado
Em que o íncubo cavalo se nutria”.

Uma voz grave, baixa e suave, provocando arrepios em nós dois, desenhava a nomes próprios a mais bela constelação:

.... Borges, Jorge de Lima, Cortázar, Sábato....

Passarinhos

Ana Paula Glannini Rydlewski

Ressuscitava passarinhos!

Era o que se dizia daquela menina ruiva com olhos de peixe morto. Ressuscitava pardais, andorinhas, sabiás, pombas e periquitos. Só não sabia ressuscitar quero-queros – tinha medo, diziam, da ruidosa ave que voava em sua direção aos gritos.

Ressuscitava pássaros a ruiva menina de olhos tristes. Olhava o pobre desencarnado por uns minutos, colocava o fino dedo em seu peito, soprava-lhe a nuca e pronto. O defunto voava pelos ares sem olhar para trás ou agradecer.

No começo pensaram ser uma farsa, o abençoado dom de tão singular criança. Mas ressuscitamento após ressuscitamento o povo da cidade foi aos poucos se acostumando e aos poucos, também, foram surgindo gaiolas de coleiros e papagaios empoleirados para serem abençoados na praça onde a pequena brincava.

Laura, porém, nada dizia. Apenas levantava de leve os olhos e seguia construindo seu castelo de areia com baldinho. A mãe, sem graça acudia. – A menina não era padre para benzer! – Se nem padre benze bicho... Benze! Mas só no dia de São Francisco.

Quando o bichinho vinha morto... Cabecinha pendendo para o lado, o dono geralmente às lágrimas. Aí sim, a menina parava, dava duas batidinhas em seu castelo com a pazinha amarela, erguia os olhinhos lânguidos e não se furtava a realizar seu ritual particular.

Dedinho no peito, o sopro na nuca do finado e nada mais precisava ser dito. O serviço estava feito! A (in)feliz ave abria os olhos e voava, se debatendo nas grades de sua gaiola.

E assim seguia a vida de Laura, entre castelos, pássaros e restaurações. Restaurações.

Era assim que dizia o pároco da cidade. – Visto que a menina não fazia a ave renascer, mas sim, e antes disso, ela a reanima! – Só o menino Jesus é capaz de dar a vida, você entende isso, Laura?

E Laura assentia calada e já de volta à brincadeira, sem dar muita atenção ao homem de batina que, também, – em segredo –, trouxera um colibri para que a menina repousasse o dedinho restaurando-lhe a vida miraculosamente.

Milagre não!

– Só o menino Jesus faz milagres! Laura repetia a lição, afim de se livrar logo do sermão.

E assim os dias passavam... Mesmo naquele lugar, onde o tempo parecia se esquecido de assim o fazer. Os anos teimavam em correr leves como as andorinhas que iam e vinham, ensinando a menina a contar. Um passarinho, mais dois passarinhos, são cem passarinhos... São mil.

Lá por volta do milésimo centésimo septuagésimo quarto pássaro... Sim, o currículo da menina, agora uma moça de cabelos já não mais tão ruivos, era vasto! ... Surgiu na praça, onde agora construía seus castelos, já não de areia, mas de sonhos, lendo poesia em surrados livros que emprestava da pequena biblioteca da cidade; um finado infeliz, envenenado por algum vizinho maldoso: Um pequeno gato angorá.

Gato?!

– Ora, mas gatos comem passarinhos! – A mãe ainda acudia a moça. Nunca havia ressuscitado um gato, a ruiva menina com olhos de peixe morto. Nunca havia, pensando bem, revivido algo que não voasse, ou tivesse bico... Ou penas.

E por que não? Sim, não, porque não?! Posto que tudo que é vivo morre... A moça estava realmente influenciada pelos livros que

devorava nas tarde lentas da praça que, aos poucos, já havia dado como algo trivial o tal dom da tal menina que fazia aves voltarem a trinar.

Foi aí que ela, esticando, não um só dedo, mas dois, pelo óbvio motivo de ser o coração de um gato bem maior que o de um pássaro; sem titubear, tocou o peito do bichano uma vez.

Silêncio.

Nada houve.

O pobre animal continuava inerte em sua urna mortuária. A única que, sendo gato, lhe cabia. Uma caixa de sapatos masculinos de couro legítimo.

A multidão que já começava a se acumular para ver a novidade, fazia apostas. – Certamente, gatos não eram o forte da moça... – Laura, então, tocou o gato pela segunda, terceira, quarta vez. Nada. Gatos eram complicados. Uma forma de vida muito complexa. Mamíferos! Aprendera ela, ainda pequena, no único grupo escolar da cidade. Não... – Talvez o dom de ressuscitar pássaros realmente fosse apenas uma farsa. Uma mágica boba de uma criança cheia de esquisitices.

Sem se dar por vencida, a moça tentou pela quinta, a sexta. A sétima vez!

E foi nesse instante único e aterrador, que o felino arregalou os grandes olhos. As pupilas dilatadas sondavam os assombrados rostos que o fitavam. E foi diante de uma multidão, tão vasta quanto pode ser a multidão de tão pequena cidade, que o gato soltou um lancinante miado. O pelo do dorso arrepiado. Esticou o corpo em singular convulsão e as unhas expostas grudaram na primeira coisa que o tato encontrou. O rosto da menina. E em um único salto, sumiu entre os canteiros de Marias Sem Vergonha.

O Sangue jorrou.

Ninguém se deu conta do instante em que Laura, desfalecida, caiu. Na bochecha o corte. Marca de cicatriz que a acompanharia por todo o resto da vida.

A plateia que disputava a tapas o dinheiro das apostas também

não percebeu o momento em que a moça se levantou confusa. Algo mudara nela. Não tanto pela repentina mecha de brancos cachos que surgiu em sua frente sem explicação, mas antes e, sobretudo, por um tipo de mudança misteriosa que não se conseguia sondar por trás daqueles olhos de peixe.

Mortos!

Assim como mortos eram os gatos e cachorros, que começaram a surgir na praça, trazidos pelas mãos de seus apegados donos. Laura baixava o livro, estudava a pobre criatura e, sem pensar duas vezes dava-lhes, a todos, um pouco de si.

Cachorros eram seus preferidos. Sempre a faziam sorrir. Assim como todos que ressuscitara, levavam sempre um pouco de seu precioso tempo, mas em seu lugar deixavam uma generosa lambida no rosto ou nas mãos. Não eram como os gatos, que, invariavelmente trágicos, presenteavam-na, sem exceção, com as profundas marcas de sua nova presença na terra.

Ressuscitava animais!

Era o que se dizia agora da jovem de cabelos cor de prata e uma grande cicatriz no rosto cuja fama já chegara à cidade vizinha.

E os dias passavam lentos. Tanto quanto os lânguidos gatos que ela aprendeu a admirar, observando-nos nas mornas tardes sob o branco sol de outono.

Veza ou outra surgia uma novidade. Cachorros de outros portes, gatos de novas raças... Fora isso...

O nada.

Laura suspirava, abraçada ao livro que acabara de ter fim. Algo lhe faltava. Algo parecia se esvaziar de si... Mal suspeitava ela, porém, que não eram somente os cães a lhe vigiar, aquele estranho formigamento na nuca, que por vezes a forçava a se voltar e...

Nada.

De longe e já há algum tempo, um moço com olhos de lince e boca de predador, encostado a um poste de luz, em segredo a observava.

Ressuscitar cachorro é fácil... Quero ver é reviver vaca leiteira!

Rosnou o afoito rapaz, do nada... Sem aviso algum. Falou meio assim como quem nada quer... Era final de tarde e a luz do sol morrendo aos poucos, tingia os cabelos da jovem, de um vermelho que se assemelhava ao rubro frescor de seus dias de juventude.

Não que fosse velha. Longe disso. Os brancos cabelos chegaram cedo demais para uma menina que ainda esperava ansiosa pela maioridade. De certo modo, porém, se sentia cansada... Os dias de ressuscitamento na praça haviam roubado algo de si. Algo que não conseguia definir. Algo que só encontrava nos livros. – Algo de minha *anima*. – Pensava ela, influenciada pela filosofia que agora devorava em livretos que comprava pelo correio. A deserta biblioteca da pacata cidade, há tempos se tornara pequena demais para ela.

Ressuscitar uma vaca... A debochada voz de barítono desafiou a moça, agora já sem a mãe ao lado para acudir.

Quem sabe por piedade à pobre vaca, sempre pronta a servir. Talvez pelo desafiador tom na voz daquele jovem que, por algum motivo, a fez corar, quiçá para quebrar um pouco a monotonia das longas tardes de sua vida... O fato é que Laura aceitou o desafio, impelida por uma inquietante e nova sensação. Algo que nunca experimentara antes...

– Não vejo vaca alguma por aqui.

Sua voz soou surpreendentemente resoluto. E talvez por isso mesmo, mordeu o próprio lábio, com desconcertante força.

Os amigos do rapaz surgiram como urubus diante da carniça. Do nada! E já arriscavam palpites sobre o resultado da peleja.

– Vaca não! Já um jumento...

Os amigos riam. Matheus rodeou a moça, e, cuspidando no chão meio de lado, colocou um ponto final na questão. Não fosse por isso. Agora mesmo, no cair da noite, os bestas dos amigos trariam a leiteira até sua majestade.

Sua majestade! Foi assim que ele a chamou. E como se não bastasse, limpou o filete de sangue nos lábios da jovem com o dedo e o levou à boca.

Já era tarde quando o animal chegou à praça, na sacolejante caminhonete do patrão de um dos rapazes.

O baque seco do animal no chão pegou Laura de surpresa. Nunca havia ressuscitado uma vaca. E para falar a verdade, nunca havia visto uma assim, tão de perto. De certo modo, porém, estava certa de que nada poderia sair errado. Pois se a pobre tinha um coração, este não poderia ser muito diferente daqueles que já conhecia tão bem em cães e gatos.

Talvez pela visão daquele enorme animal estirado ali, no chão da praça, diante de si. Quem sabe devido à multidão que agora se acotovelava ansiosa por mais um bizarro espetáculo de bicho retornando do além túmulo. Quiçá devido à irritante sensação, que a proximidade do ousado rapaz com olhos de lince lhe provoca... O fato é que por um segundo, ou mais, Laura sentiu que o mundo girava e o chão se abria em um imenso abismo sob seus pés.

E caiu...

Caiu de joelhos ao lado da vaca.

De olhos fechados e suando frio, a jovem sentiu que o abismo era incontáveis vezes maior que seu universo. Ouviu os fogos de artifício que, para surpresa sua, não estouravam dentro da própria cabeça, mas sim no céu de sua pacata cidade. Foi nesse instante único que seus olhos sustentaram os de Matheus. E foi nesse momento, igualmente único, que Matheus, por um segundo ou mais, também morreu um pouco dentro daquele olhar de peixe morto, daquela estranha moça que há tanto observava de longe.

Mais tarde ela soube que foi ele, moço com mãos de predador, quem trouxera os fogos de artifício. Queria dar mais dramaticidade à cena que se seguiu...

Laura, segurando o olhar do rapaz, mergulhada na profundidade obscura daquelas negras pupilas, estendeu a mão aberta sobre o peito da vaca e... Sem desviar os olhos por um instante sequer fez o dócil animal espirar o ar há horas extinto de seus pulmões.

A vaca se levantou confusa, incrédula, quem sabe, por estar de volta ao mundo de rudes homens, insaciáveis em sua ganância e já

recolhendo o dinheiro das apostas com gritinhos finos.

Os fogos de artifício cessaram. E na praça não se viram aplausos ou agradecimentos. Ninguém pareceu se lembrar da moça trêmula que, beijada pelo rapaz, permanecera encarando o abismo, mesmo após o mesmo ser arrastado pelos ruidosos amigos para dentro da caminhonete.

Parece abestado...

Os amigos riam cantando o pneu do veículo.

Na próxima, vai ser cavalo!

Mas Laura não escutara. Pela primeira vez em toda sua vida se sentia incendiar. Parada ali, em meio à praça, não pareceu se dar conta da chuva fina que aos poucos se tornou tempestade. Também percebeu que a mãe, alta madrugada, levou-a para casa enrolada em cobertor.

38 graus, a temperatura média do corpo de um cavalo. 39 graus, a temperatura das águas termais no estado de Goiás. 40 graus, a sensação térmica na cidade do Rio de Janeiro. 41 graus, o ponto de fusão de um fenol. 42 graus, a temperatura crítica de febre em um ser humano. 43 graus, a temperatura que leva um corpo a convulsões. 44 graus, a temperatura das febres extraordinárias de São Pietrelcino. 45 graus, a medida etílica dos destilados. 46 graus, a temperatura da jovem no momento em que seu coração parou.

...

Laura abriu os olhos.

Seu corpo flutuava estranhamente colado ao teto do hospital. Ou seria o contrário? Do alto ela se viu nua, sobre a maca de UTI. Pouco mais à frente centenas de animais a saudavam como em uma recorrente imagem de contos de fada.

...

Explosão!

Os fogos de artifício estouraram dentro de seu peito.

...

Desfibrilador a 200 jaules...

E Laura voltou a si.

Voltou proibida terminantemente de realizar novos ressuscitamentos. A mãe não queria perder a filha por conta de um animal qualquer. – Cada um com a sua cruz... Todos têm a sua hora e Deus deve muito bem saber do momento de levar um bicho para o paraíso. – Dessa forma, a mãe selou a proibição. Estava acabado e ninguém a demoveria da decisão. Nem que para isso precisasse amarrar a filha em casa.

Silêncio.

O banco da praça já repleta de monotonia, vazio, completava o quadro da total desolação que se abateu sobre a agora também ressuscitada moça.

Amarrada aos pés de sua antiga escrivaninha, a jovem, cercada de livros que já não lhe interessavam mais, olhava através da vidraça cerrada, na esperança de encontrar ali o alento de algum coração restaurado.

Ressuscitava até vacas!

Era o que se dizia agora da jovem mulher de cabelos brancos, que com seus olhos de peixe morto, encarava o banco vazio através da vidraça trancada, com a sede de quem procura algo.

Pombas, gatos, pardais... Todos haviam desaparecido. Andorinhas, cães, periquitos... Os ruidosos apostadores da praça. Todos pareciam haver deixado aquela história para trás.

Exceto um.

Mateus surgiu frente à janela de Laura fazendo-na voltar à vida.

Não que estivesse morta, longe disso. Mas o ressuscitamento da vaca e o retorno do mundo dos mortos haviam enclausurado algo dentro de si.

Algo que ela não sabia explicar o que era. Algo há tempos represso e que parecia agora se revelar na forma daquele singular rapaz com voz de barítono e olhos de lince.

E desta vez foram ambos a penetrar no abismo. Convenientemente separados por uma vidraça, os dois ficaram assim, mergulhados um nos olhos do outro por horas, dias, meses, anos... Quem

saberia precisar o tempo em uma cidade da qual até mesmo o tempo se esquecera de lembrar. Se olhavam mútua e profundamente, com a curiosidade de quem busca conhecer a si mesmo. Um mundo de preconceitos e estranhezas os separava. Um mundo de preconceitos e estranhezas de igual modo, os unia. Nada parecia ter força suficiente para quebrar aquele instante atemporal...

Nada!

Exceto um cavalo.

A pedra atingiu o vidro que rachou o momento ao meio. Os ruidosos amigos de Matheus chegavam à praça como moscas em torno da carne podre. Apostavam alto! Traziam consigo um cavalo que ameaçavam abater caso Laura não fosse liberta de sua redoma.

Blefavam!

A moça só viu a arma no momento exato em que sua mãe relutante e histérica abriu o cadeado. Instante mesmo em que a bala, endereçada Matheus, atravessou seu corpo e atingiu em cheio o cavalo.

Os três tombaram.

Laura, Matheus e cavalo. – Cada um com a sua cruz. – A mãe repetira por toda uma vida. Cada qual com seu destino foi o que Laura pensou, ajoelhada ao lado do pobre animal. Não estava em seu destino ressuscitar um cavalo. Beijou o bicho que pareceu cerrar os grandes olhos, aliviado e agradecido.

Ressuscitava seres humanos!

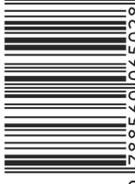
Era o que estava escrito na lápide do deserto cemitério daquela pequena cidade onde o tempo continuava teimando em não passar. Sobre ela, um senhor de brancos cabelos que só agora despontavam, depositara uma pedra. A quadragésima terceira... Agradecido, talvez, àquela jovem que um dia, há tantos anos, por algum misterioso motivo escolhera ressuscitar a ele e não a um cavalo.

Cada um com a sua cruz...

O velho Matheus deixava para trás a datada inscrição. Ainda tinha os olhos de lince, as mãos porém, já não eram de predador.

Laura * 1958 / † 1976.

ISBN: 978-85-60065-02-8



9 788560 065028

